

# **As identidades do território invisível**

## **Paisagens de Valongo “entre serras”**

**Carlos Bruno Fontes de Andrade Pereira**

Orientação por: Teresa Manuel Almeida Calix Augusto

**FAUP**

**Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura**

**Ano letivo 2015/2016**

## Abstract EN

The majority of humankind currently lives in fragmented urban territories. In general, these have been developing since the 19th century industrial revolution, leaving behind the canonic city and its organization models determined by criteria of relevance. These territories broadly consist of expanded existing centers, emerging new centralities, and coalescing built nuclei, which engulf unbuilt farmland and forest areas within the urban grid, challenging acquired basic notions of spatial perception.

In recent decades many studies have focused on the understanding of urban spread and densification phenomena. However, very few have paid attention to interstitial urban areas or those that fit poorly such concepts as catalysis or enhancement potential. In such territories, each fragment consists of an autonomous unit that interacts insufficiently with the whole due to unfamiliarity or withdrawal from the bustling areas, triggered whether by their location or by inadequate service provision.

Inhabiting these territories presupposes fast displacements between outlying points, distorting the perception of spatial relations, and forging a vague knowledge of local structures. Altogether this makes those interstitial areas unknown. Likewise, the de-ruralization and the underlying socioeconomic changes of earlier rural areas (that are now part of the urban territory), still generates a certain degree of incomprehension when confronting the organization of society and such spatial materialization.

The convergence of these factors nurtures misperceptions or misunderstandings that translate as illegibility in the ways of regarding the physical dimension of contemporary urbanity. The least known areas of the territory, possibly misunderstood in their miscegenation of rural and urban elements, lacking polarization ability for their deficient service provision, remain marginalized. These areas, to a large extent, aside from the fluxes of full urban operation, become 'insulated' and constitute a part of what can be considered an invisible territory.

In order to improve our understanding about such complex realities of the contemporary urban territory it is necessary to formulate phenomena behind the more pronounced insulation character of some of its fragments. To start with we need to identify them as these areas are located on a specific territory, delimited and restricted to an identity landscape grounding. This must be understood in its interconnection with the urban structure. Likewise, it is crucial to proceed to their effective interpretation, avoiding an analytical detachment and performing a closer observation. In pursuing this approach it will be possible to establish relations among elements that constitute the urban areas, instigating the understanding of the invisible territory and its desirable integration in the holistic conception of the contemporary urban territory.

## Abstract PT

A maioria da humanidade vive, atualmente, em territórios urbanos fragmentados. Estes têm-se desenvolvido, genericamente, desde a primeira revolução industrial, suplantando a relevância da cidade canónica e dos seus modelos de organização. Estes territórios são originados, em traços gerais, pela expansão de centralidades existentes, o surgimento de novas centralidades e a coalescência entre os vários núcleos edificados, incorporando áreas não edificadas – agrícolas, florestais – no seio dos tecidos urbanos, pondo em causa as noções básicas e consensuais de perceção espacial.

Se nas últimas décadas muitos são os estudos que se têm dedicado à compreensão do fenómeno de densificação e de disseminação dos espaços urbanos, poucos são aqueles que se concentram nos espaços intersticiais ou nas áreas que não respondem positivamente a conceitos como catálise ou potencial de dinamização. Em tais territórios, cada fragmento constitui-se como uma unidade autónoma num todo que interage deficitariamente com o resto, dado o seu desconhecimento, o seu afastamento das áreas em permanente ebulição, devido quer à sua localização quer a certas insuficiências na dotação de serviços.

O modo de vida nestes territórios pressupõe a rápida deslocação entre pontos separados por longas distâncias. Nessas deslocações, a perceção das relações espaciais é distorcida, a noção da estruturação do território, a nível local, é vaga e muitas áreas intersticiais tornam-se desconhecidas. Igualmente, o processo de desruralização de áreas outrora rurais, agora parte do território urbano, e das subjacentes transformações socioeconómicas, provocam, ainda, um certo grau de incompreensão na confrontação entre a organização da sociedade e a sua materialização espacial.

Tudo isto resulta numa certa confusão, numa incapacidade de compreensão, que se traduz em ilegibilidade nas maneiras de ver a dimensão física da urbanidade contemporânea. As áreas menos conhecidas do território, incompreendidas, possivelmente porque resultantes da miscigenação de elementos rurais e urbanos, com insuficiências a nível de serviços e incapacidade, por isso, de polarização, permanecem, de certa forma, marginalizadas. Essas áreas, de algum modo, à parte dos fluxos do pleno funcionamento urbano, tornam-se isoladas, constituindo uma parte invisível do território.

Para uma aproximação a estas realidades complexas do território urbano contemporâneo é necessário enunciar fenómenos que contribuem para o carácter de maior isolamento de alguns dos seus fragmentos, com o intuito de identificá-los. Estas áreas localizam-se num território específico, delimitado e condicionado por uma base paisagística identitária que é necessário compreender, na sua interligação com a estrutura urbana. É igualmente crucial proceder à sua efetiva interpretação, evitando certos distanciamentos analíticos e observando-as de perto. Desta forma, será possível estabelecer relações entre os elementos que constituem estas áreas urbanas, iniciando a compreensão do território invisível e a sua desejável integração na conceção holística do território urbano contemporâneo.

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>1 À procura do território invisível</b>	<b>18</b>
Identificação de áreas de carácter isolado em Valongo “entre serras”	
1.1.1. Visibilidade	23
1.1.2. Atratividade	35
1.1.3. Conectividade	43
1.1.4. Legibilidade	45
1.1.5. Áreas com carácter de maior isolamento	61
1.2. Comentário final	64
<b>2 Discurso identitário da paisagem</b>	<b>66</b>
Uma análise da paisagem e da identidade de Valongo “entre serras”	
2.1. Um discurso identitário da paisagem de Valongo “entre serras”	71
2.2. Comentário final	85
<b>3 Incursão no território invisível</b>	<b>86</b>
Exercícios de imersão urbana em Valongo “entre serras”	
3.1.1. Suzão, Valongo	88
3.1.2. Retorta, Campo	96
3.1.2. Lomba/Costa, Sobrado	108
3.2. Comentário final	118
<b>Conclusão</b>	<b>120</b>
Bibliografia	128
Créditos das fotografias e plantas	130
Agradecimentos	131

# Introdução

Os territórios urbanos atuais, onde a maioria da humanidade vive, são fragmentados. Constituindo-se como unidades autónomas é possível que algumas destas áreas permaneçam num modo de interação deficitário com o resto do território, tornando-se invisíveis e dificultando a sua compreensão e integração num processo de planeamento abrangente.

As dinâmicas que deram origem aos territórios urbanos atuais, nomeadamente o crescimento de centralidades existentes, o surgimento de novas centralidades e a coalescência entre os vários núcleos edificados, incorporando áreas não edificadas no seio dos tecidos urbanos, contam-se como razões gerais da sua fragmentação física. Além disso, as vivências de cada habitante nesses territórios também resultam dispersas, cruzando-se, apenas, em algumas áreas focais, permanecendo o resto do território em segundo plano. Assim, a perceção do território urbano é necessariamente fragmentária.

O modo de vida nestes territórios pressupõe que os seus habitantes percorram longas distâncias rapidamente, entre os pontos onde se focam as suas necessidades e interesses, sem que tenham obrigatoriamente a noção dos espaços intersticiais entre esses pontos. Mesmo que haja uma noção mais clara da estrutura do território, por uma questão de orientação, muitas das áreas que o constituem permanecerão sob um certo grau de desconhecimento. Além disso, a assunção acerca da realidade de certas áreas menos conhecidas, entre mudanças socioeconómicas profundas processadas mais rapidamente pela sociedade que pelo território, cria um certo grau de incompreensão.

O desconhecimento e a incompreensão de certas áreas banais do território urbano fragmentado têm como contraponto o enviesamento da atenção para áreas mais características, possivelmente de mais fácil compreensão e de maior familiaridade, e, inclusivamente, onde a sensação de pertença seja sentida mais satisfatoriamente. Estas são áreas bastante expostas, onde se cruzam as vivências de um grande número de pessoas. Entretanto, as outras áreas, quase isoladas desse grande fluxo de vivências, desconhecidas e pouco compreendidas, formam um território praticamente invisível. Será necessário identifica-las, para visualizá-las e, ainda que parcialmente, devido à sua complexidade, tentar conhecê-las.

A cidade evoluiu segundo lógicas organizacionais distintas daquelas que a moldaram durante séculos até ao advento da chamada primeira Revolução Industrial, com mudanças a nível morfológico e económico-sociais (nomeadamente de organização do trabalho), e, principalmente, a partir de inícios do século XX, com mudanças profundas na organização da própria sociedade, com o incontornável reflexo na conformação espacial do habitat humano.

O ritmo crescente do contínuo desenvolvimento das mais diversas tecnologias – dos transportes às comunicações – determinou as mudanças demasiado rápidas nos mais diversos níveis da vida humana, diminuindo a capacidade de reação. A nível espacial, quer pela incapacidade de responder às necessidades das populações provocada por tais mudanças, quer mesmo pela proliferação de novos modelos teóricos de cidade e a sua contribuição para as práticas de urbanização, instalou-se um certo grau de confusão e incompreensão, quanto mais díspares se tornaram as mudanças espaciais em relação à cidade canónica – compacta, bem delimitada e de inequívocas relações entre as diversas funções e espaços, públicos e privados. O modelo da cidade canónica deixa gradualmente de fazer sentido, perante as transformações mais recentes do território. No entanto, aquela continua a ser vista como o modelo de referência natural da cidade.

A expansão constante da cidade e a mudança das tipologias urbanas estruturadas pelo desenvolvimento das vias e meios de comunicação, de modo particular a introdução do caminho-de-ferro<sup>1</sup>, na segunda metade do século XIX, criaram áreas de influência em torno dos principais centros urbanos, que se expandiram de forma radial. A partir de então, a lógica de proximidade deixa de ser uma condicionante incontornável para a distribuição da população e do trabalho, dando-se início à reorganização radical dos sistemas de produção do território. A crescente adoção do automóvel como meio de transporte de pessoas e mercadorias proporcionou o desenvolvimento de áreas urbanas entre e mais além das faixas urbanizadas pelo sistema radial assente no caminho-de-ferro. A dispersão facilitada pelo automóvel está na base da já referida disseminação da urbanização e fragmentação do território urbano contemporâneo.

As redes de interação entre aglomerados, que até ao século XX se encontrariam relativamente isolados na paisagem, tornam-se mais evidentes com a criação de áreas metropolitanas, a partir da década de 1940, e o desenvolvimento de conurbações urbanas de uma maneira geral. Os aglomerados dessas áreas expandiram-

se a ponto de se confundirem fisicamente, levando à obsolescência de muitos dos limites administrativos existentes. Esta dinâmica de fusão de aglomerados distintos e, conseqüente, de cruzamento das suas economias, apontaria já para contactos além dos próprios limites e mesmo à procura de mercados globais.

A localização física nestas redes urbanas liberalizou-se, devido à facilidade dos contactos, que teriam já sido proporcionados pelo desenvolvimento dos meios de telecomunicação. Mas, com o advento da informática, a partir dos anos de 1970, por um lado, e a crescente terciarização, por outro lado, as atividades humanas tenderam a organizar-se de tal forma que, em muitos casos, deixaram de respeitar limites físicos, num mundo organizado globalmente. Neste novo paradigma, as novas fronteiras tornaram-se, porventura, os endereços de IP e os fusos horários, pela necessidade de organizar trabalho em diferentes partes do globo. Nas cidades, este desfasamento entre o suporte físico e as geografias próprias das diferentes atividades não é sentido, apenas, pela banalização do uso da internet. É algo já enunciado com o desenvolvimento dos transportes e as novas vias de trânsito rápido, que tornaram necessário pensar o espaço também, e sobretudo, em função de distâncias temporais e não apenas físicas.

A relatividade das distâncias físicas é bastante evidente e não será algo totalmente novo. Para uma mesma distância podem considerar-se diferentes tempos de deslocação, consoante o tipo de transporte, a sua velocidade e o congestionamento das vias que se percorrem. O trânsito caótico de grande parte das cidades, provocado pela explosão do número de automóveis, é também um fator que pode alterar a sensação de distância. Em muitos casos, qualquer distância física ou temporal é insignificante perante a facilidade de envio de e-mails (correio eletrónico), tal como terá já sido com o telégrafo, o telefone ou fax.

A proximidade deixa gradualmente de determinar a localização da habitação, do trabalho, do lazer. No entanto, é nas cidades e nas imediações próximas que se localizam, cada vez mais, os polos de atração e os centros de poder. Tal acontece, apesar da pressão sobre os espaços urbanos e da própria conjuntura económica de liberalização, do aumento das desigualdades na distribuição do rendimento ou do ambiente urbano crescentemente deteriorado, nas cidades terciarizadas e internacionalizadas, a partir das décadas de 1970 e 1980. Com a gradual preocupação com a qualidade do ambiente urbano, a fixação de populações passa a ser ditada, também, pela atratividade das áreas urbanas, na procura da localização ideal para um determinado estilo de vida.

Esta conjuntura económica, social e espacial é própria de um modelo de cidade já muito distante do da cidade tradicional. Nas décadas finais do século XX, a cidade é já um território policêntrico regional. Este território é composto por uma rede em expansão de aglomerados urbanos, de dimensão e concentração populacional variantes, e por novas polaridades que vão surgindo em pontos-chave da rede de mobilidade regional.<sup>2</sup> Estas estruturas tomaram conta de vastas áreas de território, que anteriormente não seriam urbanizadas, deixando certas áreas também por edificar, mas mudando, necessariamente, a relação entre áreas edificadas e não edificadas. O que no modelo tradicional era considerado o campo deixa de se distinguir do que era considerado a cidade. Ambas as realidades misturam-se, formando um território complexo e fragmentado.

A miscigenação dos territórios atuais, resultante do cruzamento de elementos urbanos e rurais, é responsável por uma certa confusão nas maneiras de ver a cidade. É possível que esta cidade seja criada por uma sociedade que se materializa de maneira diferente da forma como se concebe mentalmente. Neste território, no qual o urbano se expandiu por áreas anteriormente rurais, assiste-se a processos de desruralização. A economia, a sociedade e os sistemas de culturas agrícolas tradicionais são desmantelados.<sup>3</sup> Os campos são abandonados ou as culturas tradicionais são trocadas por outras mais rentáveis, os métodos de cultivo são substituídos e o território agrícola é artificializado na transição para a agroindústria. Surgem sistemas de rega e outros elementos artificiais na paisagem, tal como estábulo de criação intensiva e áreas de estufas. O território desruralizado pode ser florestado, os seus edifícios reutilizados como segundas residências ou postos ao serviço do turismo e os campos podem deixar de ser cultivados, tornando-se jardins, criando-se novas paisagens. Estas transformações impossibilitam a associação direta da agricultura com o mundo rural, como acontecia tradicionalmente.<sup>4</sup> Ainda assim, essa associação ainda faz parte, em grande medida, do senso comum.

Estas mudanças na paisagem e a evolução da agricultura tradicional para práticas contemporâneas provoca um certo sentimento de perda. A oposição à mudança das tradições e valores rurais tradicionais cria a ânsia de os conservar e reverter o processo. No entanto, tais mudanças são, tão somente, resultado das alterações enraizadas na sociedade contemporânea, na qual os valores da economia global e as práticas genéricas daí decorrentes se tornaram a norma. A urbanização atual com a respetiva incorporação de elementos agrícolas são o produto da criação do suporte físico da organização de uma sociedade económica e socialmente urbana.<sup>5</sup>

A urbanidade da sociedade não está exclusivamente relacionada com uma forma urbana específica<sup>6</sup>, é, antes, o devir de um 'estar' cultural e social dos habitantes de qualquer área, do seu grau de educação, do seu estatuto socioeconómico, da sua postura no mundo, que devem resultar principalmente na tolerância em relação a cada um e ao que lhes é exterior. Tal verifica-se em áreas de raiz rural, inclusivamente agrícolas, que fazem parte de áreas urbanas fragmentadas; ou pode verificar-se, também, noutras áreas agrícolas, em regiões muito pouco ou nada urbanizadas. Isto porque, de igual modo, a ruralidade correspondia, também, a um modo de vida, no qual a visão do mundo é fechada, atávica e se favorecem práticas culturais tradicionalistas<sup>7</sup>.

A atribuição de um ou outro modo de vida a certas áreas mais edificadas ou mais agrícolas, pode gerar alguma incompreensão do território urbano fragmentado. A dificuldade em perceber uma área desruralizada, ainda agrícola e morfologicamente semelhante ao rural tradicional, como sendo tão urbana como uma área edificada e não agrícola, pode ser uma razão para a negação de tais realidades territoriais. Pode ser, também, uma razão para definir essas realidades como não-cidades, às quais é difícil atribuir uma identidade, por se considerarem as mesmas descaracterizadas.

A falta de identidade, todavia, é uma sensação que pode ser percebida como uma crise ambiental geral, certamente causada pelas mudanças estruturais nas cidades durante o último século, sentidas a nível espacial e simbólico. Por um lado, os tecidos urbanos abriram-se e expandiram-se, tendo-se perdido em muitos casos a continuidade e a coerência espacial da cidade canónica, por outro lado, a construção indiferenciada, transformou, muitas vezes, a arquitetura em contentor puramente funcional, sem criar envolventes simbolicamente reconhecidas, características e específicas. A tendencial perda de estruturas coerentes e facilmente legíveis, a crescente generalização dos elementos urbanos na paisagem e a inversão do rácio, ou da relação, entre espaço aberto e construção têm consequências a nível da percepção. A orientação nestes territórios contemporâneos pode ser árdua e a própria identificação com os lugares difícil. A interferência nos processos de orientação no território e na identificação pode resultar num certo grau de alienação, pela dificuldade de relacionamento com os lugares físicos. Mas a própria extensão das cidades e as características de mobilidade podem contribuir para esta aparente abstração. As viagens pendulares entre diversas partes do território, a aceleração durante as deslocações e todo o tipo de distrações da paisagem envolvente, causam

descontinuidades na percepção. A leitura do território é distorcida, sem o desvelamento gradual dos lugares, perdendo-se a noção da organização de certas áreas.

A identidade, nascida da relação dos habitantes com os lugares, da sua identificação com eles, é compreendida também na justaposição das experiências quotidianas espalhadas pelo território.<sup>8</sup> No entanto, nessa experiência rotineira, os lugares que são, de certa forma, suprimidos, permanecem desconhecidos, contribuindo para a sua desvalorização. Tal facto impossibilita a fácil resolução de problemas relacionados com a difícil evolução dos modelos tradicionais para um modelo atual melhorado, não só a nível mental ou conceptual, mas mais desafortunadamente, a nível funcional e na relação das partes que constituem a totalidade do território.

## **Objeto de estudo**

Partindo-se das preocupações que acabámos de expor, o trabalho que propomos terá como caso de estudo uma parte do município de Valongo, da qual serão, no decurso das análises, selecionadas áreas específicas.

O município de Valongo situa-se a nordeste da cidade do Porto, integrando o núcleo central de municípios da respetiva área metropolitana. Ainda assim, devido à urbanização dispersa e às características topográficas do concelho, grande parte da sua área apresenta uma condição periférica, sentida nas imagens da paisagem urbana que proporciona, atribuída pelo senso comum, e corroborada por dados socioeconómicos, que, contudo, não fazem parte deste estudo que se concentra, sobretudo, numa leitura de âmbito espacial mais física.

O tecido urbano do concelho é, de uma forma geral, fragmentado. A cidade de Ermesinde, no entanto, aproxima-se, em algumas zonas, de uma morfologia mais compacta que a dos restantes aglomerados. No seu todo, este território é constituído por núcleos pouco densos, separados por edificação dispersa e funções diversificadas que se misturam com terrenos agrícolas e florestais em pleno uso. Todos estes elementos são estruturados pela rede viária, composta por vias hierarquicamente organizadas, incluindo vias arteriais regionais – estradas nacionais e autoestradas –, que fazem a ligação entre as diversas partes da área metropolitana e desta com o território mais além.

A área que estudaremos e a que chamamos Valongo “entre serras” é uma parte do concelho de Valongo, constituído pelas freguesias de Valongo, Campo e Sobrado. Esta parte do território permite uma mais fácil demarcação de uma área, cujos limites dos tecidos urbanos correspondem aos limites administrativos, proporcionada principalmente pelas formações orográficas dos vales de Valongo e Sobrado.

De igual modo, a escolha de Valongo “entre serras” como caso de estudo para a presente dissertação, permite o acesso mais simples a dados ainda atualizados que se adquiram e organizaram no âmbito da prova final de licenciatura<sup>9</sup>. O desenvolvimento anterior daquela investigação tornará também possível rever pontos de vista, visitar e aprofundar conceitos que contribuam para o estudo que apresentamos sob um ponto de vista claramente distinto no presente trabalho.

## **Objetivos**

Através da seleção do território de Valongo “entre serras”, como objeto de estudo, pretende-se contribuir para a criação de uma imagem de aproximação a realidades complexas do território urbano contemporâneo que carecem de uma efetiva visualização. Tenciona-se, não apenas perceber certos fenómenos que ocorrem nos tecidos urbanos com maior vitalidade, mas também contribuir para o reconhecimento de que, em certas áreas, esses fenómenos ocorrem de maneira insuficiente. Pretende-se com esta investigação reconhecer que as áreas de carácter mais isolado necessitarão de esforços de desenvolvimento, não obliterando as suas especificidades, mas percebendo-as e aceitando-as, para, a partir delas, desenvolver áreas urbanas física e conceptualmente harmoniosas.

Seguindo estes objetivos gerais, primeiramente identificaram-se áreas específicas, dentro do território de Valongo “entre serras”, que exemplificam a condição de invisibilidade ou de hipotético isolamento. Este é entendido não literalmente, mas segundo uma série de características que causam, em geral, pouca visibilidade ou desvalorização. Para essa identificação interpretaram-se dados sobre a distribuição territorial das dinâmicas urbanas, ao nível da polarização no território, da geração de tecidos urbanos, das movimentações quotidianas e da própria criação de imagens explicativas das relações entre as diversas partes do território.

Tendo uma noção mais detalhada da estruturação de Valongo “entre serras”, através de fenómenos urbanos aí ocorrentes, procura-se deslindar a sua base paisagística. Esta é constituída por elementos naturais que são percebidos pela observação direta dos seus limites, formando um sistema de espaços, assim como pelas sucessivas marcas de ocupação que permitem perceber a fundação cultural da paisagem. A descrição da interação entre o sistema de espaços naturais e as marcas de ocupação permitirá criar um discurso que estabeleça uma interpretação profunda e exponha a complexidade desta paisagem específica.

Por fim, a observação da paisagem urbana através de exercícios de imersão urbana nas áreas identificadas como mais isoladas, permitirá trazer para primeiro plano um território que permanece invisível na parafernália de fenómenos urbanos e elementos paisagísticos que determinam e caracterizam os territórios urbanos fragmentados.

## **Estrutura**

A tese estrutura-se da seguinte forma. Após esta breve introdução, no capítulo 1, intitulado “À procura do território invisível”, recorre-se a uma série de análises de características e fenómenos urbanos com o intuito de procurar o território invisível, ou seja, identificar as áreas do território que estão de diversas maneiras mais isoladas das dinâmicas urbanas que agitam a cidade. A hipótese explicativa desse isolamento traduz-se na verificação simultânea de características de menor visibilidade, menor atratividade, conectividade deficiente e fraca legibilidade.

Para investigar a visibilidade estudaremos os fenómenos da centralidade e de polarização no território. Os lugares centrais concentram serviços e constituem-se como pontos marcantes na rede territorial urbana, estatuto esse que pode ser hierarquizado segundo o tipo de serviços, a posição relativa às vias de deslocação preferencial, as características mais ou menos distintivas das construções e dos espaços abertos.

Para o estudo da atratividade, analisaremos as dinâmicas construtivas que geraram os tecidos urbanos até ao final da década passada. Durante esse período de desenvolvimento por expansão, novas construções surgiram ao longo de eixos preferenciais de deslocação, preencheram espaços dentro da malha urbana, ou surgiram em diversas localizações, junto aos núcleos existentes ou em locais mais isolados, com escalas variáveis.

No que concerne a conectividade, conceito que definiremos como a acessibilidade à rede de mobilidade proporcionada pelos transportes coletivos, analisaremos a distância percorrível a pé, a partir de cada ponto de acesso a transportes públicos, é relacionada com a frequência do serviço e a relevância do destino.

Para estudar a legibilidade, concentraremos a análise nos locais cruciais para a deslocação e orientação no território de Valongo “entre serras”. As vias de deslocação principal transmitem imagens que indicam o posicionamento no território, interior ou exterior aos aglomerados. A relevância dos cruzamentos principais pode ser mais ou menos perceptível. De igual modo, também a relevância das vias capilares principais pode ser mais ou menos aparente e o seu destino mais ou menos evidente. Com a sobreposição destas análises, que permitem perceber as áreas mais valorizadas do território, identificam-se, por fim e por oposição, as áreas menos valorizadas, logo, aquelas cujo carácter é mais isolado.

No capítulo 2 analisa-se a paisagem do território onde se inserem as áreas identificadas como mais isoladas no capítulo anterior. Para investigar essa base paisagística, analisa-se a relação entre o sistema de espaços naturais de Valongo “entre serras”, as sucessivas marcas de ocupação desse território e a implantação dos assentamentos iniciais. O sistema de espaços naturais torna-se evidente na relação entre os diversos elementos constituintes do relevo do território, nomeadamente vales e elevações, e das interpretações que o Homem lhes atribuiu. As marcas de ocupação sucessiva, constantes da Carta Arqueológica do Concelho de Valongo, permitem perceber como o sistema de espaços terá sido apropriado, desenhando-se uma explicação da própria paisagem local. Os assentamentos iniciais surgiram na paisagem, consolidando a estrutura desta, e adaptaram-se a ela, tornando-a na estrutura da sua própria implantação. O contributo desta dissecação das várias etapas de interpretação da paisagem determina um discurso identitário da paisagem específica que se analisa.

No capítulo 3 a interpretação da paisagem que se propõe é complementada pela observação direta de áreas de carácter mais isolado, identificadas anteriormente. Os exercícios de imersão urbana, permitem a observação dessas áreas específicas com o intuito de garantir uma maior aproximação à sua realidade. Identificam-se alguns elementos ou características marcantes que se evidenciaram, perante o olhar de um observador específico, quer por contraste em relação à envolvente, quer por repetição. Cada elemento destas áreas é identificado o mais simplesmente possível e agrupado em conjuntos de elementos semelhantes. Semelhanças e diferenças são expostas lado a lado, criando-se uma imagem panorâmica, quase crua, destas áreas de carácter isolado no território atual.

Na última parte do trabalho apresentaremos as principais conclusões resultantes das análises realizadas, bem como refletiremos acerca de potenciais limitações e sugestões de possível desenvolvimento subsequente deste trabalho.

**Notas:**

- 1 SIEVERTS, Cities..., p.1
- 2 LÓPEZ DE LÚCIO, Ciudad y..., p. 158
- 3 DOMINGUES, Identidade e..., p. 11
- 4 *Ibidem.*
- 5 DOMINGUES, Identidade e..., p. 42
- 6 SIEVERTS, Cities..., p. 19
- 7 DOMINGUES, Identidade e..., p. 34
- 8 BOERI, Atlases..., p. 112
- 9 PEREIRA, Identidades...

# À procura do território invisível

Identificação de áreas de carácter isolado em Valongo “entre serras”

Todos os elementos que constituem o território podem ser organizados hierarquicamente de acordo com o âmbito e a intenção de qualquer análise.

Na Área Metropolitana do Porto, por exemplo, a cidade do Porto é hierarquicamente a área mais central e mais relevante do ponto de vista representativo. Assim, condensa uma identidade forte que é reconhecida em toda a região. Sob a luz de teoria negativas, dominantes até recentemente, isto estaria na oposição ao facto de o território circundantes não passar de uma extensa área anódina e por isso sem qualquer identidade.

No entanto, todos os lugares têm a sua identidade particular. E Valongo “entre serras” é uma dessas partes do território cuja identidade foi sendo menos considerada e cujo estudo carece de mais desenvolvimento. Também aí se podem encontrar diversas identidades, correspondendo a muitas áreas distintas com características particulares. O território que se nos afigura é muito menos monótono que o que nos fora levado a crer.

Da mesma forma que não é possível caracterizar o território linearmente falando de identidade, dizendo que umas áreas são relevantes e outras irrelevantes, também não é possível ignorar que partes do território – tendencialmente consideradas de acordo com os limites administrativos – são constituídas por áreas distintas com características por vezes contrastantes.

As freguesias de Valongo, Campo e Sobrado são, de uma forma geral, distintas. A paisagem do vale de Valongo é necessariamente diferente da do vale de Sobrado, os assentamentos e a sua organização no território também. Estas características podem ser verificadas em cartografia. Além disso, a experiência dos lugares também nos sugere diferenças. O aglomerado de Valongo é mais extenso que outros aglomerados no território “entre serras”; considerando a concentração de serviços, a freguesia de Valongo é também mais relevante que as de Campo e Sobrado. Em Campo ainda há marcas de industrialização, de extração e transformação, que persistem, quer nas ruínas de edifícios que albergavam essas funções, quer nos edifícios ainda em funcionamento. Sobrado, por outro lado, ainda apresenta uma forte presença de agricultura.

Se atendêssemos apenas a estas características gerais, correríamos o risco de ignorar a maior diversidade territorial que não é de todo equívoca. Num extremo, se fossem essas afirmações generalizadoras a formulação da imagem mental desses lugares, estaríamos também a ocultar as áreas cujas características não correspondem a essas afirmações.

Exemplos disso são os aglomerados do Suzão e de Valongo, que embora façam parte da mesma freguesia são completamente distintos. O primeiro tem traçados mais rurais e a presença da agricultura é mais evidente, ao contrário do segundo, que, como já dissemos, seria mais caracterizável pela concentração de serviços. Mesmo na freguesia de Sobrado, onde o rio Ferreira proporciona amplas áreas de cultivo, há áreas mais marcadamente agrícolas que outras.

As áreas cujas características não encaixam na generalização feita das características de um dado território são eclipsadas nessa formulação e possivelmente menos consideradas na imagem geral coletiva. É assim necessário identifica-las e visualizá-las.

No presente estudo consideramos quatro equações que contribuem para a fraca presença de certas áreas do território na imagem mental geral, tornando-as mais isoladas.

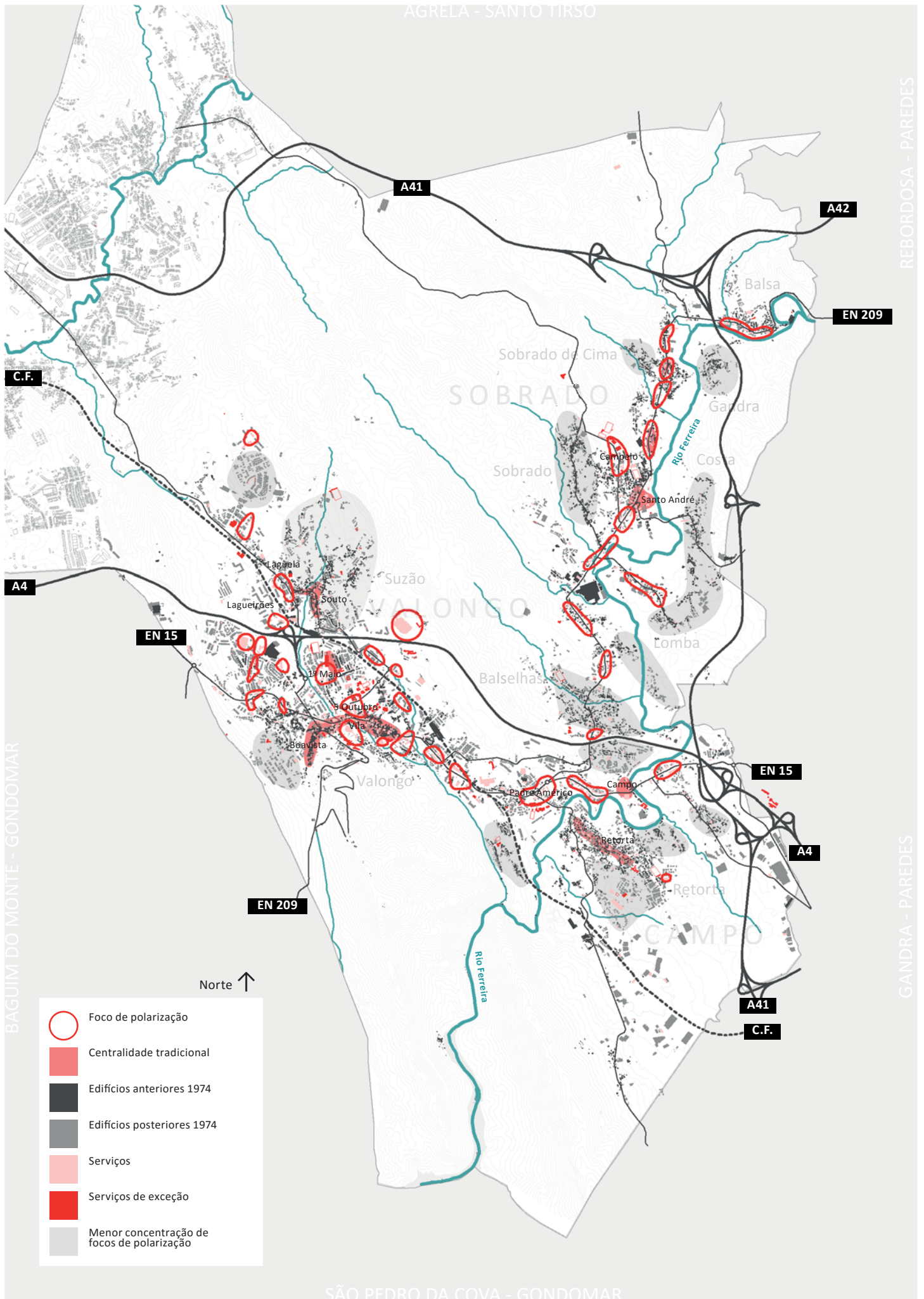
A fenómeno da fraca visibilidade de certas áreas pode estar relacionado com a mais baixa ocorrência de lugares onde as vivências de um maior número de pessoas se cruzam. Esses lugares – centros ou focos de polarização onde grande parte das atividades coletivas se realizam e os serviços se concentram – tornam-se referências e são familiares para um determinado grupo, fazendo parte de uma rede que se estende no território. As áreas onde a concentração de centralidades e focos de polarização é menor são menos conhecidas de um grupo alargado de pessoas e por isso menos visíveis.

A menor atratividade de certas áreas pode também indicar um carácter de maior isolamento. Para o estudo consideramos as áreas onde as dinâmicas construtivas indicam uma maior atividade do setor imobiliário. É necessário ter em conta a crise que o setor sofre desde 2008, quando se instalou a crise bancária. A atividade do setor abrandou, ou estagnou em certas áreas, e, entretanto, modificou-se. No entanto, os dados que consideraremos para análise comparam edificação anterior e posterior a 1974. Tendo em conta a edificação posterior a 1974, trata-se de elementos que talvez permitam ter uma visão consistente das dinâmicas construtivas que foram moldando o território “entre serras” ao longo de décadas e que são ainda presentes, independentemente das mudanças no setor imobiliário. As áreas menos dinâmicas do ponto de vista da construção, e segundo a lógica enunciada, são menos procuradas e, assim, as menos atrativas.

A conectividade é, talvez, uma característica mais literalmente relacionada com o isolamento. O desenvolvimento atual do território está, em grande medida, assente numa lógica de mobilidade individual. Esse facto explica certas características de distribuição difusa das formas urbanas. No entanto, a essa lógica pode não corresponder outras lógicas de localização da habitação, do trabalho e mesmo do estatuto económico-social. Assim, é necessário ter em conta meios de transporte coletivo mais democráticos, por serem economicamente mais acessíveis à maioria da população. A acessibilidade física pode indicar uma maior ou menor conectividade das áreas em estudo à rede urbana geral.

A legibilidade da organização do território pode ser percebida nas pistas que o Homem depreende na sua interação com o meio circundante, nas vias estruturantes do território e, mais propriamente nos pontos onde elas se cruzam. Torna-se, assim, crucial para a orientação nas suas deslocações. A boa legibilidade é também importante na identificação não apenas das áreas mais próximas onde ocorrem as vivências diárias, mas também daquelas mais longínquas, raramente visitadas. Um território é tão mais legível quanto maior for a correspondência entre a imagem mental da aparência do que é observado e a realidade. Um território pouco legível na sua totalidade seria aquele onde, nos pontos de cruzamento das vias que o estruturam, não se percebesse que direção tomar, ou onde certas áreas ficassem ocultas pela impossibilidade de perceber a sua existência, dando origem a áreas isoladas, pelo menos na imagem mental geral.

As análises que se seguem permitem perceber quais as áreas mais visíveis, atrativas, conectadas e legíveis. Far-se-á depois a ilação das áreas onde o oposto ocorre. Essas áreas serão as mais isoladas, menos consideradas porque mais desconhecidas e, por isso, parte do território invisível.



Planta I. Visibilidade, segundo concentração de centralidades e focos de polarização

### 1.1.1. Visibilidade

A vida humana em movimento torna-se estável nos centros<sup>1</sup>. É aí que, independentemente da sua muito variável dimensão e capacidade de polarização, uma estrada se alarga e essa nova configuração espacial convida e cria possibilidades a um abrandamento de ritmo, criando-se condições para trocas económicas e culturais. Esta característica faz dos centros os lugares onde tradicionalmente as diversas esferas da vida quotidiana se tornam tangíveis, onde o local contacta com o exterior e vice-versa. Aí é onde faz mais sentido que se estabeleçam domínios e como lugar simbólico consensual é onde se localizam as construções mais representativas<sup>2</sup>. É nos centros que se vê e se é visto. Este conjunto de características torna os centros lugares excecionais, logo, de referência. Os centros são assim os lugares mais visíveis e reconhecíveis dos aglomerados a que pertencem.

Atualmente, no território encontra-se um conjunto complexo de centralidades que o pontuam e caracterizam e através das quais os habitantes interagem em rede. [ *ver planta 1* ] Certas centralidades são mais estabelecidas, correspondendo aos centros tradicionais, com toda a sua carga simbólica representativa de uma certa identidade local; outras centralidades são emergentes, funcionando como focos de polarização, em locais onde os processos de interação e reconhecimento, pela condensação dos usos, poderão criar ou terão criado novas centralidades.

As centralidades podem caracterizar-se quanto aos padrões de localização, diversidade de serviços, tipologias de construção e definição do espaço aberto. Segundo estes fatores, podem ter diferentes graus de relevância para o território. No entanto, nesta rede em território fragmentado, centralidades tradicionais ou novos focos de polarização poderão eventualmente adquirir igual valor como pontos de referência à orientação<sup>3</sup>. Essa é uma característica comum que os torna áreas relevantes de uma potencial maior visibilidade.

As áreas centrais podem ser sinalizadas como aquelas com uma maior concentração de serviços, quer sejam mais tradicionais ou novos focos de polarização. Assim, os centros tradicionais correspondem às maiores concentrações de serviços em áreas de construção mais antiga e os focos de polarização podem ser identificados onde essa convergência ocorre em áreas de construção recente.

A posição dos centros relativamente às vias de deslocação preferencial determina uma hierarquia. Quanto mais próximos estiverem dessas vias, mais visíveis serão, logo mais importantes e menos isolados. Os centros tradicionais, pela maior

limitação intrínseca aos meios de deslocação no passado, situam-se, em grande medida, mais próximos das vias de deslocação preferenciais tradicionais. Essa localização confere-lhes um maior destaque. Embora em muitos casos a lógica de localização de novas centralidades seja semelhante, os padrões de vida atual libertaram-se dos constrangimentos das vias de deslocação tradicionais e permitem uma distribuição mais abrangente num território mais alargado<sup>4</sup>. Assim, surgem focos de polarização por todo o território, mesmo em áreas mais isoladas. Embora a localização de focos de polarização aparente ser indiscriminada, na realidade, nunca o é, sendo explicada num sistema de escala diferente do que se está a considerar, ou lógicas que vão além do que é perceptível fisicamente.

O tipo de serviços presentes nos centros e focos de polarização complementam os valores decorrentes da posição relativa às vias de deslocação preferencial. Por definição, como mencionámos, a concentração de serviços indica um ponto relevante no território. No entanto, dependendo da existência de serviços de exceção ou, apenas, de proximidade, o centro ou foco de polarização pode ter um carácter extralocal ou meramente local. A presença de serviços de exceção com uma abrangência mais ampla indica a maior importância do centro ou foco de polarização onde se localizam. Desta forma, também esses pontos centrais fazem parte do mapa mental de um maior número de pessoas, logo serão mais visíveis.

As características e conteúdo das construções que compõem os centros e os focos de polarização contribuem para uma maior ou menor sensação de centralidade. Há uma série de variáveis a ter em conta, nomeadamente, as tipologias, os atributos físicos dos edifícios, como a volumetria, a densidade e os períodos de construção, entre outros. Certas variáveis serão mais facilmente encontradas num centro tradicional e outras ao analisar um foco de polarização emergente. Mesmo na análise confinada ao território de Valongo “entre serras” é possível perceber uma tal diversidade de casos que tornaria uma sistematização destas variáveis um trabalho demasiado extenso<sup>5</sup>. Da análise empírica percebe-se que, por exemplo, a diversidade de tipologias e a variação de volumes – conjugada com a existência de serviços – pode criar uma certa sensação de centralidade. A densidade de construção e a existência de edifícios contíguos ao longo de um arruamento, cria a sensação de confinamento própria de uma centralidade tradicional – por oposição à noção de campo aberto que seria o oposto desse espaço mais fechado. De igual modo, também a existência de conjuntos de edificação que remontam a um tempo passado, verificando outras características complementares, pode indicar uma centralidade tradicional.

Os espaços abertos também podem proporcionar a sensação de centralidade, ainda que em alguns casos, muito ténue. Num território como o de Valongo “entre serras”, muitos dos espaços abertos onde essa sensação se gera podem ser, além de realmente públicos, espaços privados de uso público, mas acessíveis e sem barreiras para o espaço público. Alguns destes espaços sugerem a criação de um espaço de estar, criam a sensação de abrandamento num canal de deslocação ou simplesmente um alargamento visual, sugerindo uma centralidade. Numa centralidade tradicional, a sensação de espaço aberto – sugerindo um espaço público central, por exemplo – é dada por contraste, através de uma maior amplitude do espaço, em relação aos restantes espaços, ou um traçado de alguma forma diferenciador.

No aglomerado de Valongo, o centro tradicional mais relevante é o da Vila [ver imagem1.]. Este desenvolve-se ao longo da EN 15, que é um dos percursos preferenciais de deslocação com carácter regional que atravessam o território “entre serras”. A grande maioria dos serviços aqui presentes diz respeito aos sectores de comércio, restauração, serviços financeiros, de telecomunicações e culturais, aos quais se acrescentam os serviços administrativos da freguesia e do concelho. Estas características conferem-lhe o carácter de centralidade de âmbito extralocal. O conjunto denso de edifícios oitocentistas cria uma imagem que sublinha essa centralidade tradicional relevante.

Uma outra centralidade tradicional no aglomerado de Valongo, a área do Calvário, situa-se num dos arruamentos locais principais, correspondente à ligação tradicional entre Valongo e o aglomerado de Suzão, que entronca na EN15. Aqui situam-se os serviços desportivos e escolares, que terão servido de ancoragem no processo de expansão da área da Vila. As construções são essencialmente do século XX e contrastam, em densidade e volumetria, com a Vila.

O centro tradicional do aglomerado de Suzão é a área do Souto [ver imagem 2.]. A maior concentração de serviços, todos eles de proximidade, verifica-se ao longo do eixo tradicional de ligação à Vila, no aglomerado de Valongo, que hoje se encontra bloqueado pelo caminho-de-ferro, e o Largo do Souto. Toda a área de construção mais antiga do aglomerado situa-se a leste da EM607, uma das vias preferenciais de deslocação municipal. Embora o traçado atual dessa via seja posterior aos arruamentos centrais de Suzão, a posição relativa de ambos dita um certo carácter de isolamento de grande parte das áreas do aglomerado.



1. Vila, Valongo



2. Largo do Souto, Suzão



3. Igreja, Campo

Em Campo, as duas concentrações de serviços mais significativas encontram-se em situações de visibilidade distintas *[ver imagem 3. e 4.]*. A área a que se pode chamar de Campo, convencionada como o centro da freguesia situa-se ao longo da EN15. Aqui encontram-se a igreja matriz, o centro paroquial, um cemitério e a junta de freguesia, além de alguns serviços de proximidade. A localização e tipo de serviços, em especial a boa visibilidade da igreja matriz, fazem desta área uma centralidade relevante, apesar dos elementos pouco usuais. Além da concentração de construção ser baixa, provavelmente pela proximidade ao rio Ferreira e a envolvente de campos agrícolas, há a peculiaridade de os dois espaços abertos centrais mais visíveis da EN15 serem um cemitério e uma área de serviço.

O aglomerado da Retorta localiza-se a sul da EN15, para lá do rio Ferreira e dos campos agrícolas que o ladeiam. Em diversos pontos desse percurso preferencial de deslocação, é possível avistar o aglomerado que surge na paisagem como um conjunto homogéneo de construções de baixa densidade. A concentração de serviços mais significativa encontra-se ao longo do eixo central noroeste – sudeste *[ver imagem 5.]*, afastada quer da EN15, quer da EM610 que contorna o assentamento a sudoeste. Esta disposição espacial, aliada à grande densidade das casas isoladas e à presença exclusiva de serviços de proximidade ao longo de uma rua central tortuosa, tornam o centro da Retorta um lugar menos visível ao nível do território “entre serras”.

Na área de Sobrado, a centralidade tradicional mais relevante situa-se no aglomerado de Sobrado. Encontram-se ainda outras concentrações de serviços em perímetro de construção mais antigo, na Felgueira e em Sobrado de Cima, mas a sua relevância é menor. No aglomerado de Sobrado situam-se os serviços de exceção. Aí, o espaço público, principalmente o largo frente à igreja matriz e ao centro paroquial *[ver imagem 6.]*, são também excepcionais pelo carácter mais urbano numa área predominantemente rural. Nos casos da Felgueira e de Sobrado de Cima, os serviços são apenas de proximidade. As três centralidades tradicionais localizam-se e são visíveis da EN209. No entanto, apenas no aglomerado de Sobrado o espaço público cria uma sensação de abrandamento significativa nessa via, convidando à paragem. Tal não acontece nos outros dois aglomerados.

Os centros tradicionais distribuem-se por três áreas do território “entre serras” – Valongo, Campo e Sobrado – criando pontos de grande visibilidade em cada uma delas e proporcionando, em conjunto, um certo grau de estruturação mental do território. A visibilidade do território aumenta ao longo e junto às vias de deslocação



4. Junta de Freguesia, Campo



5. Eixo central da Retorta, Campo



6. Largo de Santo André, Sobrado

preferencial<sup>6</sup>. Em Valongo e Sobrado, os dois centros principais, situam-se ao longo das EN 15 e EN209 respetivamente. Aí, a centralidade desses lugares é óbvia também pela diversidade de funções – serviços de proximidade e exceção localizados entre edifícios de habitação de diferentes tipologias. Campo possui uma centralidade menos óbvia. As funções excecionais estão localizadas numa área onde sempre terá existido muito pouca construção – devido à proximidade ao rio e aos campos de cultivo – e os aglomerados de edifícios habitacionais mais próximos estavam relativamente distantes, a uma cota mais elevada – e, ainda hoje, são menos visíveis.

Os focos de polarização surgem um pouco por todo o território. Alguns situam-se em continuidade ou na proximidade imediata de zonas já desenvolvidas, estabelecendo-se uma relação próxima aos centros tradicionais. Também comum é o facto de estes desenvolvimentos recentes, na maior parte das vezes, não tirarem partido dessa localização em prol de um ambiente com mais qualidade.

Outros focos de polarização são completamente novos e mais isolados. Nestes casos, têm surgido nos locais onde se tem verificado mais construção: as áreas de construção recente e as áreas de coalescência e ao longo de eixos preferenciais de deslocação. Deste modo, inicia-se um novo processo de identificação que pode seguir direções distintas, resultando num desenvolvimento maior ou menor, que não deve ser caracterizado tanto pela quantidade de construção, mas, mais essencialmente, pela capacidade de polarização. Ainda assim, um edifício isolado parece menos relevante que um conjunto de edifícios, especialmente se houver sido introduzida diversidade no conjunto, através da evolução tipológica. Tal como acontece com os centros tradicionais, a presença de serviços, direcionados a um território mais amplo, também criará um foco polarizador mais relevante. Os focos polarizadores que melhor desenvolvem a condição central são os mais visíveis, sendo os mais facilmente identificáveis, dependentes da observância de características de excecionalidade propícias: ao nível da construção, através da introdução da diferença harmoniosa de programas distintos ou tipologias diversas, e, ainda, ao nível dos espaços abertos, que deverão proporcionar um abrandamento da circulação, criando espaços de estar.

A área com maior dinamismo construtivo no território “entre serras” corresponde ao vale de Valongo, onde se observam diferentes tipos de dinâmicas, em quase toda a sua extensão. Estes fenómenos construtivos estão na origem de focos de polarização, surgidos em locais muito diversos e com graus de visibilidade diferentes. No entanto, a grande maioria dos focos de polarização localizam-se ao



7. 5 de Outubro, Valongo



8. 1º de Maio, Valongo



9. Padre Américo, na ligação à Retorta, Campo

longo ou imediatamente próximos das duas estradas nacionais – a EN 15, no vale de Valongo e em Campo, e a EN209, no vale de Sobrado.

No aglomerado de Valongo, os focos de polarização mais relevantes situam-se junto às áreas de construção mais antiga – avenida 5 de Outubro [ver imagem 7.], rotunda 1º de Maio [ver imagem 8.], Travagem e Ilha –, onde, desde meados dos anos 70, foram surgindo novas construções. Estas contribuíram para a formação de focos de polarização contíguos e relacionados com os espaços públicos principais, resultando na extensão das funções de centralidade de exceção dos centros tradicionais da Vila e do Calvário. Estes pontos continuam a desenvolver-se, através da ocupação de espaços livres ou da substituição de construções mais antigas. O resultado é a consolidação da malha urbana, a diversificação das tipologias de construção e a consequente visibilidade destes pontos.

Entre Valongo e Campo, na área onde os aglomerados das duas freguesias coalescem, têm surgido diversos focos de polarização, principalmente ao longo da EN 15. Aqui verifica-se uma grande intensificação dos usos, em intervenções de maior ou menor escala, sublinhando o carácter de visibilidade das áreas imediatamente junto à estrada nacional. Este fenómeno verifica-se na continuação dessa estrada, ao longo da área de Campo. De realçar é a zona de Padre Américo, um foco de polarização na EN 15, onde esta se cruza com a EM610, que faz a ligação à Retorta [ver imagem 9.] e a EN209 [ver imagem 10.] que, a partir desta área, faz a ligação ao vale de Sobrado. O cruzamento destas vias torna este foco de polarização um lugar central na estruturação do território “entre serras”, muito embora essa condição central geográfica não seja suficientemente visível no local. No entanto, a evolução funcional deste foco de polarização poderá tender para um alargamento de âmbito garantindo uma abrangência extralocal, com uma escola, equipamentos desportivos, um motel e o centro cultural de Campo e Museu da Lousa. Estas funções criam um grau de visibilidade que outros focos de polarização em Campo não possuem.

No vale de Sobrado, os focos de polarização concentram-se maioritariamente ao longo da EN209, com exceções na Lomba e no aglomerado de Sobrado. A grande maioria corresponde a evoluções de focos de construção antiga, onde não se verificam mudanças significativas nas tipologias ou funções, continuando a lógica de proximidade. Deste modo, é impossível encontrar a diversidade de tipos de focos de polarização como em Valongo ou Campo. Os focos de polarização aqui são, por regra, contíguos a centralidades antigas, ou encontram-se em pontos com



10. Padre Américo, junto à ligação à EN 209, Campo



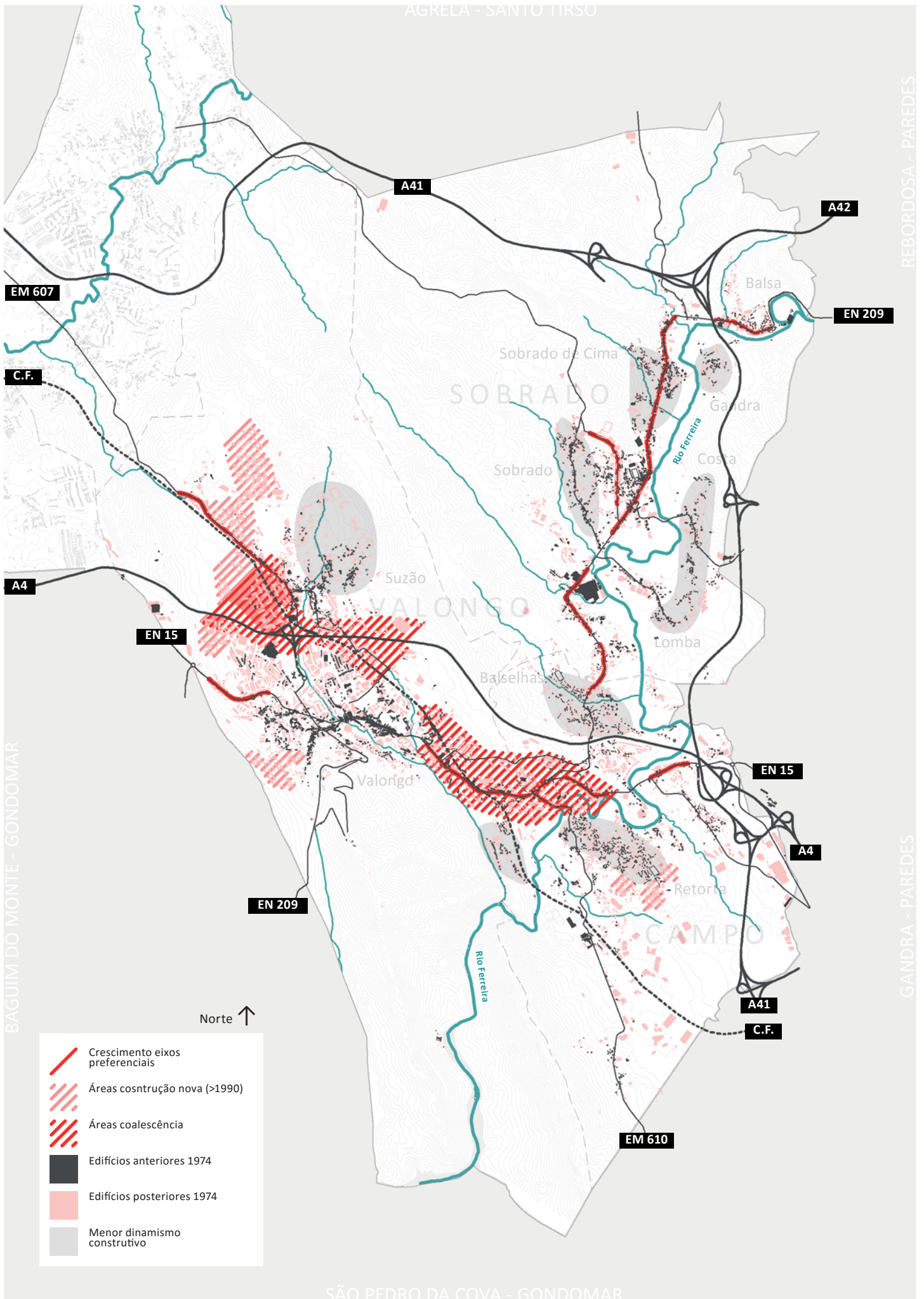
11. Campelo, Sobrado



12. Lagueirões e Lagoela, com caminho-de-ferro, Valongo e Suzão respetivamente

construção antiga que se desenvolveram. Assim, a sensação de centralidade nesses pontos evoluiu dos aglomerados mais antigos, estendendo-se ao longo da EN209, formando uma sucessão de pontos centrais relacionados com a existência de aglomerados transversais à estrada nacional. Todos estes pontos são identificáveis numa lógica de continuidade, quer tipológica quer funcional. As duas exceções são os focos de polarização de Santo André *[ver imagem 6.]* e de Campelo *[ver imagem 11.]*. O primeiro é uma evolução do centro tradicional de Sobrado para sul ao longo da EN209, com uma maior concentração de serviços mais especializados. O segundo situa-se na parte norte do aglomerado de Sobrado onde se localizam equipamentos desportivos, escolares e um centro cultural ao longo da EM 606. Santo André parece contribuir para a afirmação da visibilidade do centro tradicional de Sobrado, ao passo que Campelo, embora menos exposto, talvez possa evoluir como um ponto visível ao nível da área de Sobrado devido à oferta de serviços extralocais.

Além dos focos de polarização ao longo dos eixos preferenciais de deslocação que, tal como referimos, possuem condições de visibilidade elevada porque fazem parte da estrutura territorial “entre serras”, há outros em condições menos visíveis. Esses, ainda assim, possuem características de centralidade que os tornam pontos relevantes na estruturação interna dos aglomerados. Dessa lógica fazem parte os focos de polarização surgidos em áreas de construção nova ao longo do caminho-de-ferro em Valongo *[ver imagem 12.]*, aparentemente contribuindo para a criação de uma estrutura local que rompe com os limites físicos dessa infraestrutura viária. De forma semelhante, poder-se-ia falar dos focos de polarização ao longo dos arruamentos que fazem a ligação entre a EN15 em Valongo e a EM 607 em Suzão. Ao longo desse eixo sucedem-se pontos funcionalmente relevantes não apenas a nível local. São, por isso, pontos relativamente visíveis, que permitem a transposição das infraestruturas viárias que separam os aglomerados de Valongo e o de Suzão.



Planta II. Atratividade, segundo áreas de menor dinamismo construtivo

### 1.1.2. Atratividade

Uma interpretação possível do significado das dinâmicas construtivas, da sua incidência, do seu tipo, da sua escala, relaciona-se com o carácter de atratividade do território. Esta é, no entanto, uma leitura simples, pois não apenas a existência ou inexistência de construção e qualquer das características que se lhe possa atribuir bastarão para garantir que dado território é atrativo. Mas procurando pistas de atratividade nas dinâmicas territoriais, não seria de descorar a importância da atividade do sector imobiliário como indicador de um certo grau de vitalidade e até viabilidade económica. Tal afirmação é válida para o período anterior à crise bancária de 2008 que acabaria por atingir o sector imobiliário. No entanto, a construção resultante de anos de uma maior vitalidade do sector moldou a imagem das cidades e no processo criou áreas urbanas funcionais que, evidentemente, não desapareceram com a crise. O que mudou, entretanto, foram necessariamente os focos de atividade do sector, a diminuição da escala das intervenções, o desenvolvimento das atividades de manutenção e renovação e o crescente interesse pelo edificado com valor patrimonial. Uma grande parte das intervenções que estabelecem as dinâmicas construtivas, tais como aquelas pré-crise a que nos referimos, são de iniciativa privada, tendo o lucro como objetivo fundamental. Ao afirmar que as dinâmicas construtivas indicam graus de atratividade do território, parte-se do princípio que a atividade imobiliária dá prioridade às áreas mais atrativas como maior garantia de retorno do investimento.

No território fragmentado em estudo, a dinâmica de crescimento extensivo relaciona-se com a construção espontânea, por decorrer de intenções individuais, onde surge a oportunidade, principalmente por disponibilidade de terreno edificável. *[ver planta II]* As escalas e os tipos de dinâmicas construtivas adquirem significados diferenciadores: uma intervenção de média ou grande escala é, normalmente, fruto de um grande investimento imobiliário, na qual a atratividade da área onde se insere é crucial; ao passo que numa área onde prevalece o preenchimento dos tecidos urbanos, pode estar-se perante um conjunto de pequenas intervenções privadas, como construção de casa própria, onde nem sempre o fator atratividade é importante.

Há que ressaltar o facto de apenas se ter como indicador a construção nova, por tratar-se daquela que contribui para o crescimento do território. Em áreas consolidadas e densas será de ter em conta, também, as intervenções de renovação de imóveis ou a substituição de construções em lotes anteriormente já edificados, como indicadores de vitalidade e atratividade semelhantes.

As dinâmicas construtivas que originam os territórios fragmentados justapõem-se e sobrepõem-se. Estes processos evolutivos compreendem intervenções que vão desde a microescala, mais próxima do âmbito da arquitetura, à grande escala do projeto urbano ou do planeamento territorial.

O processo evolutivo mais elementar talvez seja o crescimento ao longo dos eixos preferenciais de deslocação. Assim terão surgido grande parte dos aglomerados, quando a circulação pelo território se tornou mais segura e essencial às atividades económicas. A motivação essencial deste tipo de desenvolvimento é a necessidade de condições para a mobilidade, de estar em contacto com outras terras, por oposição ao isolamento. A estrada ganha neste contexto um papel fundamental conducente ao assentamento, a par de outras condições elementares, tais como a presença de água e terrenos férteis. De igual modo, atualmente, a proximidade aos eixos preferenciais de deslocação e as estradas que os constituem são, ainda, fatores de atração de nova urbanização. A estes juntam-se todos os outros fatores infraestruturais que possibilitam a satisfação das necessidades dos modos de vida atuais.

Outro processo evolutivo com uma lógica complementar ao anterior é o chamado *infilling*, que numa tradução literal designa preenchimento. Neste processo são preenchidos espaços vazios de diferentes dimensões na malha urbana que se densifica, tirando partido das condições infraestruturais existentes. Não obstante existirem argumentos contra e a favor da densificação dos aglomerados urbanos, será certo que, até certa medida, a concentração de recursos e a proximidade de funções poderá contribuir para a sua gestão mais eficaz e um uso mais sustentável do solo.<sup>7</sup>

A construção nova de média e grande escala, contrastando com o processo anterior, é responsável pela urbanização de amplas áreas nas mais diversas localizações, desde as mais próximas dos aglomerados existentes, até às mais afastadas, por vezes isoladas. Esta característica de aparente aleatoriedade de localização depende da disponibilidade de terrenos e da sua estrutura fundiária; é, porventura, o que torna este processo o grande gerador de fragmentação do território. Também neste caso a localização junto aos eixos preferenciais de deslocação parece essencial. No paradigma pré-crise que enquadra estas dinâmicas construtivas, o acesso a vias arteriais dita as áreas prioritárias de localização, quer pelas melhores condições de mobilidade que oferecem, quer pela maior exposição territorial, tornando-se mais atrativas, logo mais rentáveis. Embora aqui o sector imobiliário

tenha tido que atender a crescentes novos interesses como o estilo de vida próprio dos centros urbanos consolidados ou o completo oposto que atrai pessoas com estilos de vida urbanos para áreas mais afastadas da azáfama desses centros e de grandes edificações habitacionais

O fenómeno da coalescência urbana é um processo mais abrangente. Genericamente, trata-se do fenómeno de fusão e interpenetração das áreas de crescimento em torno de aglomerados mais antigos. Este processo, entendido numa perspetiva de crescimento urbano, expõe a artificialidade das delimitações administrativas ou torna certas fronteiras obsoletas. Sendo um processo de alcance territorial vasto, compreende todos os outros processos referidos anteriormente e qualquer outro processo de crescimento urbano.

A urbanização recente na área de Valongo “entre serras” tem-se desenvolvido de forma extensiva e difusa. Igualmente, olhando para a mancha de construção mais antiga (anterior a 1974), é possível imaginar períodos evolutivos, desde a criação dos aglomerados iniciais, em que o processo de criação de cidade terá igualmente sido fragmentário. Como resultado, o território formou um conjunto heterogéneo de áreas com características distintas. Esta é uma característica do processo de desenvolvimento deste território, como acontece noutras áreas, em contextos topográficos e evolutivos semelhantes. Em traços gerais, as dinâmicas construtivas no território “entre serras” desenham duas áreas distintas. No vale de Valongo, que se prolonga para a área de Campo, verifica-se uma incidência diversificada dos tipos de dinâmicas construtivas e escalas de intervenção, resultando numa mais visível atividade construtiva. Ao contrário, no vale de Sobrado a atividade construtiva é mais subtil, verificando-se, quase exclusivamente, processos de densificação de menor escala.

Na freguesia de Valongo observam-se diversos tipos de dinâmicas construtivas. Nas áreas mais antigas – que correspondem à Vila (no sopé da serra de Santa Justa) e à Boavista (a parte alta do aglomerado) – predomina a tendência para preencher os vazios da malha urbana existente com novas construções, num processo de infilling. Na Vila, este processo observa-se, a partir de 1974, principalmente nas ruas paralelas à EN15. Aqui vão surgindo indicações de vias convergentes nessa estrada central, através dos edifícios que ladeiam as suas confluências. Complementarmente

ao crescimento da Vila, na Boavista, onde não se desenvolveu uma malha urbana tão compacta, exceto na rua que sobe até à Igreja Matriz, a tendência da construção mais recente tem sido a de preencher os espaços vagos ao longo das ruas existentes, num processo em tudo semelhante ao anterior. Uma grande parte do aglomerado atual compreende áreas amplas de malha retilínea, construídas essencialmente a partir de 1974, resultando na coalescência entre os aglomerados da Vila e da Boavista e pequenos aglomerados no Outeiro do Linho e no Calvário, nos quais predomina a habitação unifamiliar.

Na EN15, entre o aglomerado de Valongo e o início da freguesia de Campo, observa-se um processo de crescimento ao longo deste eixo preferencial ainda em curso, com a construção de edifícios de diversas tipologias, incluindo grandes superfícies comerciais. Também ao longo desta via, mas a oeste, na aproximação ao aglomerado desde Ermesinde e Gondomar, tem surgido construção nova. O processo está, claramente, em vias de desenvolvimento na medida em que não só novas construções foram surgindo – umas vingando, outras sendo abandonadas mesmo antes de concluídas – como construções existentes foram eliminadas, por terem sido abandonadas por cessação de funções.

As áreas de construção exclusivamente nova, inclusive da infraestrutura viária, concentram-se, essencialmente, numa vasta área a oeste dos aglomerados de Valongo e Suzão, que se estende de norte a sul. Entre estas encontram-se a área da Quinta da Lousa, que compreende a urbanização com esse nome e dois outros aglomerados contíguos; a área dos Lagueirões, que é talvez a mais expressiva do ponto de vista da extensão e volumetria da construção no território “entre serras”, assim como do ponto de vista da intenção de desenvolver num grande gesto urbanizador, visivelmente equívoco dada a grande quantidade de edifícios embargados; e na área mais elevada da Boavista onde, visivelmente também, a construção de menor escala teve mais sucesso. Verifica-se, também aí, a existência de edifícios de habitação coletiva cuja construção foi suspensa.

O crescimento urbano de Valongo é tipologicamente heterogéneo. Encontram-se áreas de habitação unifamiliar e habitação coletiva, casas singulares, casas geminadas, habitações em banda, blocos de apartamentos. A observação da cidade permite constatar algumas predominâncias tipológicas associadas a períodos temporais distintos. Nas zonas do Calvário e do Outeiro do Linho, cuja evolução terá começado antes de 74, mas cujas construções são essencialmente posteriores a esta

data, há uma predominância da habitação unifamiliar singular. Em décadas mais recentes, concretamente nas que observaram um boom imobiliário, que em Valongo se verificou essencialmente a partir dos anos 1990, a predominância tipológica é de habitação coletiva em bloco, em diversas zonas da cidade. No entanto, encontramos, também, o recurso a outras tipologias, como no caso da Quinta da Lousa, uma intervenção de urbanização de grande escala constituída por habitação unifamiliar. Em Valongo, apesar de em tempos mais recentes algumas áreas terem observado várias intervenções, formando maiores conjuntos de edifícios de habitação coletiva, a existência de diversas frentes de construção dispersas provoca a fragmentação das formas urbanas, criando um tecido urbano difuso.

No aglomerado do Suzão a evolução assemelha-se à verificada na área da Boavista a meia encosta, embora seja caracteristicamente rural e de urbanização difusa. A construção e as vias apontam para um desenvolvimento segundo as delimitações dos campos agrícolas. Também no caso de Suzão a grande maioria das construções novas ocupa espaços vagos ao longo da malha viária existente que, no entanto, formam uma mancha menor de edifícios mais recentes. Estes têm uma localização muito mais difusa e pontual. Essa característica altera-se nas áreas mais próximas da EM 607, onde se verifica uma concentração mais densa de construção recente, posterior a 1974, cuja tipologia dominante é a habitação unifamiliar. Também na faixa em torno da A4, que corresponde a uma área de coalescência onde a evolução urbana de Valongo e do Suzão confluem e a escala das intervenções aumenta, as novas construções ocorrem de forma menos difusa. Esta área de coalescência pode significar a união entre os dois aglomerados tradicionais da freguesia de Valongo e, mais importante que isso, a tentativa de anulação dos cortes urbanos criados quer pelo caminho-de-ferro e quer pela A4, com uma conseqüente alteração do carácter de isolamento que se verifica em quase todo o aglomerado do Suzão.

Em Campo há duas áreas com características evolutivas distintas. A área da Retorta, a sul do rio Ferreira, acompanha a tendência de evolução tanto do Suzão como da área a meia encosta da Boavista em Valongo, sendo que as construções mais recentes preenchem os espaços vagos ao longo da malha viária existente. No entanto, este preenchimento acontece de forma bastante mais homogénea que nessas duas áreas. O crescimento da Retorta é significativo e a área densificou-se claramente. A norte do rio Ferreira, há uma maior diversidade de casos e o tecido apresenta-se mais fragmentado. Na EN15 encontram-se inúmeros casos de crescimento ao longo

deste eixo preferencial, continuando a tendência também observada em Valongo, à entrada e à saída do aglomerado. Em Campo, este crescimento é mais expressivo, tendo sido criadas, inclusivamente, zonas de maior relevância funcional com diversos equipamentos localizados nas imediações da EN 15.

As tipologias das construções na área entre a A4 e o rio Ferreira, atravessada longitudinalmente pela EN15, são diversificadas, de forma semelhante ao que se observa em Valongo. Encontra-se aqui habitação unifamiliar singular e geminada e habitação coletiva em bloco. No entanto, a escala das intervenções diminui, tanto no adensamento ao longo da EN15, como dos pequenos aglomerados que vão surgindo em torno deste eixo viário. Mas, de igual modo, aqui, as formas de expansão criaram um tecido urbano fragmentado.

Esta última área, correspondente à zona de coalescência entre Valongo e Campo, pode significar um equilíbrio territorial, desenvolvendo espaços urbanos no centro do território “entre serras”, ou a integração numa área urbana mais alargada de diversos pontos funcionalmente importantes em Campo<sup>8</sup>.

Nas zonas de coalescência, os fenómenos de crescimento urbano são mais complexos. Esses fenómenos indicam, não só, tendências de futuro, como as áreas onde as atenções deveriam ser redobradas, pela quantidade de processos de desenvolvimento diferentes e as diversas frentes de construção que se confrontam com pré-existências, as quais, não sendo acompanhadas devidamente, podem resultar num tecido urbano descontínuo e ilegível, o que, por definição, seria pior que a fragmentação.

Em Valongo e Campo, as escalas de intervenção variam significativamente. As intervenções de média e grande escala, no território “entre serras”, encontram-se essencialmente em Valongo e na área em redor da EN15, entre Valongo e Campo. Igualmente significativo é o crescimento através de intervenções mais pontuais e de menor escala, especialmente a sul do rio Ferreira em Campo, nas zonas mais antigas da Boavista e em grande parte do aglomerado do Suzão. Em Valongo, onde a ocupação ao longo dos arruamentos era já compacta, o crescimento tem sido tendencialmente de maior escala. As condições topográficas parecem coadjuvar, de certo modo, esta tendência de crescimento em extensão, principalmente em torno do aglomerado de Valongo, onde a existência de uma área ampla relativamente plana o torna possível.

Todos os aglomerados do vale de Sobrado apresentam a mesma tendência de evolução urbana, que tem sido principalmente de densificação. À semelhança do Suzão e da Retorta, os edifícios recentes surgem em espaços sem construção ao longo da malha viária pré-existente. No entanto, o nível de crescimento e a predominância de habitação unifamiliar aproximam a evolução desta área da observada na Retorta. As habitações recentes surgem homoganeamente em todos os aglomerados do vale. Há, no entanto, uma maior densidade em Balsehas e na Balsa e menor na Lomba e na Costa. Atendendo à mancha de edifícios mais recentes, o aglomerado de Sobrado permanece ainda pouco denso, embora o crescimento tenha sido mais significativo aí, se comparado com o crescimento de Sobrado de Cima. Em Sobrado, e à semelhança dos aglomerados desse vale, as áreas construídas alternam com outras áreas vazias de construção, que são, na sua grande maioria, campos de cultivo, muitos deles em pleno funcionamento. No vale de Sobrado, a mancha de construção recente é ligeiramente menos significativa que em Campo e bastante menos que no Vale de Valongo. A par desta tendência e misturando-se com o fenómeno de crescimento pela densificação da malha existente, notam-se áreas com mais construção recente ao longo da EN209, nos vários aglomerados do vale por onde a estrada passa, e na EM606, no aglomerado de Sobrado, onde mais recentemente surgiram vários equipamentos.

A pequena escala de intervenção predomina em todo o vale de Sobrado. Atendendo às características do crescimento original dos diversos aglomerados deste vale, percebe-se que naqueles originalmente mais difusos – à semelhança dos aglomerados mais difusos do vale de Valongo – as intervenções têm sido essencialmente de menor escala. Devido às condições topográficas do vale de Sobrado, mais estreito e subdividido que o de Valongo, as áreas planas concentram-se, essencialmente, junto e ao longo do rio Ferreira, que se mantiveram tradicionalmente agrícolas. Somando o fracionamento do espaço do vale à urbanização tipicamente difusa, a área urbanizável está dividida em porções menores, logo as intervenções são, tendencialmente, menos extensas.



### 1.1.3. Conectividade

A acessibilidade à rede de transportes coletivos permite estimar o grau de conectividade dos lugares servidos por eles ao território urbano. Este está, ele próprio, estruturado numa rede de aglomerados urbanos ligados entre si por vias de circulação. A vida de cada indivíduo raramente se processa exclusivamente a nível local, num só aglomerado, mas estende-se pelo território mais alargado, criando a necessidade de deslocações no dia-a-dia. Devido a essa razão de ordem prática, uma eficaz acessibilidade à rede urbana territorial, logo, um menor isolamento, proporciona uma melhor qualidade de vida. A acessibilidade ao território urbano substancia-se na conectividade das áreas habitadas através da rede viária e de infraestruturas e serviços de mobilidade, na qual se integra a rede de transportes coletivos.

A mobilidade no território urbano é estruturada pelas vias em diversos níveis hierárquicos consoante o seu grau de importância, desde o mais local ao mais extenso. As autoestradas distribuem o tráfego num território alargado. Nessa macroestrutura, o trânsito percorre áreas anteriormente invisíveis, no entanto, também suprime grande parte do território, por apenas contactar com as vias locais em pontos estratégicos, nos nós de acesso. Por outro lado, as autoestradas destinam-se apenas ao tráfego automóvel – ao transporte individual, à passagem de transporte coletivo de passageiros e ao transporte de bens e mercadorias.

Numa lógica especializada no tráfego automóvel das autoestradas, uma parte da população é deixada de parte<sup>9</sup>. Sem alternativas ao automóvel privado como meio de transporte, muitas mulheres, crianças, adolescentes, idosos e pessoas de mobilidade reduzida, vêm a sua vida no território urbano limitada. O transporte coletivo torna-se algo essencial por permitir o acesso universal à mobilidade urbana. É nas vias locais e naquelas que fazem a ligação entre o tráfego local e o tráfego especializado das autoestradas, onde se cruzam todos os tipos de tráfego, que importa avaliar o grau de acessibilidade à rede urbana.

A hierarquização do grau de conectividade das diversas áreas do território pode ser definida segundo fatores como a distância aos pontos de acessibilidade à rede de transportes coletivos, a frequência de passagem dos transportes ou o destino das linhas de transporte. A relevância dos destinos de cada linha pode ser presumido desde a mais elevada nas linhas com destino à cidade do Porto – o centro da área metropolitana, onde se faz a ligação a interfaces de transportes nacionais e internacionais, ou a serviços altamente especializados como os hospitais centrais –, uma relevância intermédia das restantes zonas da área metropolitana –

onde parte considerável dos empregos e equipamentos relevantes se encontram – e uma relevância menor de outras áreas mais afastadas, fora da área metropolitana. A circulação dentro do território “entre serras” também é especialmente relevante, uma vez que alguns serviços apenas se localizam no centro do aglomerado de Valongo, até onde os habitantes de outros aglomerados poderão ter a necessidade de se deslocar.

A análise do grau de conectividade é feita por comparação com a linha com melhores condições de acessibilidade no território “entre serras” [ver planta III], tanto a nível da frequência do serviço como do percurso. Neste caso trata-se da linha 700/V94 operada pela STCP/Valpi, que faz a ligação entre o mercado do Bolhão, no centro da cidade do Porto, e a estação de caminho-de-ferro de Valongo ou a igreja matriz de Campo. Esta linha destaca-se pela mais elevada frequência de passagem de veículos de transporte por hora – cerca de 5 veículos por hora –, num total de dezanove horas de serviço; e pelo percurso feito quase inteiramente ao longo da EN 15, aparte do desvio no aglomerado de Valongo onde percorre algumas das suas principais artérias.

A zona de máxima acessibilidade de cada linha é contabilizada segundo uma distância percorrível a pé de 12 minutos, correspondendo a cerca de 960 metros, considerando a velocidade de deslocação de 5 km/h. Na presente análise, a representação é meramente uma sugestão, estando representada livremente sem ter em consideração o relevo. As pendentes das vias de algumas áreas no território “entre serras” relativizam esta leitura esquemática, uma vez que possivelmente em 12 minutos se percorrerá distâncias diferentes consoante o percurso seja ascendente, descendente ou em plano horizontal.

Da sobreposição das diversas linhas de transportes coletivos no território “entre serras” tem-se uma imagem das áreas com maior conectividade e menos isoladas.

A maior acessibilidade aos transportes coletivos corresponde, sem surpresas, aos eixos estruturantes do território, entre o aglomerado de Valongo e Campo e entre Sobrado de Cima e Campo. Grande parte das edificações do aglomerado de Valongo estão a uma distância confortável de acessibilidade pedonal à rede de transportes coletivos. A seguir estão as áreas em torno do troço da EN 15 em Campo até ao centro da freguesia e depois as áreas adjacentes ao troço da EN 209 em Sobrado, desde Campo até Sobrado de Cima. Parte do aglomerado do Suzão, junto ao aglomerado de Valongo e a área em torno da estação de caminho-de-ferro em Campo têm um grau intermédio de acessibilidade à rede de transportes coletivos no território “entre serras”.

#### 1.1.4. Legibilidade

Tudo o que constitui o dia-a-dia da sociedade processa-se em certos lugares e nas deslocações entre eles. Nesse movimento há a necessidade de orientação no território. Cada parte que o integra tem características físicas próprias, significados e caracteres diversos e constitui pistas nesse processo de orientação. Na interação entre o Homem e o seu meio ambiente, durante esse processo, é necessário uma boa leitura dessas pistas que o rodeiam. Para tal é essencial uma boa legibilidade do território. A legibilidade é a “facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas num todo coerente”<sup>10</sup>. A boa legibilidade contribui para a criação de uma estrutura mental do território eficaz para a orientação, na qual é possível imaginar como diversas áreas se interconectam e relacionam, identificando-as, localizando-as e agrupando-as na estrutura total do território.

*[Ver planta IV]* As vias preferenciais de deslocação que permitem todo o tipo de tráfego, tais como as estradas nacionais e municipais, estruturam o território. É nelas que o território mais próximo, a uma escala local – como a escala do território “entre serras” –, se torna perceptível. Ao longo destas vias surgem aglomerados e recorrentemente os seus centros. Outros aglomerados encontram-se mais afastados, mas outras vias – as vias capilares principais – fazem a ligação entre eles e as vias preferenciais estruturantes.

Os cruzamentos dessas vias preferenciais de deslocação, estruturantes do território, e as vias capilares principais, que estruturam os aglomerados ou fazem a ligação a aglomerados mais afastados, são os pontos mais relevantes para a orientação nas deslocações. Devido à necessidade de tomar decisões quanto à mudança de direção, nesses pontos a marcha abranda e a legibilidade é crucial para uma imagem eficaz, capaz de proporcionar boas indicações da disposição das partes que constituem o território.

A imagem transmitida pelos eixos preferenciais de deslocação pode auxiliar a localização a dado momento. A simples noção de dentro e fora, decorrente de regras de perceção básica que levam a interpretar aglomerados como espaço interior e áreas envolventes como espaço exterior, permite uma referenciação da localização nas vias. Em certos troços das vias preferenciais de deslocação, a imagem aparenta a de lugares exteriores a aglomerados. Tal acontece quando, por exemplo, a via atravessa uma área florestal, sem que seja possível perceber a presença de edifícios ou arruamentos “urbanos”. Outros troços dessas vias aparentam estar



em aproximação ou afastamento a aglomerados. Nestes casos a sensação não é totalmente exterior ou interior porque os limites laterais na via em questão são algo permeáveis, coexistindo edifícios e espaços abertos numa proporção que não permite a noção de um espaço urbano fechado. Outros troços, ainda, possuem características que claramente transmitem a sensação de se estar no interior de aglomerados. Nestes casos verifica-se a prevalência das edificações sobre os espaços abertos numa proporção que cria a noção de enclausuramento.

A aparência das vias capilares principais a partir dos cruzamentos com as vias preferenciais de deslocação dá indicações do que se poderá localizar para além das áreas imediatamente junto a estas. É, assim, proporcionada, também a partir desses pontos, uma imagem instantânea do que está mais além. As vias capilares principais podem aparentar maior ou menor relevância. As vias mais relevantes serão, em princípio, mais largas e o seu desenho mais cuidado, possivelmente possuirão edifícios com mais destaque e serviços. Outro aspeto que pode influenciar a aparência dessas vias é a maior ou menor evidência do seu destino. Umas vias podem claramente aparentar dirigirem-se a um dado aglomerado ou a um lugar específico, outras aparentarão dirigirem-se a um lugar indeterminado, algures no território. Em qualquer caso, a correspondência entre a imagem aparente e hierarquia efetiva das vias no território contribuirá para uma maior clareza estrutural; ao mesmo tempo que a clareza das ligações contribuirá para uma imagem mais correta da totalidade do território, contribuindo para um menor isolamento.

Os limites à escala do território “entre serras”, de forma geral, permitem perceber a extensão de uma determinada área. Os limites naturais podem ser mais ou menos obstrutivos, no caso de vertentes do relevo ou cursos de água; ou apenas sugerindo a separação de áreas distintas, como ocorre com as fronteiras entre áreas edificadas e áreas cultivadas ou florestadas. Os limites construídos podem ser, igualmente, mais ou menos obstrutivos. Falamos principalmente das infraestruturas viárias que, no território “entre serras”, não permitem um contacto direto entre fluxos de tráfego de diferentes tipos, como as autoestradas e o caminho-de-ferro. No presente estudo, importa ter em consideração esses limites de grande escala, como os limites naturais ditados pelo relevo e os limites construídos impostos pelas grandes infraestruturas viárias. Estes são muitas vezes limites obstrutivos. Um limite construído obstrutivo, tal como o relevo, pode não permitir a expansão do tecido urbano ou dividir o território, determinando ou condicionando a interação entre as diversas partes.

A leitura esclarecedora da estrutura mais abrangente do território nas vias pode ter diferentes influências. A organização aparente do território parece ser ‘prejudicada’, por um lado, quando uma via atravessa limites obstrutivos, dificultando a legibilidade. Mas, de igual modo, certas características dos limites laterais das próprias vias que causem uma maior força de atração, podem criar um efeito de túnel, distraindo da existência de vias estruturantes em cruzamentos.

As vias estruturantes do território “entre serras” que importa observar para uma impressão da imagem geral são a EN 15 e a EN 209. A EN 15 atravessa o vale de Valongo, através do centro do aglomerado de Valongo. Segue, depois, através de Campo, passando também pelo centro, junto à igreja matriz e a área próxima aos serviços administrativos. A EN 209 atravessa o vale de Sobrado e faz a ligação a Campo. Ao longo desta estrada surge grande parte dos aglomerados do vale e a ela correspondem também as áreas centrais deles.

Estas duas estradas nacionais são as duas vias preferenciais de deslocação no território e permitem a circulação de todo o tipo de tráfego, distribuindo-o. Grandes concentrações de fluxos de tráfego concentram-se aqui, sendo, por essa razão, fisicamente estruturais. Possuem uma grande concentração de serviços. O facto de serem estradas nacionais, logo, hierarquicamente mais importantes, e por serem usadas mais intensamente por uma grande maioria de pessoas, por diversos motivos e de diversas maneiras, possivelmente estruturarão a imagem mental do território. Além disto, atravessam os lugares centrais de vários aglomerados do território “entre serras”, reunindo no seu percurso a imagem de todos eles.

As características destas vias vão-se modificando e alternando consoante a envolvente que atravessam, permitindo fazer uma ‘colagem’ de imagens que representam o território.

A EN 15, a oeste, desde Ermesinde, atravessa uma área florestal, o que lhe confere um carácter exterior. Esta sensação prolonga-se um pouco mais além do cruzamento do Alto da Serra, já em direcção ao aglomerado de Valongo. *[ver imagem 13.]* As sensações de exterior e interior são em grande parte fugazes, sugeridas por particularidades do que é observado, que facilmente se alterarão com o desenvolvimento do território.

Em certos pontos, a EN 15 atravessa áreas mais urbanizadas. Essas são áreas de edificação mais densa, com maior concentração de serviços. Exemplos

disso encontram-se no troço entre o cruzamento de 25 de Abril e o da Ilha – que corresponde à área mais central do aglomerado de Valongo, ou junto ao cruzamento de São Domingos, em Campo, no viaduto sobre o caminho-de-ferro *[ver imagem 14.]*, onde a sensação de densidade da edificação aumenta, possivelmente porque desse ponto de vista, os diversos planos da imagem, mais próximos e mais afastados se justapõem criando uma composição de paisagem urbana mais complexa.

Noutros troços da EN 15, tem-se a sensação de estar em áreas intermédias entre as que se inserem totalmente dentro de um aglomerado e as que correspondem a um completo exterior marcado, sobretudo, pela paisagem natural. Nessas áreas, os limites laterais da estrada são mais permeáveis e permitem o vislumbre da paisagem mais alargada, entre edifícios, quer do relevo envolvente ou mais afastado, ou dos espaços abertos dos campos de cultivo. Um exemplo claro disto pode encontrar-se entre os cruzamentos do Borbulhão e o centro de Campo *[ver imagem 15.]*. Aqui, por entre os edifícios ao longo da estrada nacional, avistam-se campos de cultivo e árvores, mais além um aglomerado de casas numa colina e ao fundo um monte.

A EN 209, apesar de em grande parte do percurso ser mais ou menos densamente ladeada de edifícios e de concentrar também muitos serviços, comparativamente ao que acontece noutras vias do território que atravessa, tem uma ocupação menor que a da EN 15. O vale de Sobrado é uma área com grande predominância de terrenos de cultivo e os aglomerados são mais dispersos, havendo espaços abertos mais amplos entre eles, ao contrário do que se verifica em Valongo ou Campo. A sensação ao longo de praticamente toda a extensão desta via é de se estar numa área iminentemente urbanizada, embora de densidade baixa *[ver imagem 16.]*. Assim, a sensação de enclausuramento é menor aqui, que a que se sente em certos pontos na EN 15, como os que se encontram ao longo do aglomerado de Valongo. Apenas em alguns momentos essa sensação é mais clara, como entre o cruzamento de Balsehas e Alto do Moinho ou entre Campelo e Santo André. *[ver imagem 17.]* No extremo norte do percurso, próximo já do concelho de Paredes, a EN 209 atravessa uma área florestal, de campos de cultivo e poucas construções visíveis, que transmite a sensação de exterior, de espaço aberto. *[ver imagem 18.]*

Os cruzamentos dessas vias estruturais do território com as vias capilares principais ou de ligação a aglomerados são pontos importantes onde a



13. EN 15, Valongo



14. EN 15, Viaduto sobre caminho-de-ferro, Campo



15. EN 15, Campo



16. EN 209, Sobrado



17. EN 209, Sobrado



18. EN 209, Sobrado

impressão de uma imagem geral não é obtida fugazmente em movimento, mas pela observação mais atenta de quem abranda a marcha. Contudo, na aproximação a esses pontos, a existência desses cruzamentos pode ser mais ou menos perceptível. A grande maioria desses cruzamentos principais na EN 15 e EN 209 é perceptível ou está bem sinalizada.

O cruzamento da Fonte da Senhora [ver imagem 19.], por exemplo, onde a circulação se faz numa rotunda, é inequívoco. O cruzamento de Oliveira Zina em Valongo, Padre Américo em Campo ou Campelo em Sobrado, são bem perceptíveis pela configuração das vias, largas e de boa visibilidade ou a existência de semáforos que obrigam à paragem, indicando um nível de tráfego elevado, portanto um ponto de deslocação preferencial.

Outros são perceptíveis, mas secundários, porque não se tratam de cruzamentos de vias capilares principais que estruturam o aglomerado, pelo menos atualmente. Exemplos destes são o cruzamento de Vale dos Amores [ver imagem 20.], que será bem perceptível possivelmente por estar próximo do limite entre o aglomerado de Valongo e os campos de cultivo ao longo do ribeiro de Simão e, em Sobrado, o cruzamento da Pinguela, pelo alargamento da estrada nacional que cria um ponto de mais destaque.

Outros ainda tratam-se de cruzamentos com vias capilares principais, mas são pouco perceptíveis. O cruzamento da rua Sousa Paupério [ver imagem 21.] – arruamento estruturante da área mais antiga do aglomerado de Valongo, fazendo a ligação entre a cota mais baixa da estrada nacional e a igreja matriz – com a EN 15 é pouco perceptível devido ao ângulo de interceção das duas, à curvatura da estrada nacional e, possivelmente também, à existência de um jardim no local onde se cruzam. Algo semelhante ocorre no cruzamento de Vale Direito [ver imagem 22.], em Sobrado, podendo referir-se, também, a largura estreita das ruas principais dos aglomerados rurais no local. Em Campo, um outro exemplo é o cruzamento do Vertido, onde a pendente da rua central do aglomerado impede uma boa visibilidade.

A aparência das vias capilares principais que intercetam as estradas nacionais nestes cruzamentos é um fator relevante para se perceber a possível impressão de uma imagem geral do território. Essas vias podem aparentar ser mais ou menos relevantes.

Um exemplo de uma via claramente relevante num cruzamento principal é a avenida 5 de Outubro no centro do aglomerado de Valongo. Esta é uma via larga;

o espaço público é aparentemente bem mantido; a continuidade dos passeios não é quebrada, não obrigando a desvios dos percursos pedonais; claramente há uma grande concentração de serviços e alguns edifícios possuem características distintivas, quer de volumetria, quer de estilo.

O cruzamento da rua Padre Américo com a EN 15 *[ver imagem 09.]*, em Campo, é um outro exemplo onde se percebe que uma via é claramente relevante. A configuração do cruzamento permite um alargamento visual; a rua é relativamente larga; surgem passeios na estrada nacional – em grande parte do percurso das estradas nacionais os passeios são inexistentes<sup>11</sup> – e prolongam-se pela rua; há concentração de serviços e há novos edifícios de maior volumetria que contrastam com os edifícios mais antigos e que dão mais destaque à zona.

Um exemplo de uma via aparentemente pouco relevante é o da rua Fonseca Dias, no cruzamento da Presa *[ver imagem 23.]*. Embora a via seja larga e possua passeios, os edifícios e espaços abertos que a ladeiam não criam uma imagem suficientemente forte. De um lado vêem-se muros de delimitação de uma propriedade de habitação unifamiliar e, do outro, espaços abertos em frente a equipamento de serviços para automóveis; ao fundo vê-se uma passagem inferior ao caminho-de-ferro que bloqueia o campo de visão. Nenhuma destas características contribuem para a perceção de uma via relevante.

A rua Padre Magalhães *[ver imagem 24.]*, no cruzamento de Ponte Ferreira, em Campo, é outra via aparentemente pouco relevante. A via é relativamente estreita; de um lado vê-se uma fileira de casas de dois pisos e, do outro, o muro de uma estação de serviço de veículos pesados; ao longo da rua não se percebe outros serviços além do restaurante na EN 15. Apesar da aparente pouca relevância, esta rua faz a ligação da estrada nacional ao centro administrativo de Campo, o que não é de todo irrelevante. Devido a este facto, poder-se-ia dizer que há uma falta de clareza na imagem e no próprio destino desta rua.

A falta de clareza no destino de uma via poderá, assim, dever-se à sua aparência, caso a rua seja estruturalmente relevante, mas não o aparente ser; poderá dever-se a mudanças de direção que dificultem a perceção do seu percurso ou que induzam em erro; poderá também dever-se ao relevo que dissimule o seu percurso ou que impeça a sua visualização ou, ainda, a existência de limites obstrutivos.

A rua Padre Américo *[ver imagem 25.]*, em Campo, que já mencionámos anteriormente, é um bom exemplo de uma via cujo destino não é muito claro. Esta rua



19. EN 15, cruzamento da Fonte da Senhora, Valongo



20. EN 15, cruzamento de Vale dos Amores, Valongo



21. EN 15, cruzamento com rua Sousa Paupério, Valongo



22. EN 209, cruzamento de Vale Direito, Sobrado



23. EN 15, cruzamento da Presa, Valongo



24. EN 15, cruzamento da Ponte Ferreira, Campo

faz a ligação da EN 15 ao aglomerado da Retorta, no entanto, alguns fatores dificultam a legibilidade imediata desse facto. Talvez o ângulo pelo qual se avista o aglomerado neste ponto não seja o mais vantajoso; talvez a existência de um maciço de árvores impeça a total distinção do aglomerado ao fundo da rua; talvez o ligeiro desvio do aglomerado em relação ao eixo da rua possa deslocar a atenção para elementos mais distantes do território; ou talvez o facto de a rua mudar de direcção para a esquerda, quando o aglomerado se situa à direita. Como resultado, no momento em que observamos a via, é pouco claro que esta faça a ligação ao aglomerado da Retorta.

O ponto onde as duas estradas nacionais se intersectam, no cruzamento do Borbulhão *[ver imagem 26.]* é, potencialmente, o mais central do território “entre serras” e, por isso, muito relevante. Enquanto cruzamento é bem visível, especialmente desde que nele foi construída uma rotunda. No entanto, o início da EN 209 pode ser percebido como o arranque de uma via com menor relevância do que esta realmente tem. Na EN 15, no sentido Campo-Valongo, a EN 209 pode passar despercebida devido ao ângulo de intersecção de ambas as vias *[ver imagem 10.]*; no sentido Valongo-Campo, a própria rotunda pode ser um elemento de distração, juntamente com a inexistência de construção de um dos lados da EN 209 – o aglomerado que se começa a formar neste ponto aparenta aí muito pouca relevância –, criando a impressão de um percurso com direcção a uma área mais isolada. Um outro fator a ter em conta será o relevo. O vale de Sobrado encontra-se para lá de uma elevação, que, apesar de pequena, impede a percepção da continuidade do território “entre serras”. Obstáculos como estes deverão ser tidos em conta na criação de uma imagem legível do território.

Os limites podem ter uma especial influência na legibilidade do território. Tal acontece não apenas com os limites mais óbvios e visíveis como grandes elevações do relevo, mas também com alguns tipos de construções que alterem a circulação mais lógica numa cidade. Embora em sentido lato um limite seja meramente uma fronteira ou uma interrupção numa continuidade<sup>12</sup>, pode haver uma grande quantidade de limites obstrutivos que de diversas formas, não só condicionam o tecido urbano, mas o entendimento que se possa ter das suas continuidades. Isto tem um impacto negativo na legibilidade.

À escala do território “entre serras”, podemos observar diversos tipos de limites. Destacamos os limites naturais obstrutivos e de separação e os limites

construídos obstrutivos. Os primeiros podem, em alguns casos, ajudar a explicar o tecido urbano, os segundos podem complicar a sua leitura.

Os limites naturais mais relevantes são as formações orográficas que contornam o território “entre serras” e os cursos de água.

A orografia é especialmente eficaz na explicação da forma total da mancha edificada, dos seus contornos. O relevo terá permitido ao aglomerado de Valongo expandir-se mais que os aglomerados de Sobrado. Mas os aglomerados apenas crescem até certo ponto, pois o relevo também dita um limite até ao qual é razoável construir, numa pendente não demasiado íngreme. Atingindo esses limites, dar-se-á a obstrução da expansão urbana.

Outros limites naturais apenas separam áreas distintas, não chegando a ser obstáculos tão significativos ao ponto de obstruírem os tecidos urbanos. Os campos de cultivo, tanto em Valongo, Campo ou no vale de Sobrado, são bons exemplos de elementos que permitem a separação entre áreas distintas.

O ribeiro de Simão *[ver imagem 27.]*, em Valongo, junto aos cruzamentos da Ilha e de Vale dos Amores, permite a existência de campos de cultivo que atualmente criam uma separação entre a área mais antiga do aglomerado de Valongo, onde a EN 15 se transforma em rua principal, e outra área, na direção de Campo, onde o desenvolvimento é maioritariamente recente com construções de maior volumetria e edifícios-montra.

Em Campo, o rio Ferreira parece constituir também um limite aos tecidos urbanos *[ver imagem 28.]*. As construções ao longo do seu curso situam-se maioritariamente a uma cota elevada o suficiente para evitar o desconforto das cheias. Apesar dessa limitação, o rio e os campos de cultivo que o ladeiam são principalmente elementos de separação que podem ser transpostos em qualquer ponto. Rio e campos explicam a posição dos aglomerados da Retorta e do Calvário, cada um em margens opostas do curso de água.

Situação semelhante verifica-se em Sobrado. Também aí o rio Ferreira e os campos de cultivo ao longo do seu curso separam o vale em dois, de norte a sul. De um lado estão a maioria dos aglomerados ao longo da EN 209 e do outro alguns aglomerados de construção mais dispersa.

Os limites construídos podem ser produzidos por vários elementos e permitir diferentes níveis de permeabilidade<sup>13</sup>, no entanto, no território “entre serras”, as grandes infraestruturas viárias – as autoestradas e o caminho-de-ferro – podem ser especialmente obstrutivas.



25. Rua Padre Américo, Campo



26. EN 15, cruzamento do Borbulhão, Campo



27. EN 15, campos ao longo do ribeiro Simão , Valongo



28. EN 15, campos ao longo do rio Ferreira, Campo



29. Viaduto da A4 e caminho-de-ferro entre Valongo e Suzão



30. Viaduto da EN 15 sobre o caminho-de-ferro, Campo

A A4 e o caminho-de-ferro atravessam o vale de Valongo, separando o aglomerado de Valongo do de Suzão. *[ver imagem 29.]* Estes dois aglomerados têm sofrido um processo de coalescência e ambas as infraestruturas – que se cruzam no ponto onde ambos os aglomerados se alinham – são um claro impedimento à leitura da continuidade dos eixos de ambos os lados da barreira. Pela sua localização, a estação de caminho-de-ferro é facilmente alcançável desde o centro de ambos os aglomerados. Mas embora bem intencionadamente, como aconteceu muitas vezes, o caminho-de-ferro e esta estação também causaram um corte no tecido urbano, quando as passagens de nível caíram em desuso. A construção da autoestrada, que neste ponto foi elevada num viaduto, só veio tornar o corte ainda mais dificilmente intransponível.

O aglomerado de Suzão encontra-se consideravelmente distanciado da EN 15, não sendo visível das áreas mais centrais do aglomerado de Valongo. É apenas possível avistá-lo em alguns momentos em locais mais elevados da EN 15. A sua localização é possivelmente a razão pela qual será menos visível e na imagem mental do território, um lugar mais distante. No entanto, o facto de se encontrar para lá dessas duas grandes infraestruturas viárias – e a necessidade de contorná-las longe do ponto onde seria mais lógico, pela impossibilidade de um atravessamento de nível, devido à perigosidade, ou superior ou inferior, devido ao viaduto da A4 – o seu carácter de território aparte é reforçado.

Em Campo, o viaduto não EN 15 entre os cruzamentos da Presa e de São Domingos *[ver imagem 30.]*, embora transponha o corte provocado pela infraestrutura ferroviária, ele próprio também causa uma obstrução no tecido urbano. Como vimos acima, este viaduto cria um momento de suspensão sobre o tecido urbano em seu entorno. No entanto, a área imediatamente por baixo é de alguma forma suprimida na perceção de quem circula na EN 15. Embora não se perca a noção da estrutura do território, este é um outro exemplo de como certas áreas podem tornar-se invisíveis entre os limites obstrutivos de um território e as construções que se justapõem a eles na tentativa de os transpor.

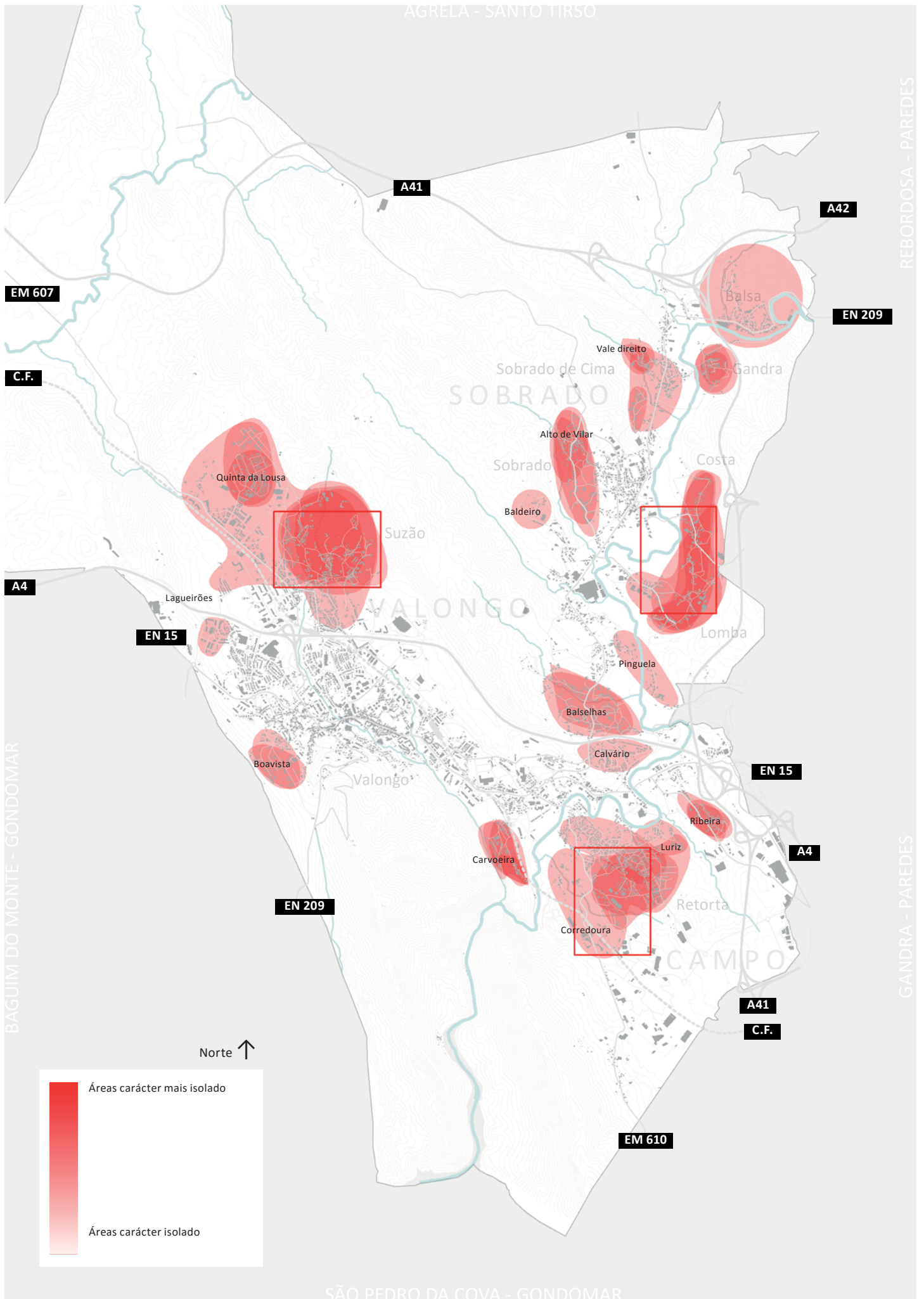
### 1.1.5. Áreas com carácter de maior isolamento

As análises desenvolvidas nos pontos anteriores permitiram escrutinar o território de Valongo “entre serras” sob quatro perspetivas distintas, relacionadas não só com fenómenos de desenvolvimento urbano, mas também de perceção. Atendendo à forma como podemos ler a visibilidade, a atratividade, a conectividade e a legibilidade, nomeadamente, formulam-se pistas que nos indicam as áreas mais expostas no território urbano e, de igual modo, por oposição, aquelas que estarão num estado de maior isolamento.

Cada uma das perspetivas mencionadas fornecem dados que nos permitem ver esquematicamente as áreas mais ou menos visíveis, atrativas, conectadas ou legíveis, segundo os parâmetros enunciados *[ver planta V]*. Em certas áreas verifica-se apenas alguma dessas características. Áreas como a Pinguela ou Calvário, em Campo, poderão ser mais isoladas porque são menos visíveis, estando presentes nas vivências quotidianas de um menor número de pessoas, ou mesmo nem possuindo pontos capazes de polarizar a vida urbana coletiva. Outras áreas, como parte de Vale Direito em Sobrado ou em parte do aglomerado da Retorta em Campo, o carácter de isolamento pode ser sentido pela atividade de construção menos pronunciada, testemunhada ao longo de décadas. A urbanização recente junto ao Alto da Serra em Valongo passa despercebida devido à fraca legibilidade do conjunto construído, principalmente desde a EN 15.

Na procura das áreas que possam representar o território invisível – e, por diversas razões, menos considerado – procedemos à sobreposição das diversas análises. Assim, as áreas onde essas quatro características, que poderão explicar o maior isolamento, se sobrepõem, serão aquelas onde este carácter talvez seja mais forte.

Na freguesia de Valongo, vastas áreas a norte verificam alguma das características que podem ditar um certo isolamento. De uma forma geral, as áreas urbanizadas na parte norte da freguesia são menos conectadas – especialmente na direção a Alfena –, menos legíveis – principalmente junto às vertentes a norte da freguesia – e menos visíveis – na parte norte do aglomerado do Suzão e na zona mais alta da urbanização da Quinta da Lousa. No entanto, o aglomerado do Suzão parece ser a área simultaneamente menos visível, menos atrativa, menos conectada e cuja ligação ao resto do território parece menos legível.



Planta V. Áreas de carácter mais isolado

A parte sul do aglomerado da Retorta é uma área em condições semelhantes na freguesia de Campo. Aí as características indicadoras de maior isolamento também se sobrepõem. A Carvoeira apresenta um perfil semelhante, com um carácter de desolação talvez superior, devido ao pior estado do espaço público e a existência de edifícios industriais abandonados próximos ao aglomerado. No entanto, a área da Retorta é mais pronunciadamente densa e claramente contribuirá com um maior número de habitantes para a população da freguesia. Assim, a existência de áreas mais isoladas num aglomerado com mais relevância parece incompreensível.

A freguesia de Sobrado possui várias áreas cujas características de isolamento se assemelham ao descrito para as áreas anteriores. Tanto a Lomba, a Costa, Alto de Vilar e Gandra são áreas pouco visíveis, menos atrativas, menos conectadas e pouco legíveis na rede de aglomerados do vale de Sobrado. Da mesma maneira, os aglomerados de da Lomba e da Costa, formando um contínuo, constituem uma área mais extensa urbanizada, que permaneceu, no entanto, mais isolada que os aglomerados ao longo da EN 209, na margem a oeste do rio Ferreira.

O aglomerado do Suzão, em Valongo, a parte sul do aglomerado da Retorta, em Campo e os aglomerados da Lomba e da Costa, em Sobrado possuem características que os assemelham. Todas estas áreas apresentam traços marcantes de ruralidade a nível de traçados e da arquitetura, mas também pela existência de campo de cultivo ativos. De igual modo, também todos eles estão separados de outras áreas do território “entre serras”, podendo essas características físicas ter condicionado o seu maior isolamento. O aglomerado do Suzão permanece separado do aglomerado de Valongo pela autoestrada e pelo caminho-de-ferro; o aglomerado da Retorta está separado da área mais dinâmica da freguesia de Campo, ao longo da EN 15, pelos campos de cultivo ao longo do rio Ferreira; e de igual modo, os aglomerados da Lomba e da Costa estão separados dos aglomerados ao longo da EN 209 no vale de Sobrado, pelos campos de cultivo ao longo do mesmo rio.

## 1.2. Comentário final

A fórmula que sugerimos ao longo deste capítulo para despistar as áreas onde o carácter de isolamento mais se faz sentir no território de Valongo “entre serras” incluiu quatro estudos distintos.

O estudo da visibilidade territorial, através da análise da incidência de centralidades e focos de polarização – as áreas menos visíveis são aquelas onde essa incidência seja menor.

O estudo da atratividade, ditada por um maior dinamismo do setor imobiliário (referente tanto à construção que foi de modo geral mais quantitativa até à crise iniciada em 2008, como a intervenções mais recentes decorrentes da adaptação do setor às mudanças no mercado proporcionadas por essa crise) – sendo que as áreas menos atrativas serão as menos dinâmicas a nível de intervenções de construção e renovação.

O estudo da conectividade, considerando o acesso das diversas áreas do território à rede de transportes coletivos – as áreas onde o acesso a esses transportes é mais difícil serão áreas menos conectadas.

E o estudo da legibilidade, com a comparação entre a aparência dos elementos que auxiliam a orientação nos pontos fulcrais da mobilidade no território e a sua efetiva materialização e carácter – sendo que as áreas menos legíveis serão aquelas cujo acesso se processa nesses pontos onde a imagem aparente perceptível não é dissonante da realidade.

A consideração dos resultados destas análises sugere três áreas no território de Valongo “entre serras” que são aparentemente, segundo todos os parâmetros acima mencionados, mais isoladas, nomeadamente o aglomerado do Suzão, em Valongo, a parte sul do aglomerado da Retorta, em Campo e os aglomerados da Lomba e da Costa, em Sobrado.

**Notas:**

- 1 NORBERG-SCHULZ, Genius..., p. 22.
- 2 CASTELLS, A questão..., pp. 311 a 314.
- 3 SIEVERTS, Cities..., p. 25.
- 4 *Ibidem*, p.1.
- 5 PEREIRA, Identidades..., pp. 73 a 105.
- 6 Falamos apenas das estradas nacionais pela função distribuidora num território mais alargado conjugada com a interação com o domínio local. As autoestradas têm uma função distribuidora interna no território “entre serra” menos relevante que a das estradas nacionais e não permitem interações diretas com o domínio local.
- 7 SIEVERTS, Cities..., p. 27-33.
- 8 Existem ainda novas zonas projetadas, constantes do PDM, duas de média dimensão no Suzão e uma de grandes dimensões entre Valongo e Campo. Esta última posiciona-se entre as duas zonas de coalescência – Suzão-Valongo e Valongo-Campo – formando uma grande área de crescimento contínua.
- 9 SIEVERTS, CITIES..., p. 26.
- 10 LYNCH, A imagem..., p. 13.
- 11 Diferentes troços de estrada nacional estão sob a alçada de diferentes entidades. Possivelmente para uma entidade local, como uma câmara municipal ou uma junta de freguesia, a preocupação com o tráfego pedonal será mais premente que para uma entidade central, responsável pela gestão da rede nacional. Mesmo para o município, com constrangimentos orçamentais, certas áreas são mais prioritárias que outras. Certamente que os troços de estrada nacional que atravessam os centros tradicionais e as áreas residenciais em geral são mais prioritários que troços de vias considerados exteriores a aglomerados, por muito que façam parte de um sistema urbano onde há frequente tráfego pedonal.
- 12 LYNCH, A imagem..., p. 58.
- 13 *Idem*.

# Discurso identitário da paisagem

Uma análise da paisagem e da identidade de Valongo “entre serras”

As áreas do território “entre serras” que designámos de invisíveis são, possivelmente e como já referimos, algumas das menos consideradas e que, devido a tal, terão um lugar menos claro na imagem mental geral de grande parte da população que vive, ou que por alguma razão se movimenta, na totalidade desse território. Esta situação pode dever-se a um certo grau de isolamento que, como também já mencionámos, está relacionado com uma eventual insuficiente visibilidade, uma menor atratividade, uma conectividade deficitária e uma posição no território pouco legível.

Para uma aproximação ao conhecimento dessas áreas é necessário primeiramente observá-las e tentar compreender a sua génese e o seu desenvolvimento, ainda que, para entender muitos dos elementos que compõem o território urbano contemporâneo fosse necessário incorrer em explicações que ultrapassariam o âmbito deste trabalho. No entanto, a sua génese é uma questão espacial e de percepção que encontra respostas na relação entre paisagem e identidade.

A paisagem pode ser vista como um conjunto interligado de elementos com significado e, assim, tal como uma linguagem, constitui-se ela própria como um referencial identitário, social e culturalmente construído e partilhado, podendo ser lida e interpretada sob diversas perspetivas.<sup>1</sup> A origem da paisagem deriva da relação do Homem com a natureza, do entendimento que este concebeu sobre o seu meio ambiente e sobre a sua situação existencial em geral. É a simples observação da natureza que primeiramente leva à sua compreensão: no todo contínuo e indivisível da natureza são percecionados segmentos que se destacam pelos seus limites facilmente reconhecíveis, criando individualidades artificiais que, por si, são já a criação cultural de uma paisagem.<sup>2</sup>

Como criação cultural humana, a paisagem engloba elementos naturais, meramente identificados e cuja presença é reconhecida, e elementos produzidos pelo Homem, com diferentes graus de variação entre o natural e o artificial – por exemplo, um campo agrícola ou um edifício.

De um modo geral, os elementos que integram esta conceção de paisagem foram sendo organizados conceptualmente em dicotomias clássicas – tornando-se, inclusivamente, parte do senso comum – como as que opõem a paisagem (entendida apenas como fenómeno natural) aos assentamentos, o campo à cidade ou o rural ao urbano.

O território na sua condição atual, depois de décadas de desenvolvimento através de fenómenos que criaram formas urbanas difusas, torna evidente que o

entendimento da paisagem está na constante interligação e interdependência dessas noções opostas. Tal resulta, inclusivamente, na reversão da percepção clássica dos assentamentos, mais ou menos urbanos, como figura e da paisagem, mais ou menos modificada, como fundo. Na lógica tradicional, os assentamentos, com todas as suas construções, espaços pavimentados ou jardins, como figuras positivas no processo de percepção, eram elementos interiores na conceção humana do seu próprio habitat. Pelo contrário, a paisagem, com os seus espaços selvagens e áreas desbravadas, figurava como espaço exterior que tudo englobava. Atualmente, no entanto, a definição do que é interior e exterior é menos imediata. Áreas agrícolas e campo aberto são rodeadas de vastas áreas edificadas. Trata-se de um imenso território urbano que contém espaços abertos e forma uma paisagem onde quase tudo é construído pelo Homem.<sup>3</sup>

O espaço aberto, parte destas paisagens, torna-se uma noção flexível da qual fazem parte espaços exteriores dos mais diversos tipos: áreas de reserva natural, bosques, reservas agrícolas, terrenos de cultivo ou de pasto, terrenos sem função e abandonados, parques urbanos, jardins, espaços públicos em geral – pavimentados ou não – que são deixados abertos, livres de edificações.

A identidade de um lugar existe porque o Homem manteve, a dada altura, uma relação prática ou emocional com um local. Essa relação pressupõe a identificação dos elementos que o constituem e os significados que lhes são atribuídos. Decorre, por um lado, da necessidade primordial de orientação de um ser em deambulação na natureza e, por outro, da necessidade de apropriação do espaço por um ser que habita a natureza e que nela necessita de encontrar alimento e abrigo. A identidade de um lugar nasce da percepção espacial e do reconhecimento de um conjunto de valores que tornam esse lugar único e o distinguem de outros lugares.

Na sua deambulação o Homem é capaz de identificar diversos elementos naturais pelas suas características distintivas. A criação de um lugar, processo impossível de dissociar da criação cultural da paisagem, começa com a distinção de elementos na sua envolvente, apenas possível pelo reconhecimento de limites distintivos. Nesse primeiro momento de apropriação da paisagem, o Homem atribui significados aos elementos naturais em seu redor, que distingue do todo. Um elemento altamente distintivo surge como um ponto focal, que se torna um centro primordial, um lugar pontual. Uma área que permita movimentações surge como um canal de deslocação, um lugar longitudinal, que define um caminho. Os caminhos

ligam pontos focais. Estes elementos da paisagem, resultantes da experiência humana no todo indivisível da natureza, são facilmente discerníveis e auxiliam a orientação criando um sistema de espaços naturais.

Um sistema de espaços naturais é constituído por um conjunto de elementos paisagísticos base, interligados física e conceptualmente. Importa salientar dois desses elementos base na compreensão da paisagem, ambos são manifestações da variação do relevo.

A montanha é o lugar onde a paisagem é percebida.<sup>4</sup> É um lugar natural pontual – um centro – que se ergue da terra para o céu. A sua maior ou menor altitude confere-lhe um maior ou menor destaque em relação à paisagem circundante, estando mais ou menos isolada do todo. Os seus limites são verticais e surgem recortados contra a restante paisagem ou contra o céu. A qualidade de maior isolamento e a mais fácil distinção em relação à paisagem envolvente tornam a montanha um ponto focal – um centro com significado. Esse significado exprime-se como um elemento referencial num território vasto, permitindo ao Homem orientar-se; exprime-se também no eventual carácter inacessível – se a montanha for de grande altitude e rochosa –; ou ainda como um bom lugar de assentamento, com toda a carga significativa do habitar, que designa um estado de paz num lugar seguro<sup>5</sup> – caso a sua altitude e as restantes características topográficas o permitam. Pela posição privilegiada de observação do território, a montanha torna-se tanto um lugar idílico como um lugar de vigia.

O vale é outro elemento do relevo que importa salientar. De entre diversos exemplos genéricos de vales existentes, estes podem-se apresentar como lugares pontuais ou longitudinais. A diferença está nas propriedades dos limites que os definem. Se um vale for circundado por elevações que o tornem “fechado” podemos estar perante um ponto focal na paisagem, um espaço concentrado. Por outro lado, se o vale não for totalmente circundado por elevações, apresenta um carácter aberto, sugere uma direção e torna-se um lugar natural longitudinal – um caminho. Tal acontece com um vale hidrográfico. Um rio tem um início e um fim, é uma linha que liga dois pontos, indicando uma direção, logo é um elemento que auxilia a deslocação no território. Um vale permite ao Homem deslocar-se num espaço no qual ele se sabe orientar, apresentando, ao mesmo tempo, bons locais de assentamento, pela formação de espaços secundários no seu interior e pela presença de cursos de água que além de poderem facilitar a deslocação proporcionam terrenos férteis para a agricultura.

O estudo de um lugar pressupõe, então, a existência dessa base natural cuja relação intrínseca com ele deve ser considerada.<sup>6</sup> O desenvolvimento tecnológico, social e cultural humano levou à fixação de populações em locais com características habitáveis. A escolha desses locais requer a compreensão da paisagem, por forma a adaptá-la às necessidades humanas, complementando-a. A fundação de um lugar decorre tanto da adaptação física da natureza às necessidades humanas como da simbolização que daí advém. As marcas da adaptação e ocupação sucessiva dos lugares testemunham a materialização da relação entre um lugar e a paisagem onde esse se localiza.

Os sucessivos níveis de ocupação, dentro do sistema de espaços naturais, correspondentes a diferentes períodos, foram determinando uma estrutura que, no seu relacionamento com os elementos da paisagem, se constituiu como condicionante para os povoados que surgiram. A percepção da ocupação gradual de um lugar e da sua ligação ao seu território físico ao longo do tempo é uma base para o entendimento da sua identidade. A existência de um tal passado cria mais um nível de complexidade no território que, sendo uma síntese da relação primordial do Homem com a paisagem, é já parte indissociável desta, tornando-se indispensável ao estudo da cidade atual.

As condicionantes naturais constituem-se como limites ou elementos modeladores dos aglomerados urbanos, os elementos criados pelo Homem ditam a estrutura da vida quotidiana, materializada na arquitetura e no espaço público e, à escala territorial, nas vias, enquanto elementos de relação de longa distância. A relação primária entre os elementos naturais e os elementos feitos pelo Homem apreende-se, primeiramente, através da localização<sup>7</sup> e da sua influência na morfologia do lugar. Essa relação, compreendida em termos espaciais e de carácter (também simbólico), é a base para a compreensão da identidade. De um modo geral, os locais escolhidos para os assentamentos tendem a ser aqueles onde a natureza sugere um espaço definido, com um determinado grau de enclausuramento, e que contenham elementos com significado. Estas características podem, no entanto, verificar-se em alternância e nem sempre ao mesmo tempo. Havendo uma relação entre o assentamento e o lugar natural haverá, também, uma correspondência entre as condicionantes naturais e a morfologia desse assentamento. A identidade dos lugares depende desta correspondência que, verificando-se, constitui a sua estrutura. Um assentamento tem uma estrutura externa - a relação direta com o ambiente - e uma

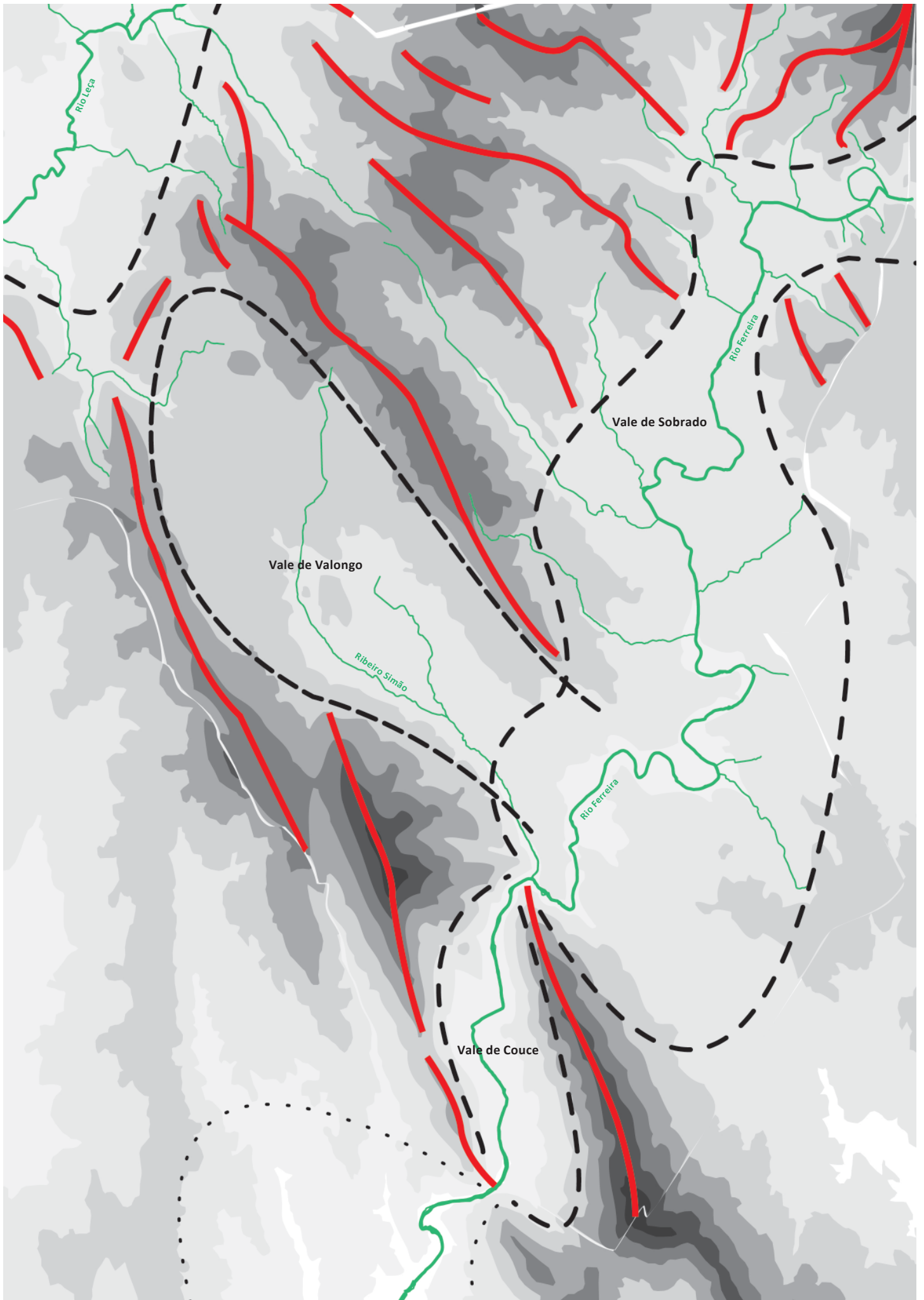
estrutura interna – a situação geral do assentamento, a sua disposição e a relação dos habitantes com os elementos que o constituem, através da simbolização, e, por sua vez, a relação com a estrutura externa. Se, por um lado, o espaço interior de um assentamento vernacular está em continuidade com a sua envolvente natural, por outro lado, o espaço de um assentamento urbano é um conjunto de focos espaciais cujo carácter pode ter interpretações locais ou regionais.

## **2.1. Um discurso identitário da paisagem de Valongo “entre serras”**

As áreas em Valongo “entre serras” que assinalámos como sendo as mais isoladas localizam-se em três espaços distintos no sistema de espaços naturais desse território. O sistema de espaços naturais de Valongo “entre serras” *[ver planta VI]* define-se, em traços gerais, em função dos dois principais vales – o vale de Valongo, onde se localiza a área do Suzão; o vale do rio Ferreira, no qual podemos distinguir um espaço mais aberto a sul, no cruzamento com o vale de Valongo, onde se localiza a área da Retorta; e o vale de Sobrado, a norte, onde se localiza a área da Lomba/Costa – e das principais elevações orográficas – as serras de Santa Justa e Pias e o maciço entre os vales do rio Ferreira e do rio Leça, a oeste.

As áreas nas quais vamos centrar as análises que se seguem localizam-se nos espaços naturais dos vales. Aí, a dada altura do desenvolvimento do território, pelas condições ideais de localização – como a proximidade aos terrenos férteis dos rios de maior caudal ou a cota confortável, em zonas não alagáveis –, o Homem fixou-se e terá começado a desenvolver atividades económicas cada vez mais complexas. No entanto, terá sido nas formações orográficas mais proeminentes, as serras de Santa Justa e Pias, que, segundo a Carta Arqueológica do concelho de Valongo, se terão fixados os primeiros povos.

As serras de Santa Justa e de Pias possuem características que as distinguem claramente da paisagem circundante. Apresentam-se como grandes elementos naturais com os seus cumes isolados. Por outro lado, esta característica de isolamento é reforçada pela altitude acima das formações orográficas vizinhas. Atendendo ao que poderíamos chamar de limites verticais, as suas encostas, a serra de Pias é bastante íngreme, especialmente na extremidade Norte, junto à vizinha serra de Santa Justa. Esta última, por seu turno, tem uma forma complexa, com bifurcações da crista principal e formações de pequenos planaltos, várias vertentes secundárias, resultando de valas escavadas por riachos. Atendendo ao desenho das linhas de

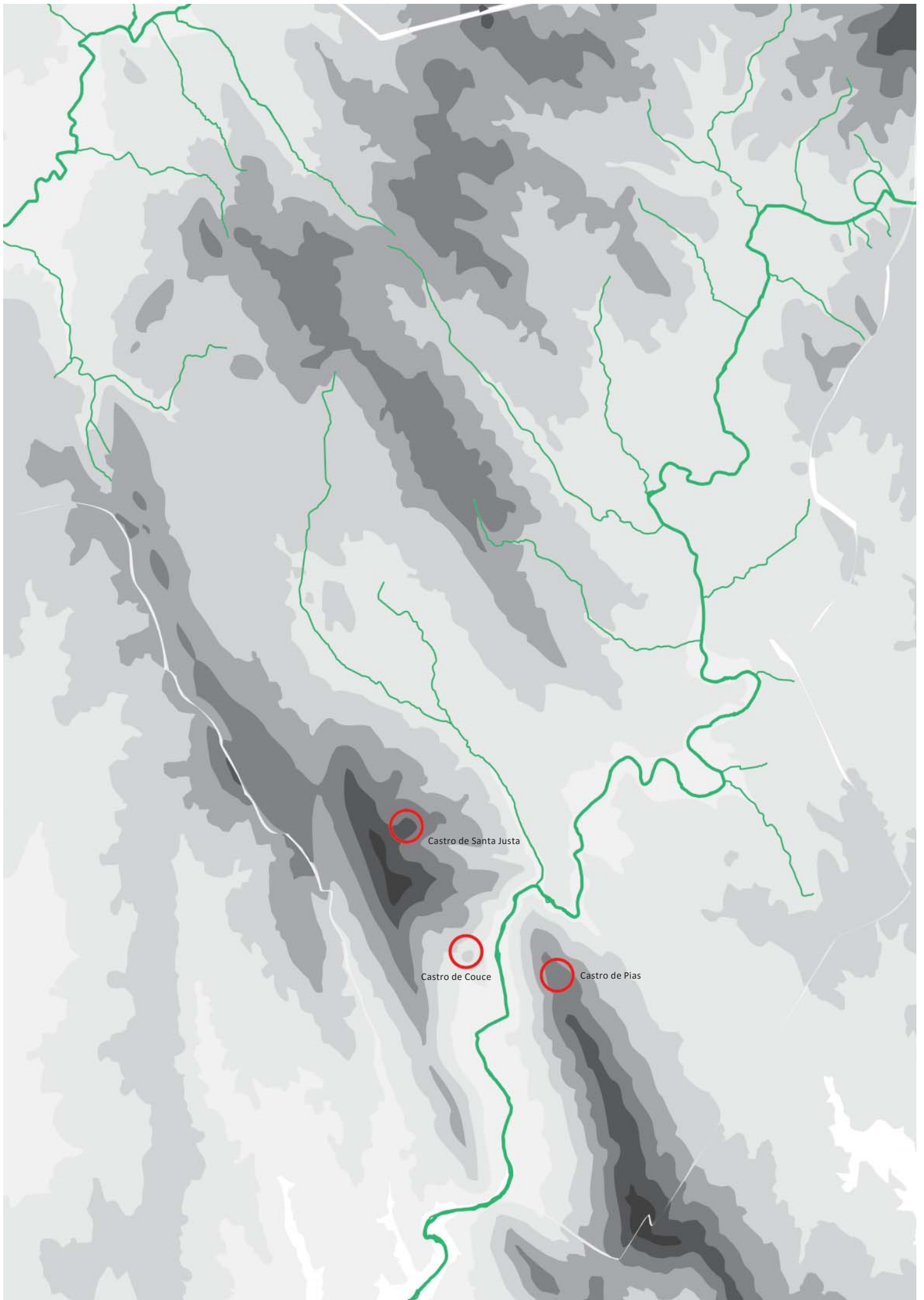


Planta VI. Sistema de espaços naturais de Valongo “entre Serras”

direção do relevo, percebe-se um ligeiro desvio em relação à tendência direcional das formações topológicas mais próximas. As características enumeradas tornam as duas serras distintivas, realçando o seu estatuto de pontos focais na paisagem do concelho. Ambas impõem a sua presença em quase todas as áreas de Valongo “entre serras”, inclusivamente nas três áreas em estudo, embora mais evidentemente no Suzão e na Retorta que na Lomba/Costa, devido à proximidade da última à elevação que separa o vale de Sobrado do vale de Valongo.

Nessas serras talvez a natureza tenha apresentado ao Homem algum lugar sagrado . A presença de riachos, o bosque autóctone – hoje desaparecido –, e as cristas quartzíticas, que são uma característica das mesmas, correspondem aos três elementos dos lugares sagrados: pedras, vegetação e água. Embora a existência ou não de locais sagrados primitivos seja pouco relevante, essas características, juntamente com a escala do relevo, talvez tenham sido preponderantes na escolha destes lugares para a criação de assentamentos. Assim, as duas serras tornam-se próximas pela sua escala média ou humana – pela acessibilidade, a existência de lugares diversos, de pedra enquanto material de construção, de madeira, também para a construção, ou como combustível, de diversas plantas para alimento, de água. A conjugação de todas estas características, a que se acresce a altitude que proporciona segurança, cria condições de habitabilidade.

É nestas duas serras que se localizam três castros *[ver planta VII]*, possivelmente pelas características propícias a este tipo de estabelecimento humano primitivo. Dois deles na serra de Santa Justa - castro de Santa Justa ou Alto do Crasto e castro de Couce - e o terceiro na serra de Pias - castro de Pias. Tanto o castro de Santa Justa como o de Couce encontram-se na encosta Nordeste da serra de Santa Justa, onde esta é menos íngreme. O castro de Pias situa-se junto à crista da serra de Pias, na vertente Sudoeste, possivelmente em contacto visual permanente com os dois castros anteriores. Pode constatar-se que os três castros estão na área do vale do rio Ferreira. Couce e Pias encontram-se junto a uma das extremidades de uma área mais fechada – o vale de Couce. Esta área é um vale mais pequeno e estreito, embora suficientemente largo para possibilitar a existência de campos de cultivo junto ao rio. Especialmente, este é um espaço mais isolado, que poderá ter sugerido maior segurança. O conjunto destas características tê-lo-ão tornado um ponto focal na paisagem, pela fácil distinção dos seus limites e pelo possível carácter de lugar interior.

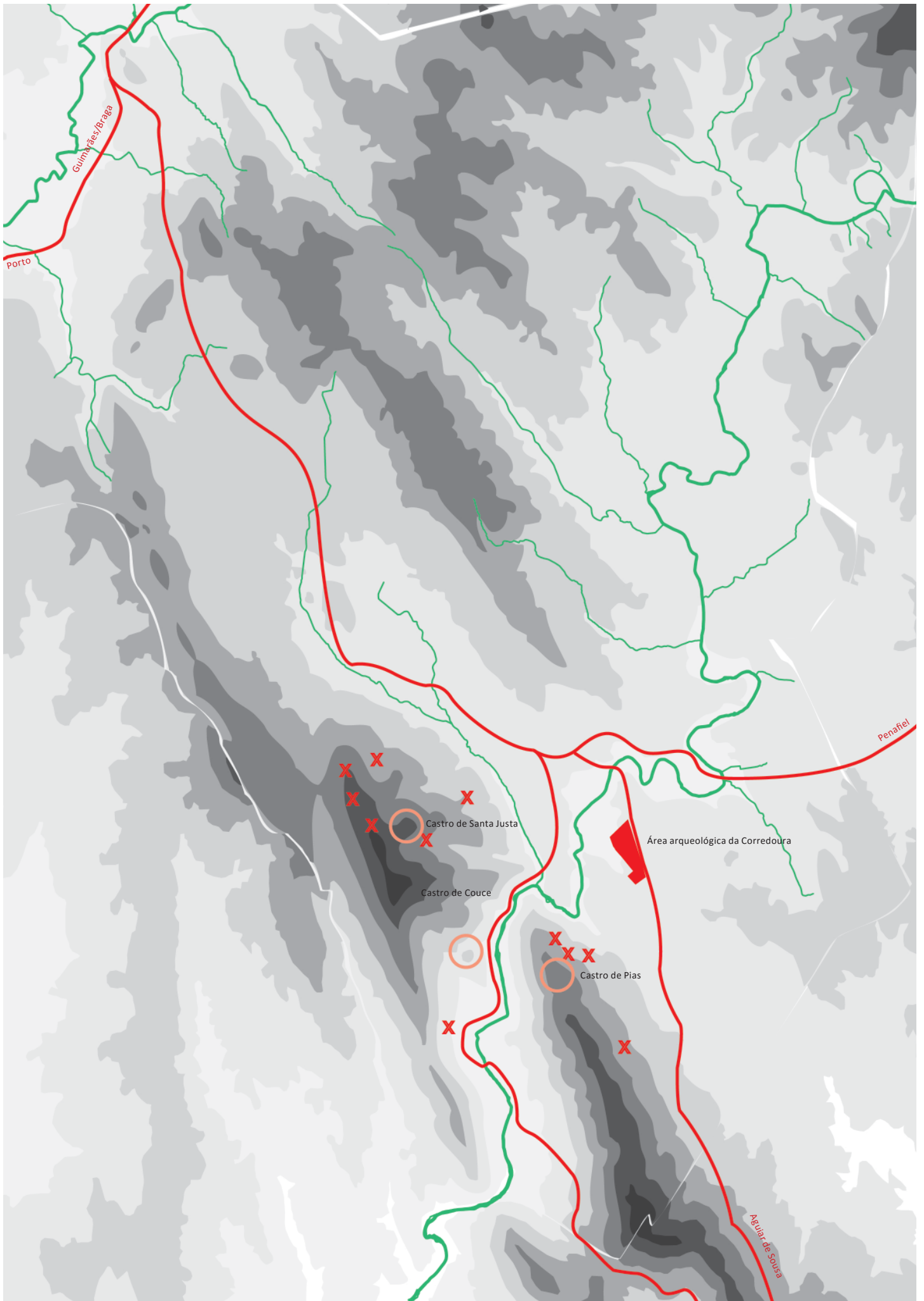


Planta VII. Castros constantes da Carta Arqueológica do concelho de Valongo

Embora próximo, o castro de Santa Justa, estaria voltado para um outro espaço: o vale de Valongo. Devemos fazer uma distinção importante entre estes dois vales. É possível que aos olhos de um homem castrejo, o vale de Valongo se afigurasse como um espaço exterior, daí menos seguro. A localização do castro de Santa Justa confirma a necessidade de um certo distanciamento em relação ao vale de Valongo, a norte. Este apresenta limites claros, quase totalmente rodeado por encostas pouco acidentadas, de aspeto liso, assemelhando-se a grandes colinas de topografia suave. O espaço definido por estas elevações assemelha-se a uma bacia, quase completamente sem reentrâncias, sendo de perceção clara em praticamente toda a sua extensão e em qualquer direção. O fundo do vale é uma extensa área de declive pouco acentuado, praticamente uma planície, realçado pela presença vertical das serras de Santa Justa e Pias. O vale de Valongo é menos fechado que o de Couce e abre-se, na sua extremidade Sudeste, a uma parte da planície aluvial do rio Ferreira. A sua dimensão é já superior e, possivelmente, menos doméstica para um habitante do castro de Santa Justa. Esse castro assentaria numa pequena área plana rodeada de vertentes íngremes, a uma cota que ronda os 300 metros, longe da planície do vale de Valongo, uma extensa área que se eleva entre os 100 e os 150 metros de altitude.

A relação entre toponímia e paisagem demonstra a experiência do espaço natural como um lugar com significado. Esses lugares, cujos nomes apresentam uma tão estreita relação com o espaço natural, possuem uma identidade estruturalmente determinada na paisagem. A forte distinção do espaço natural permite a criação conceptual de um lugar natural que é facilmente identificado. Esse lugar natural torna-se interiorizado e conhecido, sendo possível a orientação e estabelecendo-se mentalmente a sua estrutura. Nesta experiência satisfatória do lugar natural, nasce a identidade do lugar que em alguns casos se transmite ao seu nome. Embora o nome de Valongo seja contado através de uma lenda, a existência de um vale é óbvia mesmo no seu antecedente latino. É possível que as histórias contenham aspetos concretos relevantes. Neste caso, uma das personagens da lenda da criação de Valongo que exclama “que vale longo”, poderá ser uma representação possível do impacto que a sua paisagem causaria ao ser avistada. A tal ponto que o nome do lugar se tornaria Vallis Longus, ou vale longo, evoluindo depois para Valongo.<sup>8</sup>

O carácter de lugar exterior do vale de Valongo torná-lo-ia, talvez, menos atraente ao assentamento castrejo, mas, porventura, mais propício ao assentamento de estradas romanas. Num território estranho é provável que um povo que o pretenda controlar, escolha movimentar-se em lugares amplos, evitando aqueles



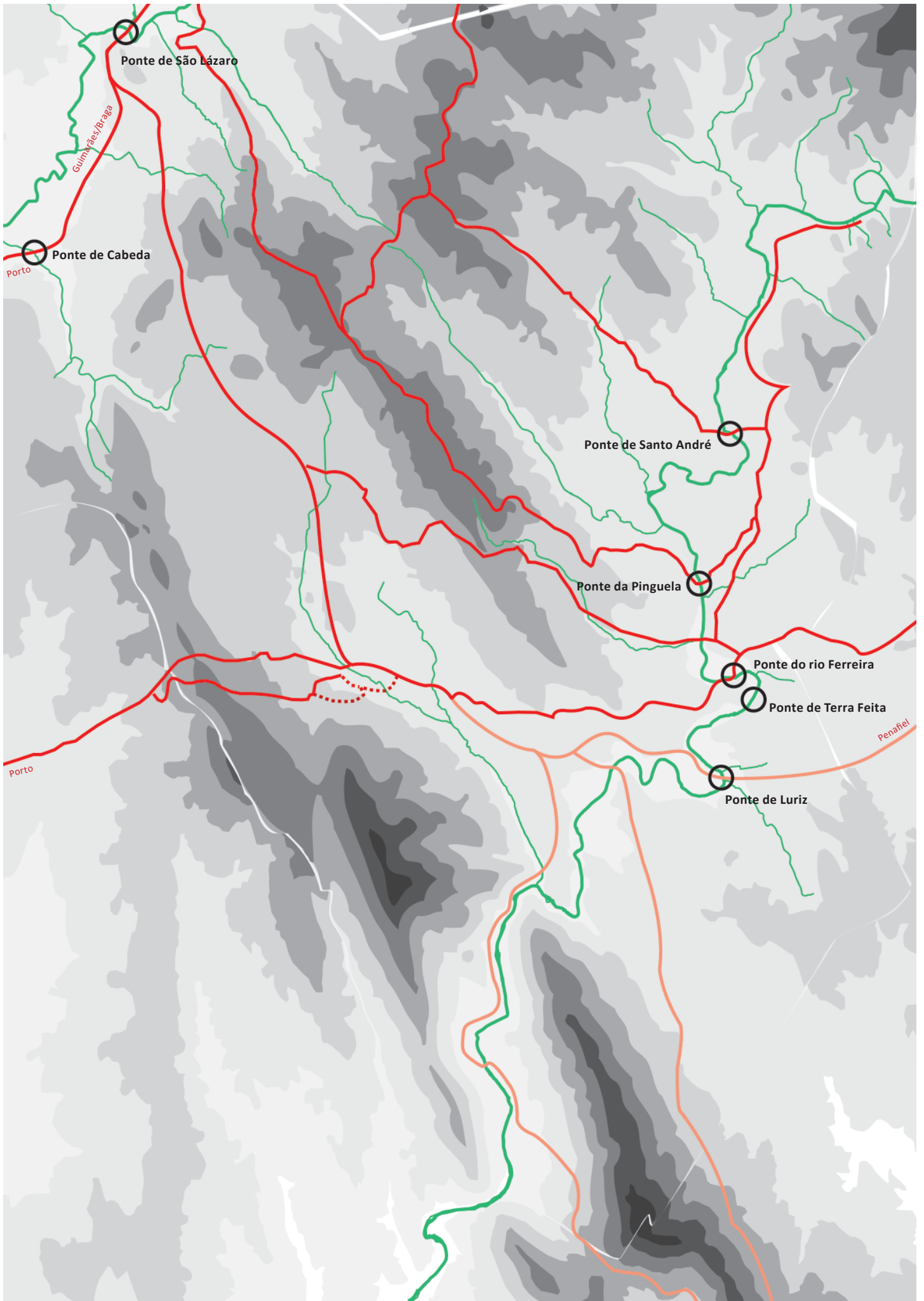
Planta VIII. Vias — e minas X romanas.

onde sabe que poderá ser observado mais de perto e atacado mais facilmente. O vale de Valongo seria, assim, um lugar com características ideais para uma estrada romana: é amplo, permitindo uma boa visão numa grande extensão do território, e plano, ótima condição para assentar uma estrada sem ter necessidade de fazer grandes desvios.

Observando as marcas da ocupação no concelho<sup>9</sup>, encontra-se uma série de estradas romanas que serviriam principalmente para escoar o minério extraído das serras de Santa Justa e de Pias. Derivavam de uma das estradas romanas principais que ligava o Porto a Guimarães e daí a Braga. A derivação dava-se em Alfena, atravessando, depois, o vale de Valongo, que teria uma condição de lugar de passagem durante o período romano [ver planta VIII]. Aqui passaria a estrada que ligava Alfena a Penafiel, atravessando as atuais áreas de Valongo e Suzão. Neste troço é possível que o traçado da estrada mudasse ligeiramente de direção apontando diretamente à serra de Santa Justa, que seria o foco principal da ocupação romana deste território. Esse traçado é sugerido atualmente pelas ruas que ligam diretamente os centros dos aglomerados do Suzão e de Valongo. Posteriormente, um dos nomes referidos para a povoação era Valongo da Estrada, que atesta a importância do vale como lugar de passagem.

Há que realçar a constância das serras de Santa Justa e Pias como pontos vitais da caracterização da paisagem. A importância inicial, provavelmente com uma dimensão religiosa animista, derivada da sua identificação como pontos focais na paisagem, foi evoluindo, tornando-as, não só lugares de assentamento, mas também pontos essenciais na exploração de recursos no território de ocupação romana, e, assim, relacionadas com uma economia não apenas de subsistência. A existência de minas de extração de ouro e de outros metais leva-nos a perceber esta zona como o centro da atividade mineira romana no concelho. Esta atividade seria apoiada por oficinas de tratamento do minério e locais onde estariam instaladas as comunidades de mineiros. Estes locais não foram identificados, tendo sido apenas especulada a sua localização. No entanto, perto do sopé das serras, a sul do atual aglomerado da Retorta, localizar-se-ia, segundo os arqueólogos, ou uma villa ou um povoado romano. Os vestígios encontrados<sup>10</sup> apontam para a existência de uma necrópole, que sugere um outro tipo de implantação, onde já seriam necessários terrenos propícios a uma agricultura desenvolvida. Curiosamente, a atividade mineira permanece nesta área a sul da Retorta, já não para extração de metais preciosos, mas de ardósia.

Independentemente da existência ou não dessa povoação, o facto é que a importância espacial passou gradualmente das serras para os vales. Estes deixam de



Planta IX. Vias medievais — e romanas — .

ser principalmente locais de passagem para se tornarem lugares de implantação das povoações, junto aos terrenos férteis. Assim, no período medieval, o desenvolvimento da agricultura justificou o estabelecimento de assentamentos ao longo dos vales. Além do vale de Valongo, ter-se-á desenvolvido outro grande espaço no vale do rio Ferreira, onde surgirão os povoados de Sobrado, incluindo a Lomba/Costa.

O vale de Sobrado é um espaço um pouco mais complexo que o vale de Valongo, com grande subdivisão espacial em pequenos vales secundários e de carácter mais isolado. Sendo um vale hidrográfico tem uma direção implícita, sugerida pelo rio, que aqui corre de norte para sul. A norte, o vale é mais estreito e fechado, estando essa área circundada por elevações que, embora de pendente suave, se destacam, principalmente em relação à área mais plana para sul. Essa zona a sul, ao estender-se bem além do limite com o concelho de Paredes, forma uma área relativamente plana e de mais difícil delimitação espacial, proporcionando uma distinção ténue dos seus limites.

Grande parte das povoações surgem nesta transição espacial. A mancha de ocupação do território “entre serras”, que anteriormente se tinha estabelecido no vale de Valongo, estruturada pelas vias romanas, desloca-se para norte, abandonando as serras de Santa Justa e Pias como foco central *[ver planta IX]* e espalhando-se pelos vales de Valongo e do rio Ferreira.

A área de Valongo “entre serras” é constituída por diversos aglomerados com um carácter urbano variante. De um modo geral, verifica-se uma forte presença do passado agrícola da região, perceptível nos inúmeros campos de cultivo e bouças dentro dos aglomerados existentes. Mesmo no aglomerado de Valongo, cuja densidade urbana tende a ser mais elevada, a presença de elementos naturais é constante, ainda que na sua maioria sejam espaços sobrantes ou zonas não construídas. Em grande parte dos aglomerados, a presença de áreas rurais no seu interior é ainda mais forte. Suzão mantém uma imagem claramente rural, tanto pelo traçado das vias, como pela presença de campos de cultivo. A Lomba/Costa é igualmente um aglomerado principalmente rural, com uma concentração significativa de grandes casas agrícolas e respetivos terrenos de cultivo. A Retorta situa-se numa área rural, rodeada pelos campos ao longo do rio Ferreira, mas a área que destacámos localiza-se também junto a grandes superfícies de mato, no sopé da serra de Pias. O território “entre serras”, que deve formar uma unidade territorial funcional, engloba um conjunto diversificado de aglomerados com características funcionais e identitárias diferenciadoras.

As escalas do todo e das partes do território são necessariamente distintas, implicando considerações de diferentes relações entre elementos paisagísticos. A identidade de cada aglomerado tem uma estrutura exterior, na sua relação com a totalidade do território, e interior, que além da posição no território, é definida pela configuração do aglomerado, imposta pela morfologia do espaço natural onde se situa.

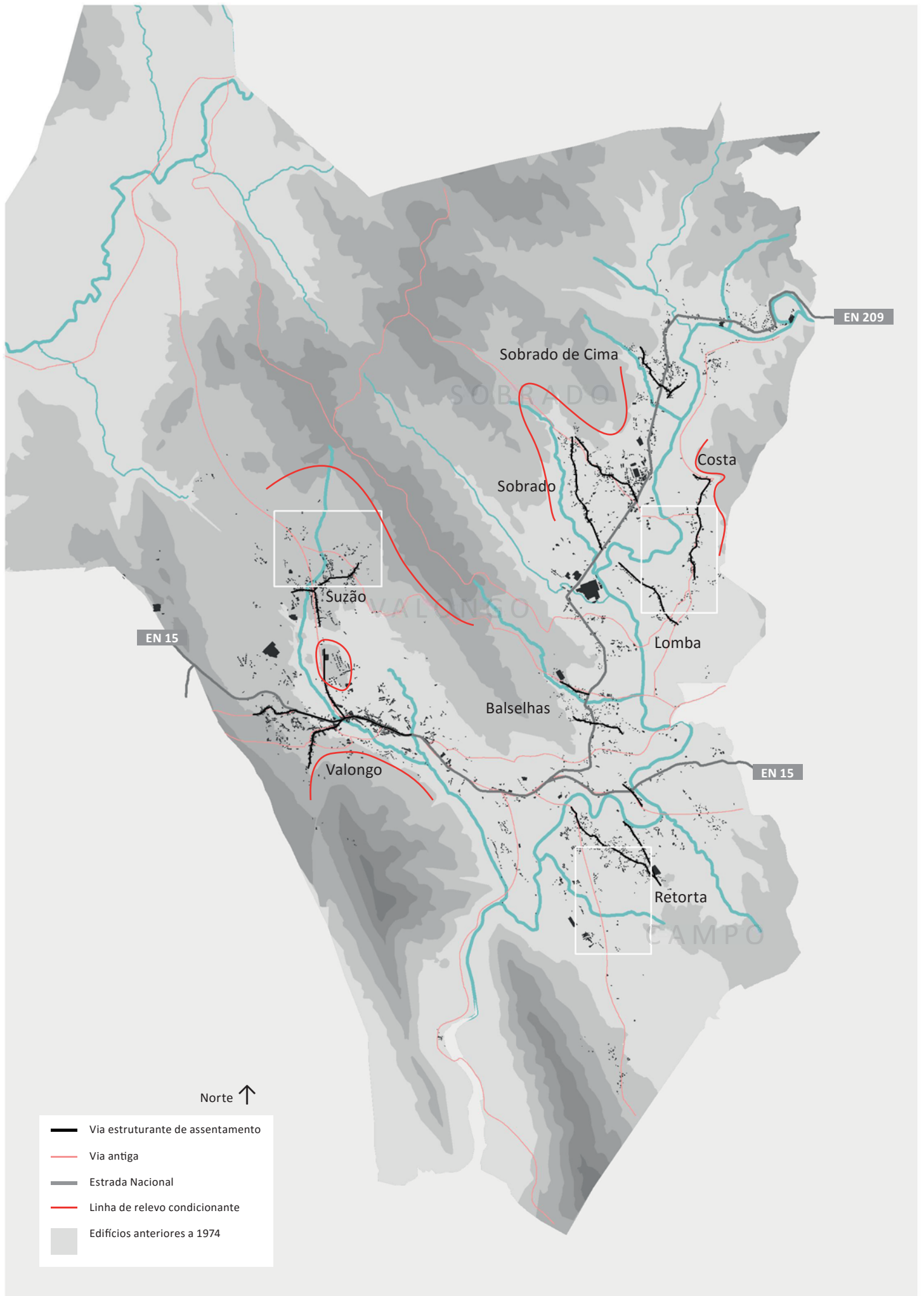
Os grandes eixos estruturantes da identidade do território de Valongo “entre serras” [ver planta X], que podem ser percebidos através da paisagem, orientam-se segundo a posição relativa dos vales de Valongo e Sobrado, que, como dissemos, terão sido lugares de passagem, e as serras de Santa Justa e Pias, principais referenciais orientadores, funcionais e, assim, identitários. Mais tarde o assentamento de povoações ter-se-á dado junto a estradas e caminhos tradicionais principais, com origem romana e medieval. Será o caso de Valongo – junto ao sopé da serra de Santa Justa –, de Suzão – numa área mais a norte –, de Campo – junto ao atravessamento do rio Ferreira, na estrada para Penafiel e Vila Real –, da Retorta – no topo de uma colina junto ao rio Ferreira –, dos aglomerados da Lomba, da Costa ou da Gandra – na estrada que contornava as elevações suaves ao longo do rio Ferreira, no vale de Sobrado e próximo dos campos de cultivo – e de Sobrado –, junto a um atravessamento do rio Ferreira, próximo dos campos de cultivo.

As estradas nacionais atravessam esta área, seguindo os percursos que são sugeridos para as vias romanas e medievais, de certa forma testemunhando uma tradição paisagística perpetuada. Tanto a EN 15 como a EN 209 seguem a direção dos vales de Valongo e Sobrado, respetivamente. Há também uma presença forte destas vias nos aglomerados. A EN 15 passa no centro de Valongo e parte do seu percurso aqui é referido como correspondendo às antigas vias romanas e medievais. Em Campo, no entanto, esta estrada desvia-se das zonas correspondentes aos aglomerados mais significativos, passando entre eles, ao longo do vale, indicando talvez um lugar de passagem, possivelmente relacionado com a travessia do rio. A EN 209 liga Campo a Sobrado e tornou-se o eixo principal de todos os aglomerados por onde passa, podendo acrescentar-se o contributo desses troços à estruturação da sua identidade. É possível que esta estrada tenha ganho a importância que a via medieval que passa na Costa terá tido. Hoje é na EN 209 que se percorre longitudinalmente o vale de Sobrado, passando diretamente nos centros dos aglomerados que se desenvolveram

aí e já não nas áreas agrícolas. Também a EN 15 em Valongo é parte indissociável da estruturação da identidade. Quer na parte do seu percurso que corresponde ao centro da Vila, onde se condensa o seu carácter, quer na área à entrada da freguesia a norte, onde se avista a extensão do vale e se percebe a ligação do aglomerado ao seu lugar natural.

O Suzão *[ver planta XI]* localiza-se numa zona plana a norte de Valongo, junto à encosta Norte do vale de Valongo. Neste aglomerado há ainda uma grande presença de terrenos agrícolas. Apesar de próxima, a encosta não se impõe demasiado ao assentamento, porventura devido à sua pendente suave. A serra de Santa Justa, pelo contrário, embora distante, ganha uma presença ainda mais impressionante, porque é vista em toda a sua dimensão. Um elemento importante, que introduz alguma diferenciação ao terreno plano do Suzão, é o ribeiro Simão. A travessia deste curso de água, talvez tenha definido um ponto focal que se veio a desenvolver posteriormente. A sua presença também tem consequências na morfologia do aglomerado. As direções das ruas das áreas centrais - Souto e Outeiro - são sugeridas pelas curvas do ribeiro. Os dois eixos mais relevantes do aglomerado adquiriram estas direções. A estrada romana, que levava à área onde hoje se situa o centro de Valongo, assentava paralelamente ao ribeiro, pelo menos até ao Souto. O eixo perpendicular a esse adquire também a direção do ribeiro quando este se desvia para nordeste, fazendo a ligação a Nogueira. Esta área, constituída por um conjunto de solares e uma capela ao centro, faz hoje parte da lista de património construído do concelho.

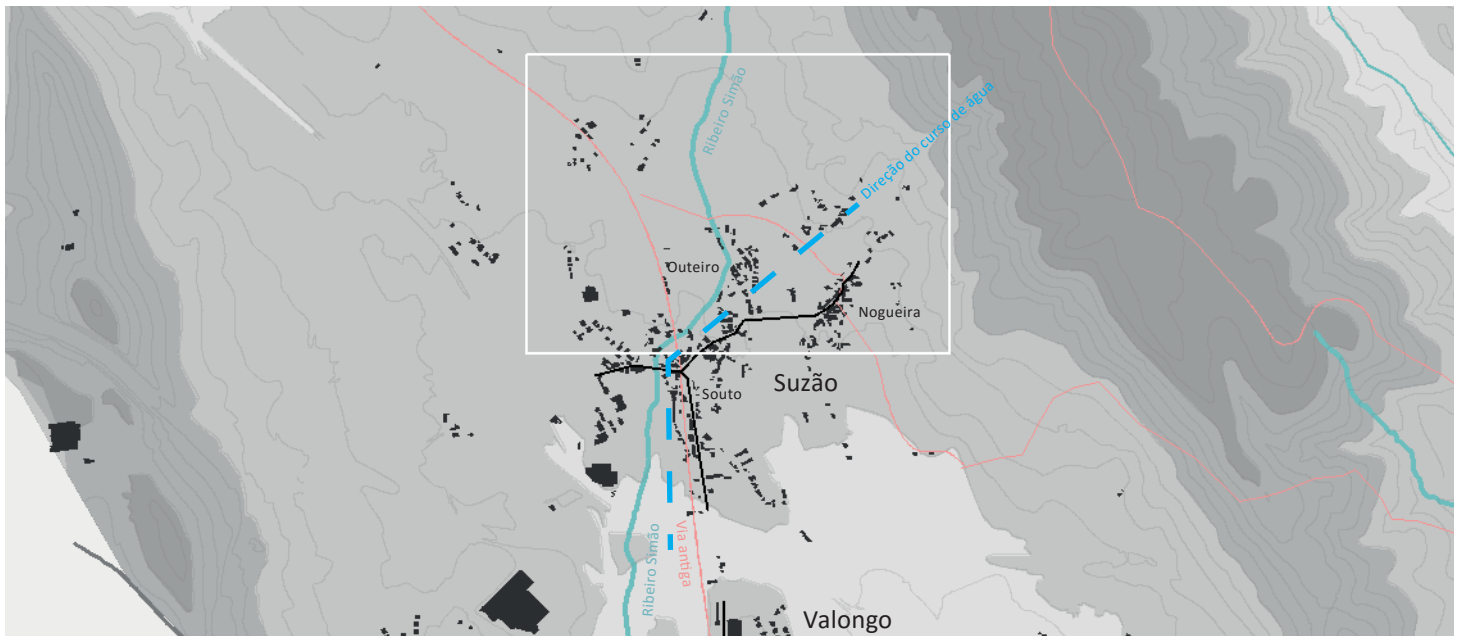
A Retorta *[ver planta XII]* Está localizada numa colina de pendente longitudinal suave, no enfiamento visual do vale de Valongo. Encontra-se no cruzamento entre os dois eixos espaciais definidos pelos vales de Valongo e de Sobrado. Nas áreas mais elevadas da colina é possível avistá-los claramente. Há uma grande proximidade ao rio Ferreira e, porventura, talvez a localização elevada em relação a este tenha sido útil em caso de cheias, uma vez que todo o terreno circundante é bastante plano. Esta área está bastante próxima das serras de Santa Justa e Pias, na zona que terá correspondido ao centro da ocupação romana do concelho. A sul da Retorta, a Corredoura é, como já referimos, o local apontado como possível para um estabelecimento romano. Essa é uma área plana no sopé da colina, como o são os terrenos do lado norte, entre os meandros do rio. Na morfologia deste assentamento encontram-se dois eixos. Um eixo longitudinal, paralelo à direção do vale de Valongo, e um perpendicular que faz a



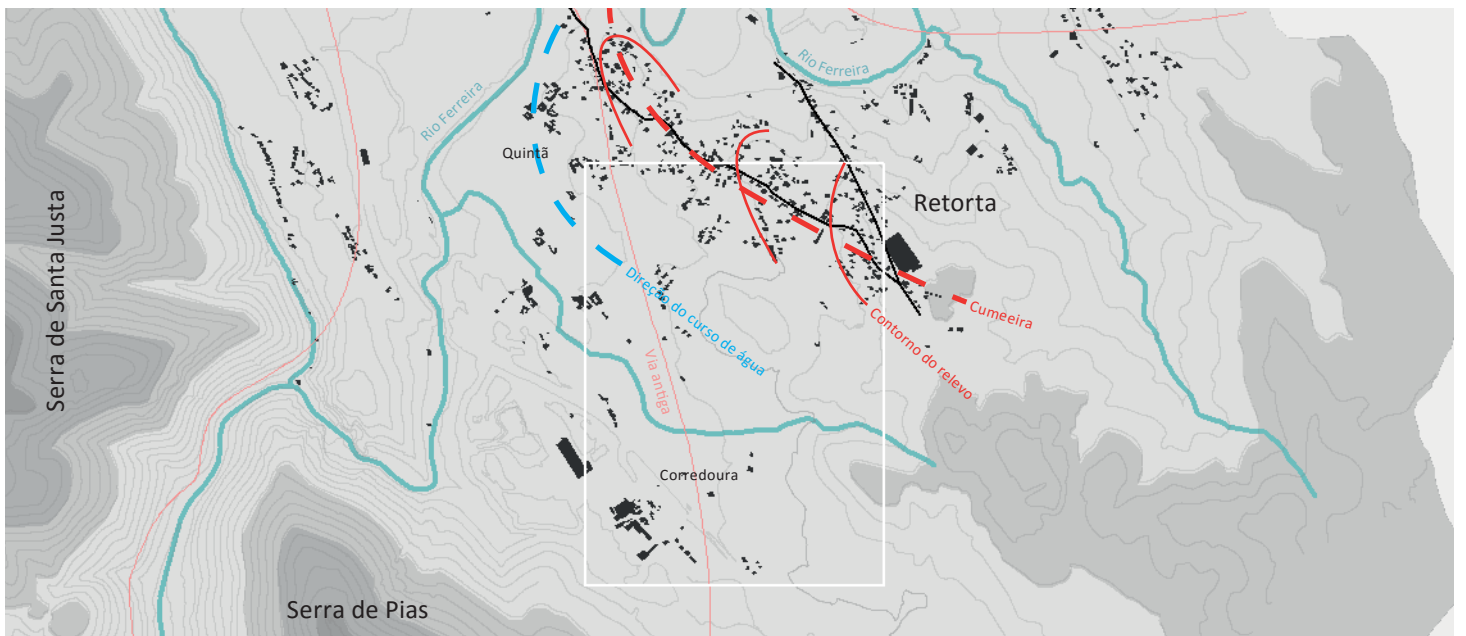
Planta X. Estruturação de assentamentos no território

ligação à área central de Campo, do outro lado do rio. Ambos se unem no ponto mais alto da colina. Neste caso, a configuração do rio é menos relevante para a morfologia do aglomerado. O rio é importante como ponto de referência e determinante para a irrigação dos campos de cultivo, mas seria preferível construir a uma cota superior, tendo sido mais importante a adaptação ao relevo da colina. Há, também, uma série de solares na Quintã de Baixo e na Capela, que testemunham uma maior importância dessas zonas a nível arquitetónico, o que poderá também significar uma maior tradição de circulação entre o atravessamento do rio Ferreira, a norte, e a área agrícola da Corredoura.

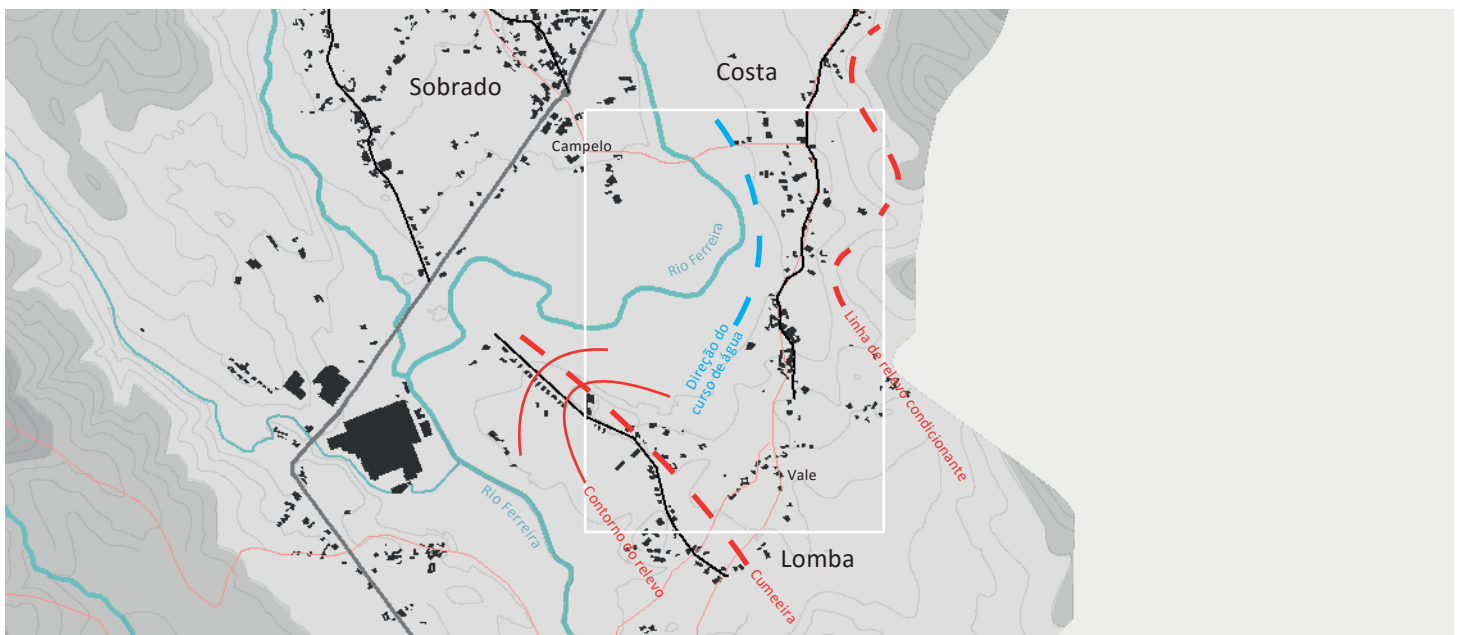
Tanto a Lomba como a Costa *[ver planta XIII]* localizam-se em áreas planas no vale de Sobrado. No entanto, a Lomba, embora plana, encontra-se numa pequena elevação estreita que rasga a planície do vale. O nome do aglomerado talvez esteja relacionado com a forma do terreno onde se implanta. Por seu lado, a Costa estende-se numa variação de cota pouco significativa. Contudo, contorna as elevações do lado leste do vale de Sobrado, sendo essa a principal característica da sua morfologia. Uma vez mais, estes aglomerados, embora relacionando-se com o rio, seguindo a sua direção, afastam-se deste e o desenho das suas ruas é apenas influenciado pelo percurso do rio, na medida em que este influencia o próprio relevo. As construções, quer duma, quer doutra, encontram-se ao longo e em torno dos eixos principais de ambas. A Costa encontra-se ao longo de uma via medieval que seguiria pelo vale de Sobrado na direção norte-sul, a partir do qual surgem diversas ramificações transversais. O eixo central da Lomba é transversal a essa via medieval e, embora eventualmente posterior, obedece à tendência de vias transversais ao vale de Sobrado.



Planta XI. Condicionantes da estrutura do aglomerado do Suzão



Planta XII. Condicionantes da estrutura do aglomerado da Retorta



Planta XIII. Condicionantes da estrutura dos aglomerado da Lomba e da Costa

## 2.2. Comentário final

Na interpretação da paisagem que se propôs tentou-se descrever uma série de elementos e os seus significados evidenciando os valores deste território que o caracterizam como caso de estudo único. A configuração espacial e a aparência da orografia e da hidrografia são, em princípio, irrepetíveis, embora se constituam de elementos que não são exclusivos deste território. No entanto, a imagem que se forma perante nós, ao observar esta paisagem, é o meio para torná-la única. Assim, a descrição das marcas de ocupação correspondentes a vários períodos, tendo em consideração a relação entre os elementos construídos pelo Homem e os elementos naturais, e, especialmente, as lógicas que lhes deram origem e os significados daí resultantes, permitem consolidar um entendimento que reconhece a singularidade da paisagem.

Os atuais aglomerados urbanos, que se desenvolveram e fazem parte dessa paisagem singular apresentam, na sua relação com os 'lugares' naturais onde se localizam, características estruturais explicadas por condicionantes resultantes das condições do relevo e dos elementos artificiais pré-existentes. Essas condicionantes traduzem-se na malha urbana, por exemplo, no paralelismo a cursos de água ou no contorno da orografia, na direção de estradas e caminhos antigos, ou na coincidência da localização de pontos focais antigos e recentes.

A paisagem reflete, então, o antigo e o novo, o passado e o presente da ocupação humana, o natural artificializado e as suas relações intrínsecas.

### Notas:

- 1 DOMINGUES, Paisagem..., p. 28
- 2 SIMMEL, The Philosophy ..., pp. 21 a 22
- 3 SIEVERTS, Cities..., p. 40
- 4 NORBERG-SCHULZ, Genius ..., p. 23
- 5 *Ibidem*, p. 22
- 6 *Ibidem*, p. 50
- 7 *Ibidem*, p. 170
- 8 Valongo..., p. 7
- 9 Do texto da Carta Arqueológica, percebe-se que grande parte do que é assinalado trata-se apenas de possibilidades que não foram totalmente exploradas no terreno.
- 10 Carta Arqueológica do Concelho de Valongo

# Incursão no território invisível

Exercícios de imersão urbana em Valongo “entre serras”

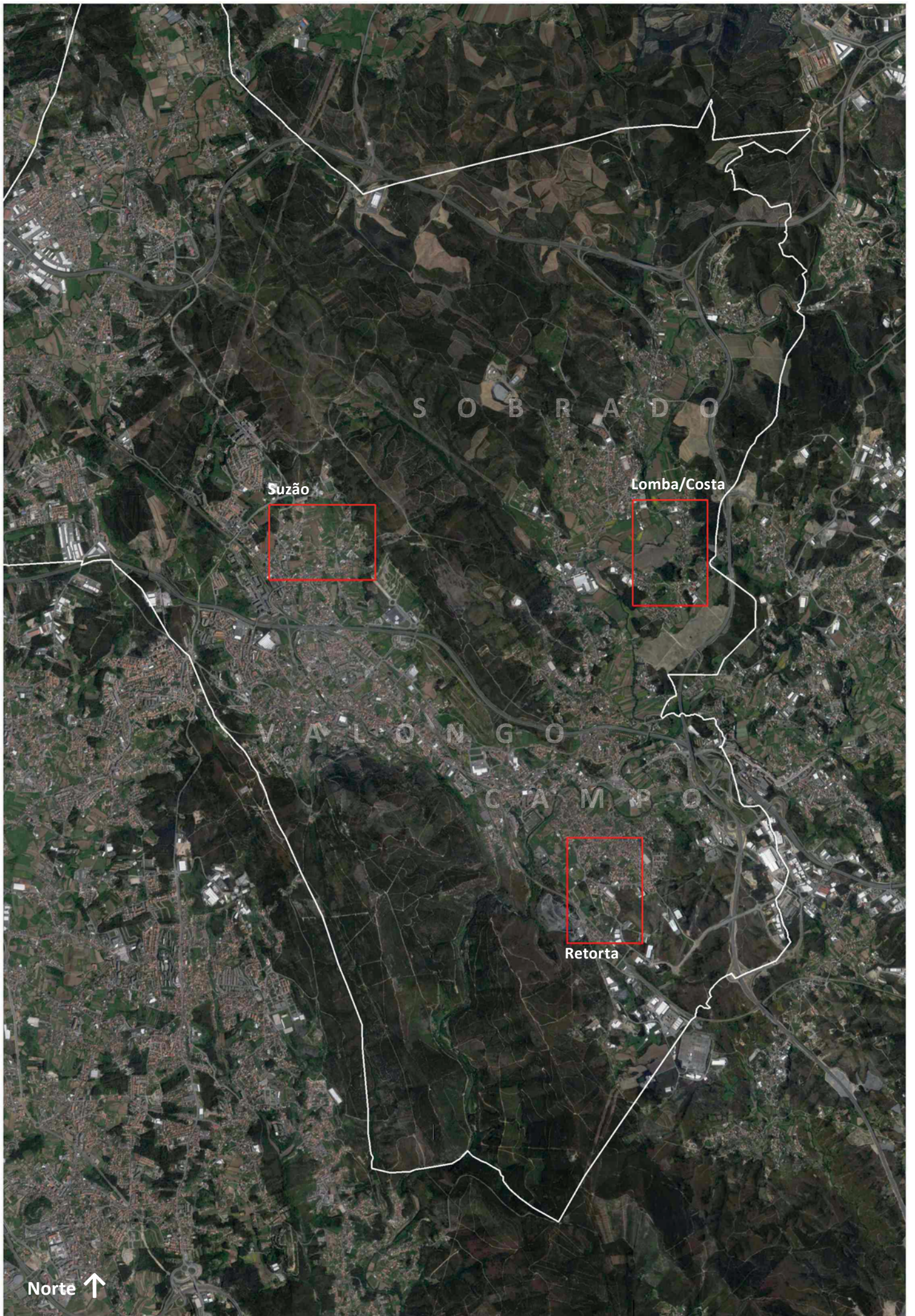
Suzão



Lomba/Costa



Retorta



S O B R A D O

Suzão

Lomba/Costa



V A L O N G O

C A M P ã O



Retorta

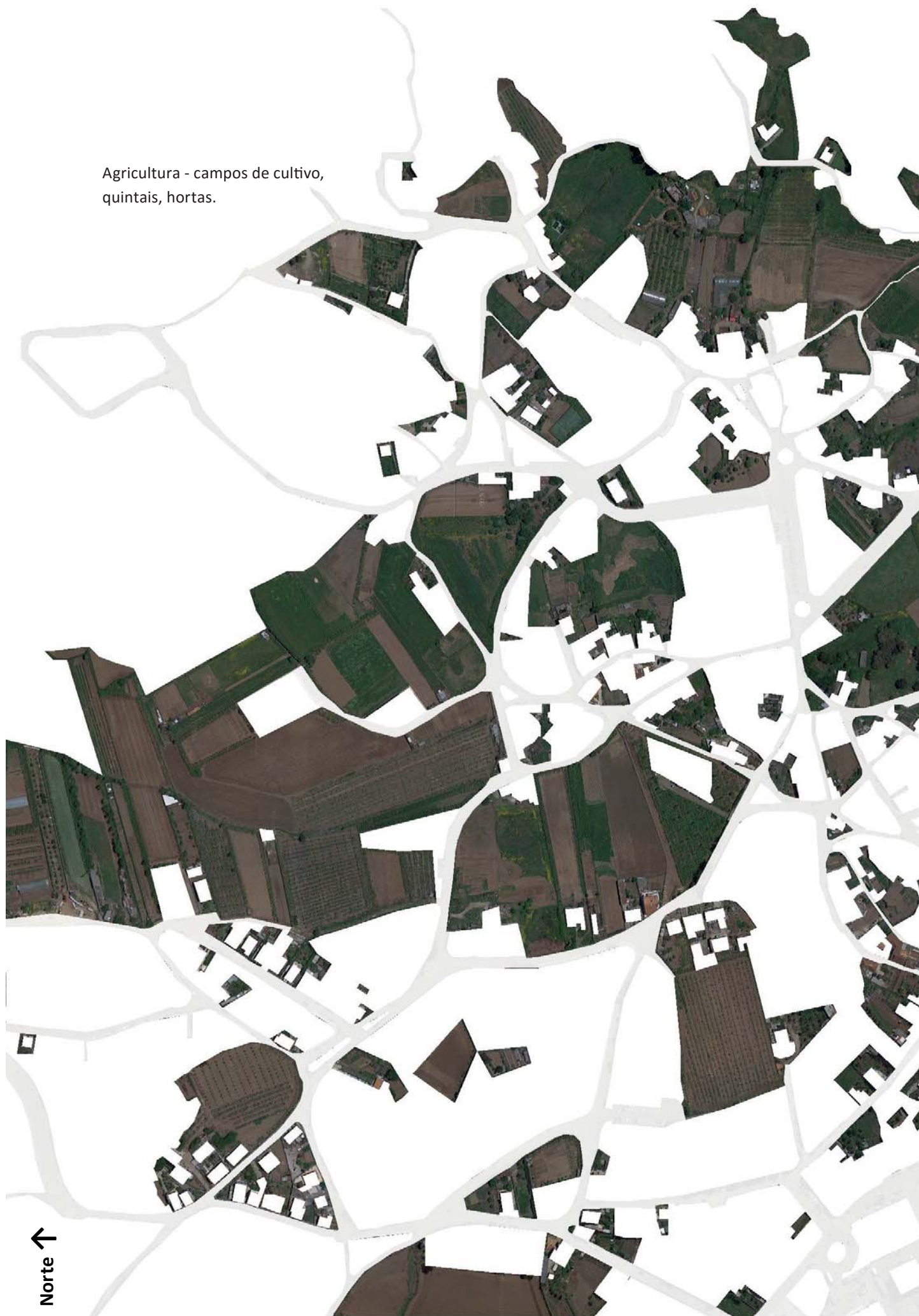
Norte ↑

### 3.1.1. Suzão, Valongo



A presença de campos de cultivo em pleno uso é bem visível. Como resultado o edificado é mais disperso e os 'espaços-entre' mais abertos, principalmente nas áreas mais afastadas do centro tradicional. As casa e os edifícios em geral surgem ao longo de ruas que serpenteiam por entre campos.

Agricultura - campos de cultivo,  
quintais, hortas.



Norte ↑



As ruas do aglomerado são ladeadas, mesmo nos pontos mais densos, por espaços abertos, muitos deles campos de cultivo. São delimitados das mais diversas formas, por muros de xisto aparente, muros de bloco de cimento aparente, redes, cercas de madeira, sem vedação, com valas (algumas de irrigação), entre outros.

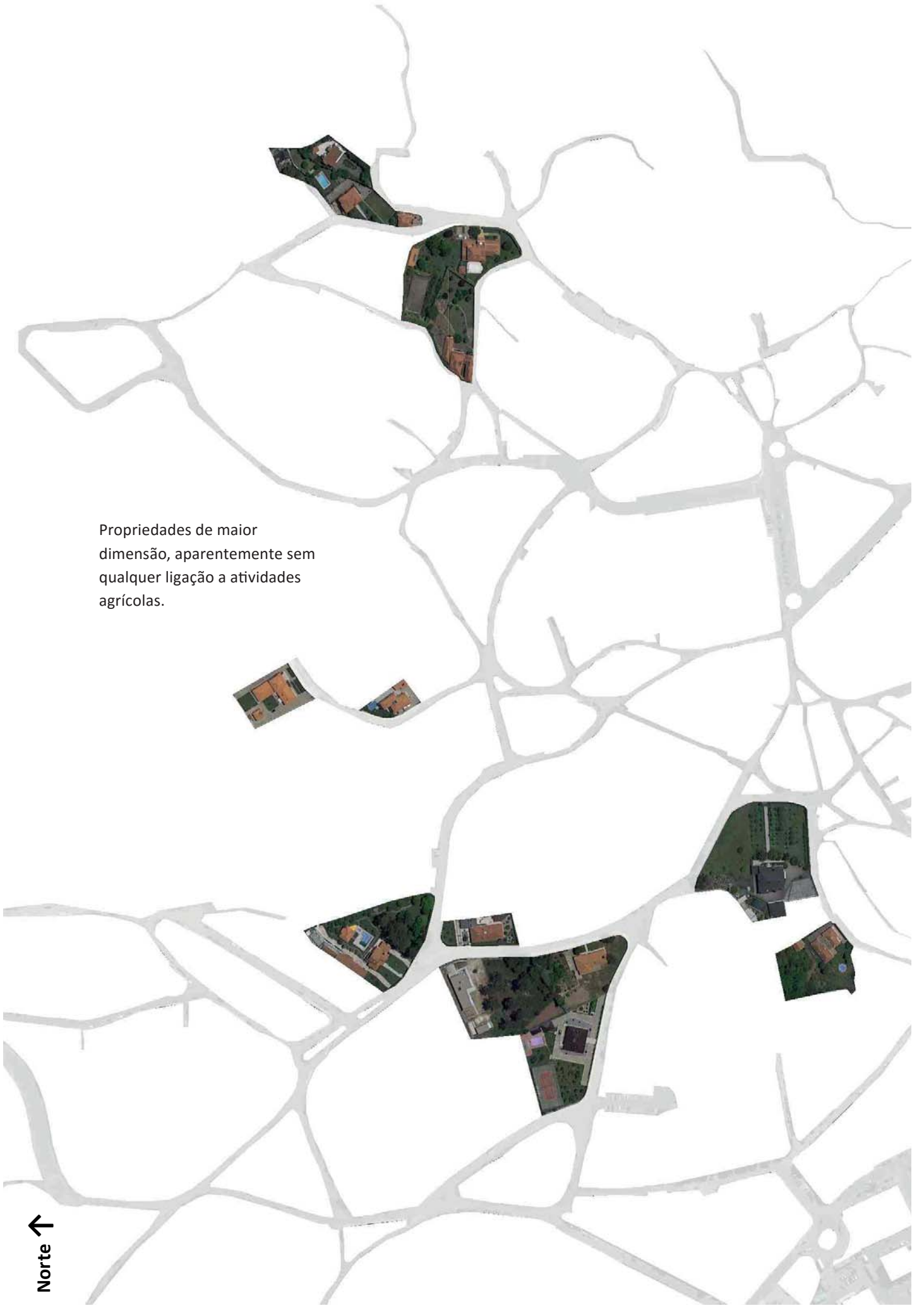


Tal como noutras áreas de génese rural, os passeios são pouco frequentes. No entanto, onde houve algum tipo de renovação do espaço público ou junto a construções novas surgem extensões fragmentadas de passeios, por imposição de regulação municipal.

A edificação nova entre campos de cultivo, não apresenta, necessariamente, relação com estes.



Um conjunto contrastante de casas que surgem em áreas afastadas do centro tradicional e da área mais próxima ao aglomerado de Valongo, aparentam ser habitadas por famílias de contextos económicos mais vantajosos. Essas casas unifamiliares são normalmente de dimensão considerável, muitas vezes com jardim envolvente de amplas dimensões e bastante cuidado e por vezes com piscina ou outras instalações desportivas.

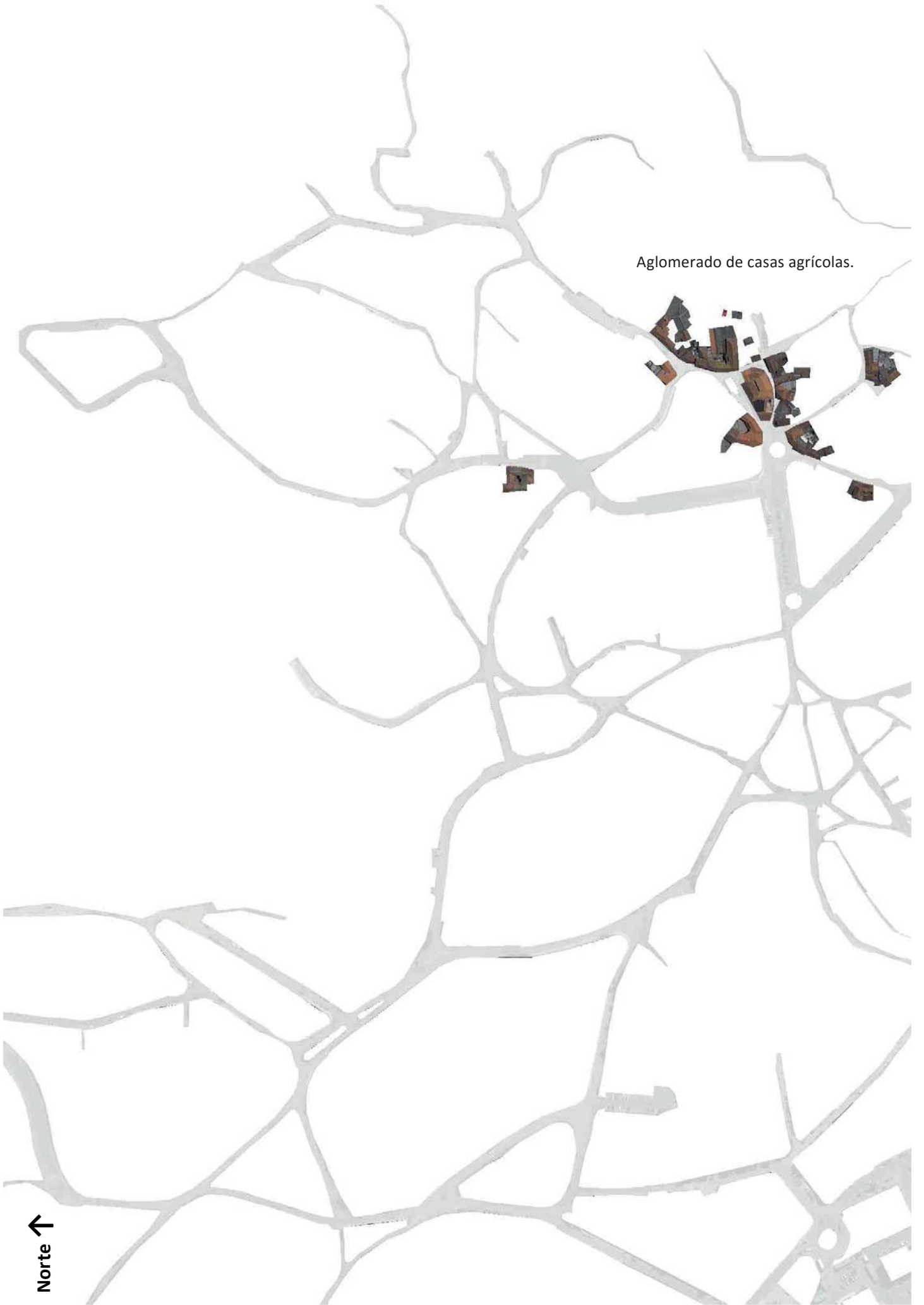


Propriedades de maior  
dimensão, aparentemente sem  
qualquer ligação a atividades  
agrícolas.

Norte ↑



A par de construções novas, de diversas tipologias e dimensões, parte dos edifícios históricos aparentam ter recebido obras de manutenção ou renovação. Outros edifícios encontram-se em ruínas ou aparentemente abandonados.



Aglomerado de casas agrícolas.

Norte ↑

### 3.1.2. Retorta, Campo



Os campos agrícolas na freguesia de Campo concentram-se sobretudo ao longo do rio Ferreira, embora nas áreas mais afastadas deste, como esta área ao sul do aglomerado da Retorta, também se encontrem campos de diferentes dimensões. As hortas domésticas, incluindo aquelas em porções de terrenos aparentemente abandonados são muito comuns, especialmente nas áreas mais próximas ao núcleo mais denso do aglomerado.




Agricultura - campos de cultivo,  
quintais, hortas.

Norte ↑



Uma parte significativa desta área a sul da Retorta é ocupada por mato e grupos de árvores esparsos. Esta área situa-se onde a paisagem agrícola se rarefaz, em direção à serra de Pias. Principalmente edifícios industriais, mas também habitações unifamiliares surgem entre as áreas de mato.



Áreas de mato e arvoredo.

Norte ↑

Os muros de xisto são uma constante em todo o aglomerado. Também as construções auxiliares, na maioria aparentemente de apoio à prática agrícola, em alvenaria de xisto aparente, surgem amiúde. Na zona há ainda uma mina de extração de xisto em funcionamento, o que certamente confere a este material um carácter identitário.



O xisto surge em construções novas, como neste exemplo de uma habitação unifamiliar. Apesar de comum, a grande maioria dos edifícios de habitação no aglomerado não são de xisto aparente. A impressão que se tem é que as casas mais antigas, construídas em xisto, serão rebocadas. O uso do material neste exemplo parece uma projeção idealizada da identidade do local.



A maior parte das ruas do aglomerado não possui passeios. Estes parecem surgir com as novas construções, devido à imposição de regras municipais. O resultado deste processo lento e fragmentado de criação de passeios é o desalinhamento dos limites entre espaço público e privado, sendo até desconfortável usar passeios que vão surgindo aleatoriamente. Possivelmente seria mais apropriado um pavimento bem cuidado sem separação do tráfego automóvel do pedonal.



Em todo o aglomerado surgem exemplos de habitações unifamiliares como as da imagem. São construções genéricas que surgem um pouco por todo o território, independentemente da localização. A sua aparência varia entre exemplos mais sóbrios e mais ornados, seguindo gostos vigentes na altura da construção, mas criam, contudo, uma imagem de certa forma ordenada.



Habitações unifamiliares de volumetria simples, geralmente afastadas dos limites do terreno ou geminadas.

Norte ↑



Por contraste, há casas com construções adicionais aparentemente aleatórias, resultando numa imagem desordenada. No caso acima, trata-se das traseiras de casas, construídas entre duas ruas. A parte dianteira destas construções visíveis de uma rua mais movimentada apresenta uma imagem mais cuidada.



Edifícios na maioria de habitação com extensões formando volumetrias complexas. Localizam-se principalmente no casco central do aglomerado da Retorta.

Norte ↑



Localizando-se na transição entre as áreas agrícolas, ao longo do rio Ferreira, e as de mato, próximas à serra de Pias, esta área apresenta terrenos propícios ao surgimento de instalações industriais. A proximidade à circular regional exterior do Porto, relativamente recente, terá proporcionado a localização de serviços de logística. Os edifícios destas atividades pesadas surgem por entre casas existentes. Mas habitações unifamiliares mais recentes parecem também surgir entre o crescente número de edifícios industriais de grande volumetria.



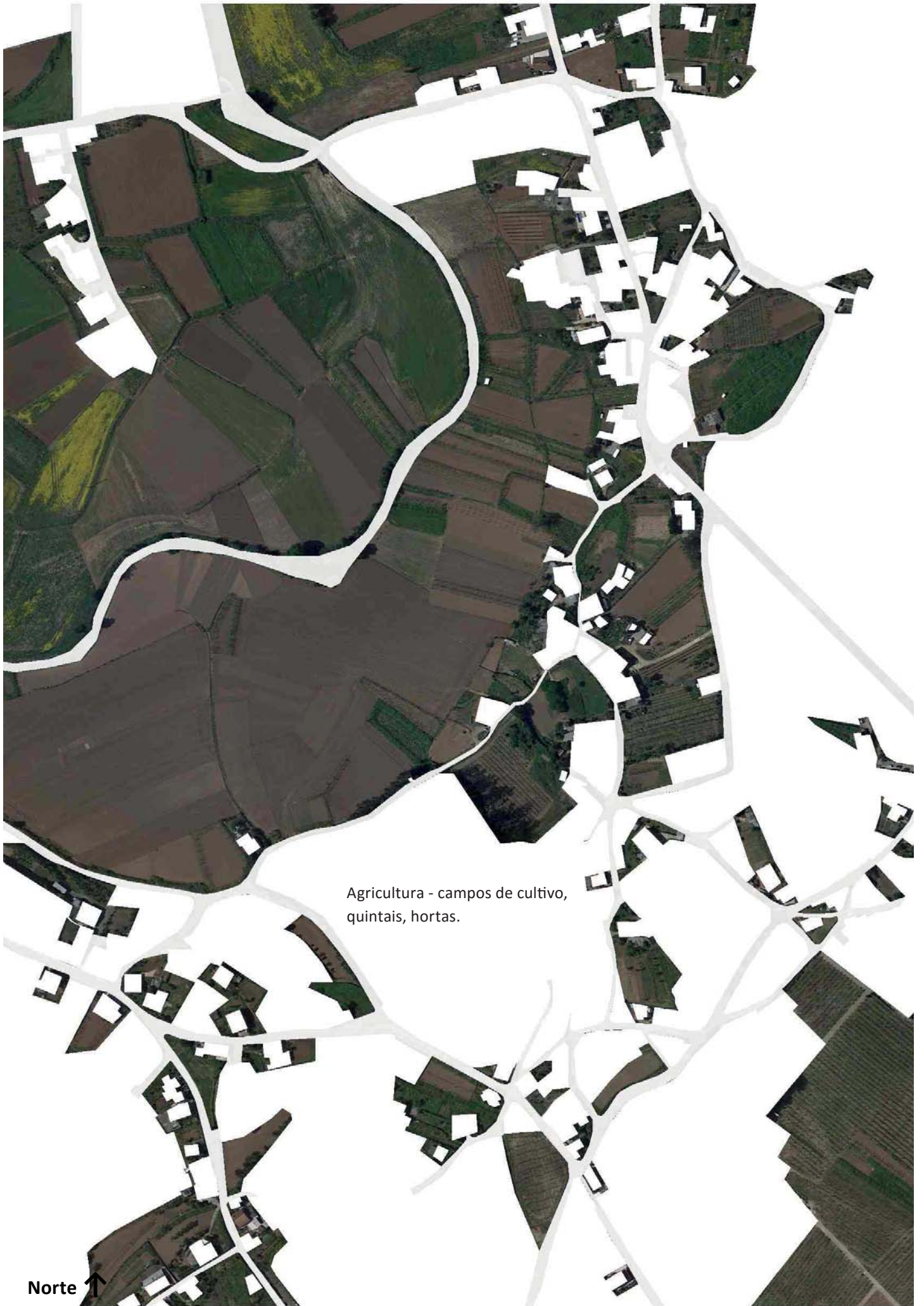
Edifícios industriais  
e de habitação.

Norte ↑

### 3.1.3. Lomba e Costa, Sobrado



Uma das características mais evidentes no vale de Sobrado é a grande presença de elementos de ruralidade. A agricultura está constantemente presente, não apenas nos terrenos ao longo do rio Ferreira, mas em outras áreas a cotas mais elevadas. A escala varia desde os grandes terrenos agrícolas, junto ao rio, às hortas domésticas de menor dimensão, um pouco por todo o território.



Agricultura - campos de cultivo,  
quintais, hortas.

Norte ↑



Nos aglomerados da Lomba e da Costa, as casas e os edifícios em geral implantam-se ao longo de ruas que serpenteiam o território. Mais além dos edifícios, o território é constituído por terrenos de delimitação mais ou menos evidente, de dimensões variantes e de funções mais ou menos claras. Alguns terrenos parecem não ter uma função específica ou única na sua totalidade (primeiro plano na imagem), podendo ser usados como pasto ou aproveitados para pequenas hortas em alguns pontos. Há campos de cultivo ativos visíveis de qualquer ponto de vista.



Em terrenos aparentemente abandonados (no primeiro plano da imagem) surgem hortas que possivelmente serão de natureza mais recreativa. É evidente também uma grande diversidade de usos e ocupações do território - terreno sem uso aparente, hortas, casas com jardim sem agricultura, edifícios empresariais, pavilhões industriais, bouças, vinhas - formando amálgamas variadas.



A grande maioria dos edifícios são casas unifamiliares, cujas características são quase tão diversas quanto o seu número. Apresentam várias dimensões mas a impressão geral é a de uma escala modesta. Os terrenos correspondentes são igualmente modestos e preenchidos de diversas formas, entre a impermeabilização total, os jardins, os quintais, ou a mistura de algumas ou todas estas funções. Quando maiores, são normalmente usados para a agricultura. De uma forma geral, os jardins situam-se na frente da casa e os quintais e hortas podem situar-se na frente ou nas traseiras. Nestas casas viverá quem possivelmente procurou ter mais espaço e um terreno para cuidar, agrícola ou não.

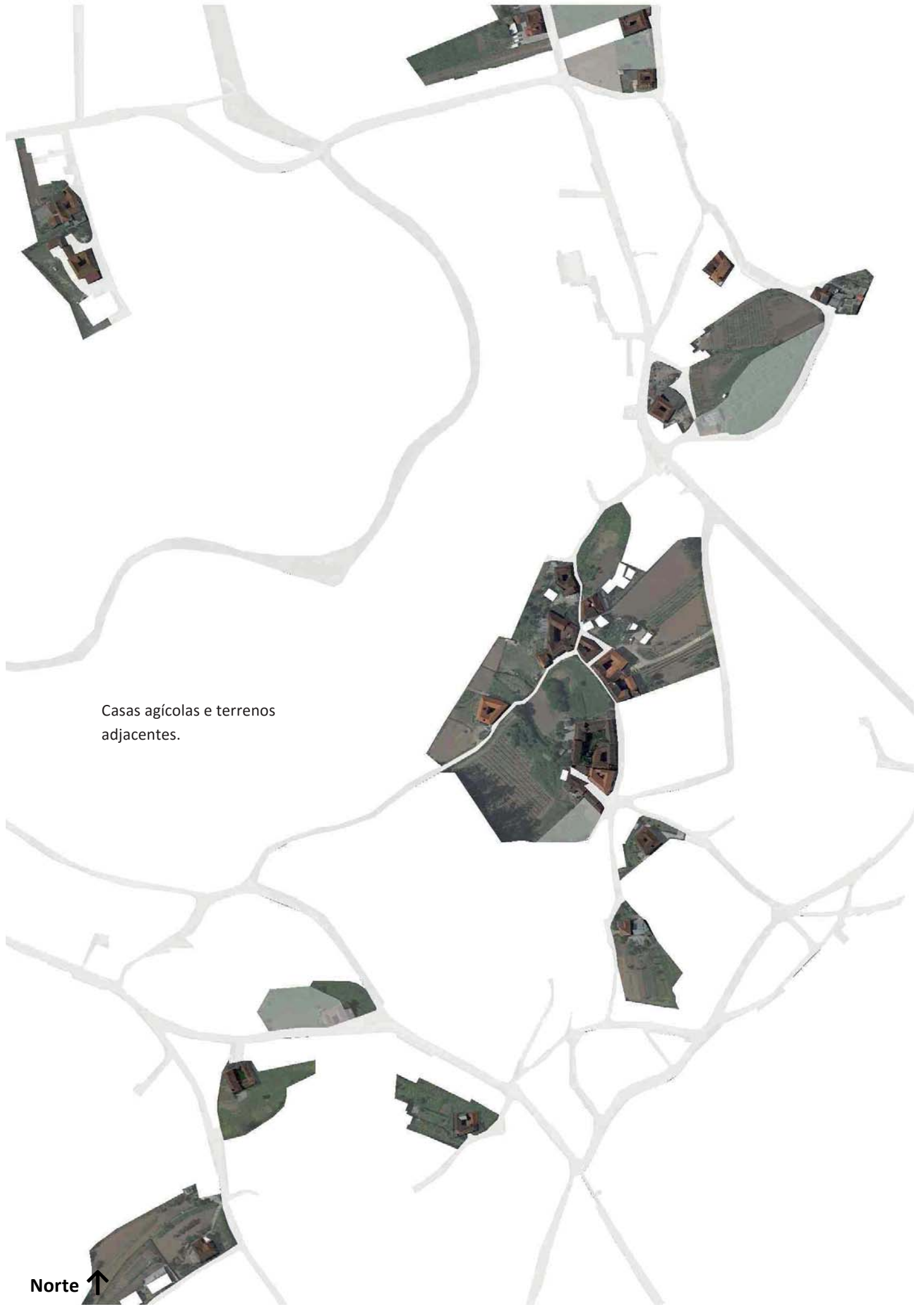


Habitações unifamiliares,  
na maioria de volumetria  
simples, geralmente afastadas  
dos limites do terreno ou  
geminadas.

Norte ↑



Tanto na área da Lomba como da Costa encontram-se casas agrícolas dispersas pelo território. Na Costa, porém surge um aglomerado denso de casas agrícolas rodeadas de campos em atividade. Muitas delas aparentam ter manutenção e outras, ainda, terão sido recentemente renovadas.



Casas agrícolas e terrenos adjacentes.

Norte ↑



Encontam-se alguns edifícios abandonados ou em ruínas. Alguns são casas agrícolas que talvez não estando abandonadas, talvez estejam fechadas ou já não sirvam para habitação e careçam de manutenção. Além dos edifícios, também o espaço público é, em alguns pontos, deixado sem manutenção aparente, com plantas daninhas não aparadas e por vezes lixo.



Edifícios e terrenos  
aparentemente ao abandono.

Norte ↑

### 3.2. Comentário final

As três áreas observadas, nomeadamente, o Suzão, a Retorta e a Lomba/Costa, apresentam características genéricas que as tornam semelhantes entre si e, de igual modo, a outras áreas, noutros territórios. Características essas que reconhecemos em alguns temas como a mistura de usos do solo - da habitação à indústria ou da agricultura à floresta -, o desenvolvimento assente numa malha viária de raiz rural, a aparente incongruência da organização territorial a diversos níveis, e que, entre outras, são comuns a várias realidades no território urbano fragmentado.

Há também características semelhantes entre as três áreas, que são específicas deste território mais alargado que estudámos. As que podemos apontar, tendo em conta o material apresentado, relacionam-se com as características dos edifícios mais antigos, ou o uso de materiais tradicionais locais, como o xisto; a aparência do espaço público – quer se trate dos materiais ou da fragmentação de passeios –, uma vez que estão sob a administração do mesmo município; ou o próprio lugar físico onde se localizam, que não é reproduzível.

Mas há diferenças que se podem apontar e que as tornam distintas. A paisagem e a economia do Suzão e da Lomba/Costa aparentam ser mais agrícolas que as da área ao sul da Retorta. Campos agrícolas ativos rodeiam os edifícios de diferentes funções nos primeiros, enquanto que no último a envolvente dos edifícios é, predominantemente, mato, enquanto a indústria e os serviços relacionados com a logística são aí muito presentes. No entanto, considerando apenas as porções do território observadas, tanto o Suzão como a Costa/Lomba, aparentam ter um carácter mais urbano que a área ao sul da Retorta, embora os primeiros evidenciem mais a subsistência, ou persistência, da atividade agrícola. Esta impressão talvez se deva à presença de casas aparentemente habitadas por famílias de contextos socioeconómicos mais vantajosos no Suzão, ou à renovação de casas agrícolas na Lomba/Costa, ao mesmo tempo que, na área ao sul da Retorta, a diluição do tecido urbano em áreas de uma paisagem desregrada, que lhe atribui uma imagem aparentemente 'selvagem', ou a envolvente industrial de certas habitações parecem contribuir, de momento, e paradoxalmente, para um carácter mais fechado.

Assim, se a afirmação e disseminação territorial da dimensão urbana decorreu, no passado, das novas formas de ocupação associadas à proliferação de um sistema infraestrutural convergente com uma sociedade industrial apoiada numa nova realidade sociotécnica, na realidade atual a correspondência entre os temas que marcam a paisagem e as leituras correspondentes nem sempre é tão clara.



# Conclusão

O presente trabalho pretendeu investigar a incidência de áreas em Valongo “entre serras” cujo carácter é isolado, ou seja, que permanecem num modo de interação deficitário com o resto do território e que, por isso, se tornem ‘invisíveis’. O território de Valongo “entre serras” é, ele próprio, considerado como desprovido de identidade, tal como muitas áreas do território urbano disperso e fragmentado que não funcionam nem apresentam traços que as aproximem do modelo da cidade canónica. O estudo destas áreas é relevante para o estudo da cidade, não apenas por serem pouco valorizadas por académicos, políticos ou mesmo pelos próprios habitantes – embora áreas semelhantes constituam o habitat da maioria da humanidade – mas sobretudo porque, devido a essa desvalorização, as suas especificidades podem ser desvalorizadas e negligenciadas. Quando tal acontece, torna-se difícil aprofundar o conhecimento que se possa ter dessas áreas e, por consequência, da totalidade do território, perpetuando-se as generalizações equívocas e a falta de visão de futuro.

As características do território urbano que se procurou estudar não são exclusivas de Valongo “entre serras”. Estes territórios são atualmente entendidos como composições de fragmentos interligados em rede e perceptíveis segundo diferentes lógicas de organização económica, social e política. De uma maneira geral, o seu desenvolvimento espacial difuso resulta de mudanças provocadas pela industrialização, mesmo que em certas áreas não diretamente. Essas mudanças dão-se com a evolução a nível dos sistemas de produção, da reorganização social e geográfica do trabalho e da habitação, dos meios de transporte e de comunicação. A prevalência desta maneira de conceber a cidade deve-se à evidência incontornável da expansão exponencial dos tecidos urbanos edificados, que ocuparam fragmentos de áreas outrora rurais, e ao enfraquecimento das forças de composição da cidade histórica pré-industrial como modelo capaz de abarcar todas as mudanças e necessidades da sociedade e da economia.

Esse território fragmentado que é todo ele urbano, mesmo que agrícola, sofre, de uma forma geral, de grande desconhecimento e incompreensão. Com o presente trabalho tentou-se contribuir para a compreensão do território urbano fragmentado através do reconhecimento de áreas desvalorizadas e da observação dos seus elementos constituintes e valores. Correspondendo a fragmentos de paisagem, que não se intrometem, justapondo-se sem sentido na construção cultural consensual e identitária da paisagem, mas reconhecendo que também eles fazem parte dessa composição realizada pela sociedade atual.

Como ponto de partida para o estudo do território invisível em Valongo “entre serras”, investigou-se, primeiramente, a incidência de áreas de carácter isolado, mais desvalorizadas. Para localizar essas áreas que interagem deficitariamente com o resto do território, tal como definido antes, procedeu-se à análise de vários fenómenos indicadores do funcionamento da cidade e relacionados com a percepção.

Organizaram-se esses fenómenos em quatro conceitos gerais: visibilidade, atratividade, conectividade e legibilidade.

A visibilidade está diretamente relacionada com as centralidades e os novos focos de polarização. Estes locais são mais visíveis porque disponibilizam um maior número de serviços, garantindo o cruzamento de um grande número de pessoas.

A atratividade foi ponderada analisando a incidência de dinâmicas construtivas, que moldaram a paisagem urbana através de construção nova nas cerca de três décadas entre a implantação da democracia e a crise económica que se iniciou em 2008. As áreas onde a construção foi mais dinâmica são, em princípio, aquelas onde houve mais investimento, pela garantia de maior retorno para o setor do imobiliário, correspondendo às áreas consideradas mais atrativas.

A conectividade foi avaliada no acesso aos meios de transporte coletivos. As áreas localizadas a uma distância confortável de pontos de paragem de serviços de transporte frequentes estão mais eficazmente conectadas à rede de mobilidade no território.

A legibilidade foi analisada através da percepção da relação entre as partes que constituem o território. De uma forma geral, os locais mais legíveis são aqueles onde melhor se percebe a sua ‘essência’ através da sua imagem aparente.

As análises efetuadas seguindo os conceitos referidos permitiram localizar as áreas de carácter mais isolado, como sendo aquelas onde praticamente não existe concentração de serviços, não se cruzando aí pessoas além dos próprios habitantes locais; a atividade construtiva foi menos dinâmica, supondo-se um certo grau de desvalorização por parte do setor imobiliário; a acessibilidade a transportes públicos é insuficiente, pela distância aos pontos de acesso ou pela baixa frequência dos serviços; e as imagens aparentes nas vias que dão acesso a essas áreas não transmitem eficazmente a sua ‘essência’, ou não permitem perceber a existência delas. Assim, as áreas identificadas que apresentam um carácter mais isolado são aquelas onde estes quatro fatores ocorrem em simultâneo.

O resultado das análises anteriores demonstra uma incidência heterogênea, uma certa assimetria, dos vários fenômenos urbanos. No entanto, tudo isso ocorre sobre uma base paisagística unificadora, explicativa da identidade do território de Valongo “entre serras”. Essa base paisagística evoluiu através de mudanças que, dada a distância temporal, se afiguram hoje como uma constância, ao contrário de mudanças circunstanciais recentes, cujas implicações ainda estão por perceber.

A paisagem é uma criação cultural humana, na qual os elementos são identificados pelos seus limites característicos, atribuindo-lhes significados. Assim, criam-se lugares naturais que são posteriormente completados por elementos artificiais, construídos pelo Homem e de acordo com as suas necessidades. A análise desses elementos, em marcas de ocupação sucessiva, e a sua relação com os elementos naturais, explicam a própria paisagem. Os assentamentos iniciais, que posteriormente surgiram na paisagem, possuem uma estrutura que se relaciona com os lugares na natureza onde foram implantados, estabelecendo, também, uma interpretação específica dessa paisagem.

Constata-se que os assentamentos iniciais, núcleos focais para o desenvolvimento do habitat humano que hoje existe em Valongo “entre serras”, se localizaram em pontos marcantes da sua base paisagística, tais como pequenas elevações proeminentes, atravessamentos de cursos de água ou o cruzamento destes com vias antigas. A relação desses aglomerados com a paisagem percebe-se no paralelismo a cursos de água ou elementos do relevo, com edificação ao longo de cumeeiras ou áreas à mesma cota, edificação ao longo do percurso de vias antigas e nas vistas sobre a própria paisagem.

Os assentamentos iniciais evoluíram e todos os desenvolvimentos que se teve oportunidade de descrever na introdução deste trabalho, moldaram o território urbano atual que se propunha observar. Para tal, realizaram-se vários exercícios de imersão urbana, com o principal intuito de recolher imagens das áreas com carácter isolado já identificadas e iniciar o reconhecimento de especificidades evidentes, como elementos da sua paisagem.

Perante o resultado destes exercícios é evidente a existência de semelhanças entre as três áreas, que fazem parte do mesmo território, mas que se situam em locais distintos e que se distanciam significativamente. As três áreas são consideravelmente rurais e de baixa densidade. Mas no Suzão têm surgido mais

habitações unifamiliares de grandes dimensões com terrenos amplos ajardinados ou com estruturas destinadas ao lazer; na Lomba/Costa, parece haver uma maior incidência da valorização do património agrícola, através da renovação de solares; na Retorta, parece perpetuar-se a tendência para a densificação da malha urbana tortuosa.

Neste trabalho de investigação procurou-se contribuir para o conhecimento de áreas relativamente marginais do território urbano fragmentado. Considerou-se relevante a paisagem como conceito unificador, apaziguador do confronto entre a definição das características tradicionais do território em questão – que por se relacionar com o passado, leva, demasiadas vezes, à rejeição do presente – e a compreensão das suas características atuais. Procurou-se observar essas características tradicionais analisando a base paisagística do território de Valongo “entre serras”. Análise essa que terminou num momento em que é já possível perceber a estrutura do território atual, mas em que todo o desenvolvimento até ao estado presente é suprimido. Na exposição dos resultados dos exercícios de imersão urbana, não se fez essa explicação. Apenas se observou e comentou. Com esta abordagem pretendeu-se complanar a confusão que necessariamente surge da observação do território urbano fragmentado, que facilmente se rejeita, e a paisagem identitária, que mais claramente se percebe e aceita. Crê-se que a paisagem urbana atual e toda a parafernália de elementos, sem explicação aparente, mas decifrável, em alguns dos seus limites, pelo olhar atento, pode ser colocada em paralelo com a amálgama de elementos outrora observados pelo Homem e que o terão aterrorizado na disposição caótica da Natureza.

O conhecimento do território urbano fragmentado, sendo ele tão complexo, requer inúmeras tentativas de apreensão das suas características e especificidades. Muitas experiências de análise poderiam ser levadas a cabo. Na realidade, a paisagem urbana é eloquente o suficiente para possibilitar todas as leituras e pontos de vista, que concordem ou discordem entre si, mas o essencial será reconhecer a sua existência e garantir a sua aceitação para que se possa avançar.

Considera-se que um exercício de criação de um discurso identitário da paisagem pode ser mais detalhado, pode incorporar outros elementos, não se cingindo à observação do passado. Mas é possível, também, que ao fazer esse exercício, se corra o risco de incorrer numa prática ficcional. No caso específico de

Valongo “entre serras”, os dados disponíveis na Carta Arqueológica são, em alguns casos, hipotéticos. Deste modo, para criar um discurso com sentido, consideram-se certas hipóteses como factos, tendo-se criado, a partir daí, uma narrativa explicativa que, embora completamente verosímil, poderia ser diferente.

É importante que o ponto de partida para uma incursão na paisagem urbana seja a observação imparcial. Ao observar áreas com carácter isolado, e tendo-as identificado por oposição a outras com maior diversidade de serviços, mais dinamismo construtivo, maior proximidade à rede de mobilidade e mais claramente integradas na estrutura do território, é possível que se espere encontrar áreas inertes. No entanto, as áreas observadas no Suzão, na Retorta e na Lomba/Costa, não estão paralisadas. A sua posição marginal no território não as torna anódinas. Tal como as suas características rurais e a agricultura ativa, não as torna necessariamente mais fechadas ou menos urbanas.

Nas áreas desruralizadas, tais como as três que observámos, tornam-se evidentes as mudanças da própria sociedade. Nos espaços ‘libertados’ das suas lógicas tradicionais parece ser possível projetar aspirações de todo o género, sem com isto querer-se ser depreciativo, mas apenas sugerindo que possa ser em áreas como estas que o território urbano se adapte a estilos de vida urbanos contemporâneos, que existem em paralelo com a vontade de viver em centros tradicionais densos e característicos, como se tem assistido, por exemplo, no centro histórico da cidade do Porto.

Se se tomar o exemplo do Suzão, algumas áreas de campos agrícolas parecem estar a dar lugar a propriedades sem qualquer traço de atividade agrícola, com casas unifamiliares de grandes dimensões, jardins amplos, piscinas ou campos de ténis. No entanto, revelam uma certa aptidão para envolventes “naturais”. É possível que esse interesse se relacione com as dimensões das propriedades e os preços acessíveis das mesmas, uma vez que estas áreas terão uma cotação de mercado mais baixa que outras mais centrais ou mais características. É também possível que o interesse seja pelos espaços abertos, pela proximidade da natureza, pelo ambiente mais calmo, pela possibilidade de praticar exercício físico no exterior.

O interesse pelo tradicional, talvez resultante de sentimentos nostálgicos, talvez na procura da confirmação da contemporaneidade do gosto pelo campo – visível, por exemplo, nas hortas urbanas –, pode também levar à procura das paisagens identitárias relacionadas com o passado agrícola. O exemplo da Lomba/Costa,

uma área plenamente localizada entre campos de cultivo, especialmente no núcleo de solares agrícolas, afigura-se como a ideal para um estilo de vida de “camponês” urbano. A renovação dessas edificações tradicionais, que já é visível, pode inclusivamente ser o início da revitalização urbana de áreas como esta, realçando a sua identidade agrícola, onde a agricultura é, há já algum tempo, também urbana.

O menor dinamismo do setor imobiliário, tal como enunciado na análise da atratividade, pode também representar uma oportunidade para viver mais próximo da natureza. Na Retorta, a tendência atual parece ser a renovação de edificações e uma maior densificação do tecido urbano, quer através de infilling, quer através de construção ao longo de arruamentos existentes. Mas na área observada, a sul desse aglomerado, ainda existem amplas áreas de mato. A localização de habitações nesta área deve-se, certamente, à disponibilidade de lotes para construção ou moradias construídas para venda. No entanto, é sugerida uma área de paisagem aparentemente intocada e completamente natural, no sopé da serra, onde um estilo de vida urbano será possível, mas realmente muito próximo da natureza.

Estas são algumas interpretações que levam a pensar que seria necessário analisar também um pouco além dos fenómenos eminentemente físicos. A liberdade de localização no território urbano fragmentado, juntamente com a aparente mudança de paradigma resultante da crise económica de 2008 com impacto no sector imobiliário, parecem indicar uma necessidade de pensar a atratividade das áreas urbanas na adequação destas aos estilos de vida vigentes e outros emergentes e às práticas correntes de construção e de renovação de edifícios. Esta foi, talvez, uma análise que ficou por fazer.

Uma outra questão, que talvez se afigure mais como uma dificuldade que se sentiu na presente investigação, é a sensação de artificialidade ao estruturar uma análise a partir do que se observa, procurando explicações posteriormente. Esta dificuldade parece surgir da grande quantidade de análises e teorias normatizadoras da cidade, que cria um certo tipo de discurso, indutor de discursos semelhantes.

Além disso, a marginalização das áreas de carácter isolado, no quanto isso tem de incompreensão ou inadequação das práticas de planeamento, parece tornar-se uma questão filosófica. Como pôde ser constatado durante os exercícios de imersão urbana, não se tratam, necessariamente, de áreas com problema sociais graves, apesar de certas deficiências a nível da dotação de serviços. Trata-se, antes,

da forma como essas áreas são concebidas teoricamente, como entidades erradas e que urge serem erradicadas. Pelo contrário, talvez essa concepção possa ser revista, concebendo-se teorias adequadas a elas.

Pareceria interessante pensar uma nova incursão no tema deste estudo, complementando os exercícios de imersão urbana com explicações dos elementos observados e dos fenómenos a eles associados, num método de investigação inverso ao que se apresenta na presente dissertação.

Talvez fosse igualmente interessante tentar criar um discurso identitário da paisagem que fosse além das interpretações mais tradicionais. Um discurso que não passasse tão imediatamente pelos elementos naturais e de como a organização destes pode ser explicada pelos diversos níveis de artificialização levada a cabo pelo Homem, no processo de aculturação da paisagem. Seria interessante partir dos elementos mais próximos, com os quais o Homem se relaciona, hoje, mais diretamente, eles próprios parte da paisagem cultural contemporânea, identificando elementos e percebendo significados.

O ponto de vista da compreensão holística da paisagem, que se pretendeu que fosse o do presente estudo na qual nada pode ser deixado de lado, talvez possa contribuir para a reformulação teórica necessária à compreensão do território invisível. Para que este não seja encarado como uma série de fragmentos marginais, estranhos por terem características diferentes, mas como parte integrante do território urbano, onde as partes, quer se tratem de núcleos históricos densos ou áreas agrícolas com algumas casas, funcionem em simbiose, porque todas têm especificidades positivas, significados diferentes válidos e porque todas coexistem no mesmo território urbano fragmentado que se quer completamente funcional.

# Bibliografia

- ASCHER, François. Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade. Oeiras: Celta, 1996.
- BENCSEKY, Beatrix. "Creating Identity - Scale Design for Mega-City Regions" in THIERSTEIN, Alain, FÖRSTER, Agnes (ed.). The Image and The Region – Making Mega-City Regions Visible! Baden: Lars Müller Publishers, 2008. pp. 227-251.
- BOERI, Stefano, "Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city" in Daidalos 69/70. (December 1998 / January 1999), p. 102-113.
- BORJA, Jordi. El Espacio Publico: Ciudad y Ciudadanía. Barcelona: Electa, 2003.
- BORJA, Jordi, CASTELLS, Manuel. Local & Global - Management of Cities in the Information Age. colab. BELIL, Mireia, BENNER, Chris. London: Earthscan, 1997.
- CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- DOMINGUES, Álvaro. "Paisagem e Identidade: À Beira de Um Ataque de Nervos." in Duas Linhas = Two Lines. COSTA, Pedro Campos, LOURO, Nuno, 1ª ed. Porto: Circo de Ideias, 2009.
- DOMINGUES, Álvaro. "Transgénicos." in Arquitectura em Lugares Comuns. TAVARES, André, OLIVEIRA, Ivo (Ed.), 1ª ed. Porto: Dafne, 2008. pp. 27-33.
- DOMINGUES, Álvaro, PORTAS, Nuno (et al). Cidade e Democracia : 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal. Lisboa: Argumentum, 2006.
- GAUTIER, Paul. "Identity, Scale, Flexibility." in Quaderns 227 – Habitualment/Habitually. 2000. p. 23.
- KING, Anthony. Spaces of Global Cultures : Architecture Urbanism Identity. London: Routledge, 2004.
- KOOLHAAS, Rem. "The Generic City". in KOOLHAAS, Rem. Small, Medium, Large, Extra-Large. New York: The Monacelli Press, 1998. pp. 1248-1264.
- LÓPEZ DE LUCIO, Ramón. Ciudad y Urbanismo a finales del siglo XX. Valencia: Serrei de Publicaciones Universitat, 1993.
- LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70, 1999.

NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci : Towards a Phenomenology of Architecture. 1st ed. New York: Rizzoli, 1980.

PANERAI, Philippe. Analyse Urbaine. Marseille: Éd. Parenthèses, 1999.

PEREIRA, Carlos; Prof. responsável Manuel Fernandes de Sá. Identidades Urbanas em Território Fragmentado - O Caso de Valongo Entre Serras. Porto: FAUP, 2009.

PETRIN, Julian. "Stimulating the Second Space - Image Power Space: On Legibility and Stimulation of Space" in THIERSTEIN, Alain, FÖRSTER, Agnes (ed.). The Image and The Region – Making Mega-City Regions Visible! Baden: Lars Müller Publishers, 2008. pp. 155-167.

PORTAS, Nuno. Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias e Oportunidades. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PRIMAS, Urs. "Going beyond identity". in THIERSTEIN, Alain, FÖRSTER, Agnes (ed.). The Image and The Region – Making Mega-City Regions Visible! Baden: Lars Müller Publishers, 2008. pp. 189-205.

REIS, Pe. J. A. Lopes. A Villa de Vallongo. Porto: Typographia Coelho, 1904.

SALGUEIRO, Teresa Barata. A Cidade em Portugal: Uma Geografia Urbana. Porto: Afrontamento, 1992.

SIEVERTS, Thomas. Cities Without Cities. An Interpretation of the Zwischenstadt. London & New York: Spon Press, 2003.

SILVA, Cidália. "Dissipar Equívocos: Saber Ver o Território Contemporâneo." in Arquitetura em Lugares Comuns. TAVARES, André, OLIVEIRA, (Ed.), 1ª ed. Porto: Dafne, 2008. pp. 35-42

SILVA, João Belmiro Pinto da, GOMES, Catarina Sofia, COSTA, José Carlos. Valongo : da Estrada e da Viagem no Tempo... Paços de Ferreira : Anégia, 2000.

SIMMEL, Georg, "The Philosophy of Landscape" in Theory, Culture & Society. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore: SAGE. Vol. 24 (7-8) (2007).

TAJBAKSH, Kian. The Promise of the City : Space, Identity, and Politics in Contemporary Social Thought. Berkeley: University of California Press, 2001.

TELES, Paula. Os Territórios Sociais da Mobilidade : Um Desafio Para a Área Metropolitana do Porto. Aveiro: Lugar do Plano, 2005.

### **Periódicos:**

JA 228 – Público. 2007

JA 231 – Cidade. 2008.

Quaderns 227 – Habitualment/Habitually. 2000

Quaderns 231 – En Tránsito/In Transit. 2000

Quaderns 238 – Hiperurbano/Hyperurban. 2003

### **Outros documentos consultados:**

PINTO, José M. S. Mendes. Carta Arqueológica do Concelho de Valongo. 1992.

Plano Director Municipal do Concelho de Valongo.

Planta Digital do Concelho de Valongo.

Planta Militar do Concelho de Valongo.

### **Créditos das fotografias e plantas:**

As fotografias numeradas de 1. a 30. foram geradas recorrendo ao site [www.google.pt/maps](http://www.google.pt/maps), no modo 'street view'.

As restantes fotografias incluídas neste trabalho são da nossa autoria.

Todas as plantas incluídas nesta prova foram realizadas por nós com base no material cartográfico que nos foi disponibilizado, bem como no levantamento cartográfico das atividades do sector terciário nas três freguesias estudadas, também realizado por nós.

### **Agradecimentos:**

À professora Teresa Calix, pela orientação e entusiasmo.

À minha família, pelo incentivo constante. Aos meus amigos, pelo interesse. Ao Gustavo, por ouvir os meus raciocínios. A Bruno por su disponibilidad para discutir ideas. Ao Pedro por me ajudar a desbloquear e lembrar-me que também é necessário descansar.

À Câmara Municipal de Valongo e ao Museu Municipal de Valongo pela disponibilização de material.